UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

NAYANA CORRÊA BONAMICHI

Favela Olímpica e Pós-Olímpica:

Dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas em três favelas do Rio de Janeiro no período 2008-2019

São Paulo
2021

NAYANA CORRÊA BONAMICHI

Favela Olímpica e Pós-Olímpica:

Versão corrigida

Material submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Planejamento Urbano e Regional

Linha de Pesquisa: Economia, Sociedade e Território

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Rolnik

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DA ORIENTADORA. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade. São Paulo, 01 de julho de 2021.

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Bonamichi, Nayana Corrêa

Favela Olímpica e Pós-Olímpica: Dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas em três favelas do Rio de Janeiro no período 2008-2019 / Nayana Corrêa Bonamichi; orientadora Raquel Rolnik. - São Paulo, 2021.
237 p.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Planejamento Urbano e Regional.

1. Favelas. 2. Megaeventos. 3. Dinâmicas Demográficas. 4. Dinâmicas Econômicas. I. Rolnik, Raquel, orient. II. Título.

Nome: BONAMICHI, Nayana Corrêa

Título: Favela Olímpica e Pós-Olímpica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 09 de junho de 2021

Banca Examinadora

Profa. Dra. Raquel Rolnik

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Maria de Lourdes Zuquim

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)

Julgamento: Aprovada

Prof. Dra. Bianca Freire Medeiros

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

Julgamento: Aprovada

Prof. Dra. Lucia Maria Machado Bógus

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Julgamento: Aprovada

Dra. Patrícia Ramos Novaes

Instituição: Observatório das Metrópoles (IPPUR/UFRJ)

Julgamento: Aprovada

Para Mayara, Lucilene e Junior

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos os moradores, moradoras e comerciantes do Vidigal, Pereira da Silva e Tavares Bastos, que com muita disposição abriram suas casas e negócios e dedicaram alguns minutos do seu dia para responder aos questionários desta pesquisa;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo apoio possibilitou a concretização deste projeto;

À Raquel Rolnik, que abraçou o trabalho e topou fazê-lo acontecer;

Ao Cássio Almeida, estatístico que gentilmente me assessorou no desenho da amostra a ser coletada;

Ao André Gosi, da Associação de Moradores da Vila do Vidigal, que não poupou esforços para que este levantamento fosse possível;

Ao pessoal do ColetivAção Vidigal, que me apoiou nesta empreitada;

Ao André Koller, pelo incansável trabalho de exploração no projeto “Vidigal 100 Segredos”;

À Carol Bringel e Mathias, da “família Hostelzinho”, que me deram um lar que me permitiu viver intensamente o Vidigal;

Ao Sr. Pantanal, PJ Guerra e outros “crias” do Vidiga;

À Dona Rosa, “patrimônio” do Vidigal, que algumas vezes me acolheu em sua loja quando os confrontos começavam;

À Julia Santiago e Mari, que com toda paciência se debruçaram sobre as questões colocadas por esta pesquisa com seu olhar de moradoras para me ajudar a melhorá-las;

Ao Cristiano Kiko e à Fátima Nascimento, do Centro Comunitário Social Tavares Bastos, que me receberam de braços abertos;

Ao Gabriel Santanna e Néia, da Pousada Favelinha, que me acolheram como família;

À Kelly, da Associação de Moradores da Comunidade Pereira da Silva, e ao Cirlan, do Projeto Morrinho, pelo apoio à pesquisa.

RESUMO

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Favela Olímpica e Pós-olímpica: Dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas em três favelas do Rio de Janeiro no período 2008-2019.** 2021. 236 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A implementação de Unidades de Polícia Pacificadora em algumas favelas cariocas, a iminência dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016, os avanços nas políticas nacionais de redistribuição de renda e o aumento do poder de compra das classes localizadas na base da pirâmide social brasileira no período pós-2003 são alguns dos fatores que contribuíram para a formação de novas dinâmicas econômicas e demográficas em algumas favelas cariocas durante a chamada década dos megaeventos (2007-2016). Neste trabalho, lançamos um olhar atualizado sobre as novas dinâmicas demográficas e econômicas instauradas em três favelas localizadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro dentro do que chamamos aqui de período olímpico (2008-2016) e pós-olímpico (2016-2019). Apoiados em estratégias metodológicas de natureza distintas quali e quantitativas, levantamos dados sobre o perfil socioeconômico dos moradores e o perfil do comércio nas favelas Vidigal, Tavares Bastos e Pereira da Silva. Partindo de uma amostra probabilística sistemática de questionários semiestruturados aplicados a 495 domicílios e 186 estabelecimentos comerciais e de serviço nas três áreas estudadas, analisamos os impactos deste período no perfil socioeconômico da população destes espaços e no perfil do comércio local à luz dos conceitos de gentrificação, gentrificação turística e turistificação. Nossa hipótese é de que a redução dos fenômenos ocorridos nestes espaços aos processos acima citados não consegue explicar a complexidade dos fenômenos espaciais, demográficos e econômicos que de fato ocorreram nestes territórios. Acreditamos que o período que procede a pacificação de algumas favelas da cidade do Rio de Janeiro é marcado pela formação de novos movimentos migratórios e econômicos que, em alguns casos, apresentam características semelhantes a um processo de gentrificação, mas que ocorrem de forma paralela a outras dinâmicas demográficas e econômicas bastante relevantes e pouco aprofundadas nos estudos que se debruçaram sobre o assunto. Uma melhor compreensão dos fenômenos que tomaram forma nos últimos anos nestes espaços demanda um olhar ampliado e atualizado sobre estes territórios.

Palavras-chave: Favelas. Megaeventos. Dinâmicas Demográficas. Dinâmicas Econômicas. Gentrificação. Gentrificação Turística.

ABSTRACT

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Olympic and Post-Olympic Slum: Spatial, demographic and economic dynamics in three Rio de Janeiro slums in the period 2008-2019.** 2021. 236 p. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The implementation of Unidades de Polícia Pacificadora in some Rio slums, the imminence of 2014 and 2016 sports mega-events, advances in national income redistribution policies and the increase in the purchasing power of classes located at the base of the Brazilian social pyramid in the post- 2003 are some of the factors that contributed to the formation of new economic and demographic dynamics in some Rio slums during the so-called mega-events decade (2007-2016). In this work, we take an updated look at the new demographic and economic dynamics established in three slums located in the south zone of Rio de Janeiro city within what we call here the Olympic (2008-2016) and post-Olympic (2016-2019) period. Supported by different methodological strategies natures (qualitative and quantitative), we collected residents socioeconomic profile data and commercial and service establishments profile data on Vidigal, Tavares Bastos and Pereira da Silva slums. Starting from a systematic probabilistic sample of semi-structured questionnaires applied to 495 households and 186 commercial and service establishments in the three studied areas, we analyzed the impacts of this period on the population socioeconomic profile of these spaces and their local commerce profile under the light of gentrification, tourist gentrification and touristification concepts. Our hypothesis is that the reduction of the phenomena that occurred in these spaces to these processes mentioned above cannot explain the complexity of the spatial, demographic and economic processes that actually occurred in these territories. We believe that the Rio de Janeiro post slum pacifies period is marked by the formation of new migratory and economic movements that, in some cases, have similar characteristics to a gentrification process, but these processes occur in parallel to others very relevant demographic and economic dynamics and little depth in the studies that have looked into this subject. A better understanding of the phenomena that have taken shape in recent years in these spaces requires an expanded and updated look at these territories.

Keywords: Favelas. Mega-events. Demographic Dynamics. Economic Dynamics. Gentrification. Tourist Gentrification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz de divulgação da pesquisa em ponto estratégico (caixa eletrônico) - Vidigal.....	37
Figura 2 – Cartaz de divulgação da pesquisa em ponto estratégico (transporte coletivo) – Tavares Bastos.....	38
Figura 3 – Cartaz de divulgação da pesquisa em ponto estratégico (vias de acesso) – Pereira da Silva	39
Figura 4 – Capa do material produzido para a divulgação dos resultados da pesquisa para os moradores locais - Vidigal	40
Figura 5 - Capa do material produzido para a divulgação dos resultados da pesquisa para os moradores locais – Tavares Bastos	41
Figura 6 - Capa do material produzido para a divulgação dos resultados da pesquisa para os moradores locais – Pereira da Silva	42
Figura 7 - Morro do Vidigal.....	48
Figura 8 – Morro do Vidigal – Vista da encosta sul	49
Figura 9 – Morro do Vidigal – Vista da ocupação da encosta sul a partir da “área do IPTU”	49
Figura 10 – Vista das praias do Leblon e Ipanema a partir das ruas “área do IPTU”	50
Figura 11 – Vista da Vila Pereira da Silva a partir do bairro Laranjeiras – início dos anos 2000	52
Figura 12 – Vila Pereira da Silva vista a partir da parte baixa (bairro Laranjeiras)	53
Figura 13 – Vila Pereira da Silva – Acesso pela parte alta (bairro Santa Teresa)	54
Figura 14 – Vista do Pão de Açúcar a partir da Vila Pereira da Silva	55
Figura 15 – Vila Pereira da Silva – parte alta	56
Figura 16 – Vista do Pão de Açúcar da Vila Pereira da Silva	57
Figura 17 – Vista aérea Tavares Bastos	59
Figura 18 – Quadra comunitária Tavares Bastos	60
Figura 19 – Vista do prédio do BOPE a partir da Tavares Bastos.....	61
Figura 20 – Travessa Tavares Bastos	62
Figura 21 - Capa da Revista O Globo, Ano 5, No 235 de janeiro de 2009	149
Figura 22 - Capa do Jornal O Globo de 25 de janeiro de 2009	150
Figura 23 - Página do Jornal O Estado de São Paulo de 01 de março de 2009.....	151
Figura 24 - Página do BZ Journal de 15 de fevereiro de 2009	152
Figura 25 - Antigo imóvel localizado onde hoje fica a Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista superior).....	183

Figura 26 - Antigo imóvel localizado onde hoje fica a Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista inferior).....	183
Figura 27 - Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista superior).....	184
Figura 28 - Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista inferior).....	184
Figura 29 - Imóvel localizado onde hoje fica o Bar da Laje	185
Figura 30 - Imóvel localizado onde hoje é a Casa Alto Vidigal	185
Figura 31 - Entrada do Bar da Laje	186
Figura 32 - Fachada do Alto Vidigal Guesthouse e o austríaco Andreas Wielend, seu fundador.	186
Figura 33 - Fachada da Alto Vidigal Guesthouse	187
Figura 34 - Antigos imóveis localizados onde hoje se encontram o Bar da Laje e Alto Vidigal.....	187
Figura 35 - Bar da Laje	188
Figura 36 - Antigo Alto Vidigal Guest House, hoje Bar 180º Alto Vidigal	188
Figura 37 - Antigo Alto Vidigal Guest House, hoje Bar 180º Alto Vidigal	189
Figura 38 - Hotel Boutique Mirante do Arvrão	189
Figura 39 - Hotel Boutique Mirante do Arvrão	190
Figura 40 - Construção da Casa de Vidro, antiga produtora de vídeos e hoje casa de aluguel por temporada localizada no Arvrão	190
Figura 41 - Construção da Casa de Vidro, antiga produtora de vídeos e hoje casa de aluguel por temporada localizada no Arvrão	191
Figura 42 – Interior da Casa de Vidro	191
Figura 43 – Interior da Casa de Vidro	192
Figura 44 - Arquiteto e artista plástico Helio Pellegrino na laje onde seria o então Hotel Boutique Mirante do Arvrão	193

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Domicílios particulares permanentes por setor censitário (Censo IBGE 2010)_	31
Mapa 2 - Distribuição dos domicílios entrevistados - Vidigal_____	32
Mapa 3 – Distribuição dos domicílios entrevistados – Pereira da Silva _____	32
Mapa 4 – Distribuição dos domicílios entrevistados – Tavares Bastos_____	33
Mapa 5 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados – Vidigal _____	34
Mapa 6 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados – Pereira da Silva _____	35
Mapa 7 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados – Tavares Bastos _____	36
Mapa 8 – Localização das áreas estudadas _____	44
Mapa 9 - Evolução da ocupação urbana do Vidigal e sistema viário principal _____	46
Mapa 10 – Vidigal – Delimitação da área pesquisada e “Área do IPTU” _____	47
Mapa 11 – Delimitação da área pesquisada – Pereira da Silva _____	51
Mapa 12 – Delimitação da área pesquisada – Tavares Bastos _____	58
Mapa 13 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a naturalidade de seus responsáveis - Vidigal _____	71
Mapa 14 - Predominância de naturalidade do responsável pelo domicílio entrevistado por setor censitário - Vidigal _____	72
Mapa 15 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a naturalidade de seus responsáveis – Pereira da Silva _____	73
Mapa 16 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a naturalidade de seus responsáveis – Tavares Bastos_____	73
Mapa 17 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o último local de moradia de seu responsável antes de se mudar para o Vidigal _____	77
Mapa 18 - Predominância de último local de moradia do responsável do domicílio antes de se mudar para o Vidigal por setor censitário _____	77
Mapa 19 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o último local de moradia de seu responsável antes de se mudar para a Pereira da Silva _____	78
Mapa 20 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o último local de moradia de seu responsável antes de se mudar para a Tavares Bastos _____	78
Mapa 21 – Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o ano de mudança de seu responsável para o Vidigal – Marco temporal 2012 _____	80
Mapa 22 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o nível de escolaridade de seu responsável – Vidigal_____	85

Mapa 23 - Predominância de nível de escolaridade do responsável pelo domicílio entrevistado por setor censitário _____	86
Mapa 24 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o nível de escolaridade de seu responsável – Pereira da Silva _____	86
Mapa 25 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o nível de escolaridade de seu responsável – Tavares Bastos _____	87
Mapa 26 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a cor/raça de seu responsável - Vidigal _____	89
Mapa 27 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a cor/raça de seu responsável – Pereira da Silva _____	90
Mapa 28 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a cor/raça de seu responsável – Tavares Bastos _____	90
Mapa 29 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a renda domiciliar média mensal em salários mínimos (SM) - Vidigal _____	95
Mapa 30 - Predominância de renda média mensal domiciliar por setor censitário _____	95
Mapa 31 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a renda domiciliar média mensal em salários mínimos (SM) – Pereira da Silva _____	96
Mapa 32 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a renda domiciliar média mensal em salários mínimos (SM) – Tavares Bastos _____	96
Mapa 33 – Mapa síntese de predominâncias (naturalidade, escolaridade, renda domiciliar, densidade habitacional e valor pago pelo aluguel) _____	99
Mapa 34 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel onde funciona - Vidigal _____	114
Mapa 35 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel onde funciona – Pereira da Silva _____	114
Mapa 36 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel onde funciona – Tavares Bastos _____	115
Mapa 37 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com seu público principal - Vidigal _____	117
Mapa 38 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com seu público principal – Pereira da Silva _____	117
Mapa 39 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com seu público principal – Tavares Bastos _____	118
Mapa 40 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a percepção de seus responsáveis sobre o impacto do movimento de turistas no morro sobre seus negócios - Vidigal _____	119

Mapa 41 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a percepção de seus responsáveis sobre o impacto do movimento de turistas no morro sobre seus negócios – Pereira da Silva _____	120
Mapa 42 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a percepção de seus responsáveis sobre o impacto do movimento de turistas no morro sobre seus negócios – Tavares Bastos _____	120
Mapa 43 - Localização dos estabelecimentos de hospedagem entrevistados - Vidigal _	140
Mapa 44 - Localização dos estabelecimentos de hospedagem entrevistados – Pereira da Silva _____	140
Mapa 45 - Localização dos estabelecimentos de hospedagem entrevistados – Tavares Bastos _____	141
Mapa 46 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel - Vidigal _____	159
Mapa 47 - Predominância de condição de ocupação dos imóveis entrevistados por setor censitário _____	160
Mapa 48 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel – Pereira da Silva _____	160
Mapa 49 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel – Tavares Bastos _____	161
Mapa 50 - Distribuição dos domicílios localizados em imóveis alugados de acordo com o valor pago pelo aluguel - Vidigal _____	166
Mapa 51 - Delimitação de setores censitários e densidade populacional por setor censitário – Vidigal (hab/ha) _____	167
Mapa 52 – Predominância de valor mensal pago pelo aluguel por setor censitário - Vidigal _____	167
Mapa 53 - Distribuição dos domicílios localizados em imóveis alugados de acordo com o valor pago pelo aluguel – Pereira da Silva _____	168
Mapa 54 - Distribuição dos domicílios localizados em imóveis alugados de acordo com o valor pago pelo aluguel – Tavares Bastos _____	168
Mapa 55 – Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o ano de mudança de seu responsável para o Vidigal – Marcos temporais 2012 e 2016 _____	202
Mapa 56 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com o ano de início de suas atividades – Vidigal – Marcos temporais 2012 e 2016 _____	206

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índice de Desenvolvimento Social (IDS) e seus indicadores constituintes, Município do Rio de Janeiro, Região de Planejamento Zona Sul e áreas estudadas - 2010	45
Tabela 2 - Escolaridade da população residente por área estudada, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil (%)	84
Tabela 3 - Cor / Raça da população residente por área estudada, RP Zona Sul, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil	89
Tabela 4 - Rendimento médio mensal por área estudada, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil	92
Tabela 5 - Rendimento médio mensal domiciliar por área estudada	93
Tabela 6 - Local de moradia dos funcionários de estabelecimentos locais e que não viviam na área estudada na data da entrevista	112
Tabela 7 - Domicílios por condição de ocupação para as áreas estudadas, domicílios localizados em e fora de assentamentos precários, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil	158
Tabela 8 - Valor médio de aluguel de imóvel residencial sem especificação de tipologia, tamanho ou localização para as áreas estudadas	165
Tabela 9 - Média do número de pavimentos das edificações locais	170
Tabela 10 - Gentrification vs. Touristification: revealing the differences	221

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Vítimas de morte por intervenção de agente do Estado – estado do Rio de Janeiro – 2003 a 2020 _____	65
Gráfico 2 - Proporção de moradores nativos e não nativos nas áreas estudadas _____	68
Gráfico 3 - Ano de mudança dos(as) responsáveis pelos domicílios entrevistados para as áreas estudadas _____	69
Gráfico 4 - Naturalidade dos moradores por área estudada _____	69
Gráfico 5 - Naturalidade dos moradores migrantes por região do país para as áreas estudadas _____	70
Gráfico 6 - Naturalidade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal _____	75
Gráfico 7 - Último local de moradia do(a) responsável pelo domicílio antes de se mudar para a área estudada _____	76
Gráfico 8 - Último local de moradia segundo tempo que vive no Vidigal _____	80
Gráfico 9 - Motivos que levaram o(a) responsável pelo domicílio a escolher a área em questão como local de moradia _____	81
Gráfico 10 - Motivos da mudança para o Vidigal segundo seu tempo de moradia no local _____	82
Gráfico 11 - Escolaridade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal _____	88
Gráfico 12 - Cor ou raça de acordo com o tempo de moradia no Vidigal _____	91
Gráfico 13 - Rendimento médio mensal por faixa salarial para as áreas estudadas _____	93
Gráfico 14 - Rendimento domiciliar médio mensal por faixa salarial para as áreas estudadas _____	94
Gráfico 15 - Renda média domiciliar de acordo com o tempo de moradia do(a) responsável pelo domicílio no Vidigal _____	97
Gráfico 16 - Proporção de proprietários(as) de estabelecimentos comerciais e de serviço nativos e não nativos das áreas estudadas _____	104
Gráfico 17 - Ano de mudança dos(as) proprietários(as) não nativos para a área estudada _____	105
Gráfico 18 - Naturalidade dos(as) proprietários(as) dos estabelecimentos comerciais e de serviço _____	106
Gráfico 19 - Naturalidade e local de moradia dos(as) proprietários(as) dos estabelecimentos comerciais e de serviço locais _____	107
Gráfico 20 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) de estabelecimentos comerciais e de serviço que não viviam nas áreas estudadas na data da entrevista _____	108
Gráfico 21 - Naturalidade dos(as) proprietários(as) migrantes por região do país _____	108
Gráfico 22 - Naturalidade dos(as) proprietários dos estabelecimentos de acordo com seu tempo de funcionamento _____	109

Gráfico 23 - Local de moradia dos proprietários que não viviam no Vidigal de acordo com o tempo de funcionamento do seu negócio _____	110
Gráfico 24 - Quadro de funcionários do estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento _____	110
Gráfico 25 - Estabelecimentos de base familiar e não familiar _____	111
Gráfico 26 - Quadro de funcionários contratados de acordo com seu local de moradia_	112
Gráfico 27 - Condição de ocupação dos pontos comerciais _____	113
Gráfico 28 - Público principal dos estabelecimentos locais _____	116
Gráfico 29 - Percepção dos(as) proprietários(as) sobre o impacto do aumento ou redução do número de turistas nas áreas estudadas sobre os seus negócios _____	119
Gráfico 30 - Percepção sobre a intensidade do impacto do movimento de turistas sobre os estabelecimentos locais _____	121
Gráfico 31 - Público principal do estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento _____	122
Gráfico 32 - Percepção sobre o impacto do movimento de turistas no estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento _____	122
Gráfico 33 - Percepção sobre a intensidade do impacto do movimento de turistas no estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento _____	123
Gráfico 34 - Número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal no período 2012 - 2017 _____	125
Gráfico 35 - Taxa de ocupação hoteleira da cidade do Rio de Janeiro no período 2007-2017 _____	130
Gráfico 36 - Entrada de turistas estrangeiros no país via cidade do Rio de Janeiro por meio marítimo e aéreo no período 2007-2016 _____	132
Gráfico 37 - Número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no Vidigal no período 2012-2018 _____	138
Gráfico 38 - Naturalidade dos proprietários dos estabelecimentos de hospedagem das áreas estudadas _____	141
Gráfico 39 - Local de moradia dos proprietários dos estabelecimentos de hospedagem das áreas estudadas _____	142
Gráfico 40 - Estabelecimentos de hospedagem de base familiar e base não familiar ____	143
Gráfico 41 - Local de moradia dos funcionários dos estabelecimentos de hospedagem	144
Gráfico 42 - Condição de ocupação dos imóveis onde os estabelecimentos de hospedagem funcionam _____	145
Gráfico 43 - Histórico do imóvel onde o estabelecimento de hospedagem está localizado _____	145
Gráfico 44 - Modelo de contrato entre inquilinos e proprietários de imóveis residenciais alugados _____	162

Gráfico 45 - Mobilidade intra-favela entre moradores de imóveis alugados nas áreas pesquisadas_____	163
Gráfico 46 - Mobilidade intra-favela: número de imóveis diferentes alugados por um mesmo morador dentro da área estudada _____	163
Gráfico 47 - Mobilidade intra-favela: motivos que levaram à mudança de um imóvel para outro dentro da mesma favela _____	164
Gráfico 48 – Valor de aluguel mensal de imóveis residenciais sem especificação de tipologia, tamanho ou localização por faixa de valores para as áreas estudadas_____	165
Gráfico 49 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) de imóveis residenciais alugados nas favelas estudadas _____	169
Gráfico 50 - Número total de pavimentos do imóvel onde o domicílio entrevistado está localizado _____	170
Gráfico 51 – Condição de ocupação do imóvel de acordo com o tempo de moradia do responsável pelo domicílio no Vidigal _____	175
Gráfico 52 - Local de moradia do(a) proprietário(a) do imóvel alugado de acordo com o tempo de moradia de seu inquilino no Vidigal _____	176
Gráfico 53 - Mobilidade intra-favela entre inquilinos de acordo com o tempo de moradia no Vidigal _____	177
Gráfico 54 - Número total de imóveis que já morou de aluguel no Vidigal _____	177
Gráfico 55 – Motivos que levaram à mudança de um imóvel para outro dentro da mesma favela de acordo com o tempo de moradia no Vidigal _____	178
Gráfico 56 – Tipo de uso da edificação onde o domicílio está localizado de acordo com o tempo de moradia de seu responsável no Vidigal _____	178
Gráfico 57 – Tipologia edilícia onde o domicílio está localizado de acordo com o tempo de moradia de seu responsável no Vidigal _____	179
Gráfico 58 - Cor e raça de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016 _____	199
Gráfico 59 - Renda média nominal de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016 _____	199
Gráfico 60 - Naturalidade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016 _____	200
Gráfico 61 - Último local de moradia de acordo com o tempo no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016 _____	201
Gráfico 62 - Escolaridade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016 _____	202
Gráfico 63 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) dos imóveis alugados - marco temporal 2012 / 2016 _____	203

Gráfico 64 - Motivos que levaram à mudança para o Vidigal de acordo com seu tempo de moradia no morro - marco temporal 2012 / 2016 _____	204
Gráfico 65 - Número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal no período 2012 - 2017 _____	204
Gráfico 66 - Percepção sobre o impacto do movimento de turistas no estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento – marcos temporais 2012 e 2016 _____	207
Gráfico 67 - Naturalidade dos(as) proprietários(as) dos estabelecimentos de acordo com seu tempo de funcionamento – marcos temporais 2012 e 2016 _____	208
Gráfico 68 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) que não viviam no Vidigal de acordo o tempo de funcionamento do seu negócio – marcos temporais 2012 e 2016 ____	208
Gráfico 69 - Número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no Vidigal no período 2012-2018 _____	209

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIH-RJ - Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Rio de Janeiro

ACCARJ - Associação de Cama e Café e Albergues do Rio de Janeiro

ADA – Amigos dos Amigos

AEIT - Áreas de Especial Interesse Turístico

ALERJ - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

AP – Área de Planejamento

BME - Banco Multidimensional de Estatísticas (IBGE)

BOPE - Batalhão de Operações Policiais Especiais

COI - Comitê Olímpico Internacional

CV – Comando Vermelho

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas / Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo

GPAE - Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IDS - Índice de Desenvolvimento Social

IETS – Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPP – Instituto Pereira Passos

IPTU - Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana

PMERJ - Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE)

POUSO / SMH - Posto de Orientação Urbanística e Social da Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro

PSH - Pesquisa de Serviços de Hospedagem (IBGE / Ministério do Turismo)

PT - Partido dos Trabalhadores

RAIS / MTE - Relação Anual de Informações Sociais do Ministério da Economia

RioCeptur - Centro de Pesquisa e Estudos Aplicados ao Turismo da Cidade do Rio de Janeiro

RMRJ – Região Metropolitana do Rio de Janeiro

RP – Região de Planejamento

SABREN - Sistema de Assentamentos de Baixa Renda – Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SM – Salário Mínimo

SMU - Secretaria Municipal de Urbanismo

Turisrio - Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro

UPP – Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1 – BASES DE UMA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	27
1.1 Hipóteses de trabalho.....	27
1.2 Metodologia de investigação	27
1.3 Notas introdutórias sobre os casos estudados	44
CAPÍTULO 2 – FAVELA OLÍMPICA: PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS VELHOS E DOS “NEW OUTCOMERS”	66
2.1 Proporção de nativos e não nativos, naturalidade e último local de moradia	66
2.2 Perfil de escolaridade, cor/raça e renda	83
2.3 Conclusões parciais	97
CAPÍTULO 3 – FAVELA OLÍMPICA: VELHAS E NOVAS DINÂMICAS ECONÔMICAS ..	101
3.1 Perfil socioeconômico dos responsáveis pelos estabelecimentos comerciais e de serviço locais.....	101
3.2 Características dos estabelecimentos	111
3.3 Percepções dos responsáveis sobre os impactos do movimento de turistas sobre os seus negócios	115
3.4 Intensificação de dinâmicas comerciais.....	124
3.5 Conclusões parciais	127
CAPÍTULO 4 – UM NOVO CICLO DE TURISTIFICAÇÃO: O FORTALECIMENTO DA FAVELA COMO DESTINO DE HOSPEDAGEM	130
4.1 Aumento do fluxo de turistas e crescimento do setor hoteleiro no Rio de Janeiro no período 2008-2017	130
4.2 A expansão da fronteira turística no período pós 2008.....	132
4.3 Turistificação e expansão do potencial de hospedagem das favelas cariocas.....	135
4.4 Vidigal: O “efeito alemão” e os resquícios de um projeto de turistificação	146
4.5 Conclusões parciais	155
CAPÍTULO 5 – FAVELA OLÍMPICA: VELHAS E NOVAS DINÂMICAS IMOBILIÁRIAS E ESPACIAIS.....	158
5.1 Dinâmicas imobiliárias: novos formatos e novos agentes.....	158

5.2 Morfologias arquitetônicas: a favela raiz e a nova estética da favela.....	180
5.3 Conclusões parciais	194
CAPÍTULO 6 – FAVELA PÓS-OLÍMPICA (2016-2018).....	197
6.1 Reorganização de dinâmicas demográficas e econômicas	198
CAPÍTULO 7 - DIÁLOGOS TEÓRICOS E NOVAS ABORDAGENS SOBRE OS IMPACTOS DO PERÍODO DE MEGAEVENTOS NAS FAVELAS CARIOCAS	213
7.1 Os ciclos de turistificação das favelas cariocas	213
7.1.1 De onde vem e o que representa a favela turística? O slum tourism em perspectiva histórica	213
7.1.2 O papel da economia compartilhada do turismo no fortalecimento da favela como destino de hospedagem.....	217
7.2 Gentrificação, Gentrificação Turística e Gentrificação Comercial: diálogos conceituais e novas propostas de abordagem para os fenômenos empíricos.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
REFERÊNCIAS	234
ANEXOS.....	242
ANEXO A – Questionário Comercial Vidigal.....	243
ANEXO B – Questionário Domiciliar Vidigal	245
ANEXO C – Questionário Comercial Tavares Bastos.....	248
ANEXO D – Questionário Domiciliar Tavares Bastos	250
ANEXO E – Questionário Comercial Pereira da Silva	253
ANEXO F – Questionário Domiciliar Pereira da Silva	255

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, poucos assuntos foram tão debatidos no campo dos estudos urbanos no Rio de Janeiro quanto os impactos do período que aqui chamaremos de década dos megaeventos¹. O processo de preparação das cidades sede para o recebimento de eventos de grande porte (esportivos ou não) muitas vezes leva à formação do que Gaffney (2016) chama de uma “geografia olímpica”, que se desdobra na forma de leis, normas, códigos, fronteiras, disciplinas próprias e pelo desenvolvimento de projetos de infraestrutura que culminam em drásticos impactos socioespaciais nas cidades e países sede que recebem estes eventos². Ao longo dos últimos trinta anos, os megaeventos têm sido adotados como estratégias de renovação urbana, pois trazem consigo uma série de projetos que impactam diretamente a estrutura urbana das cidades que os sediam³.

No Rio de Janeiro, os investimentos de recursos públicos e privados dentro do processo de preparação da “Rio cidade sede” se concentraram principalmente nos campos da mobilidade urbana e na esfera da segurança pública (SANTOS JUNIOR et al, 2015). Não menos importante, se insere no conjunto de políticas de reestruturação urbana que fizeram parte do processo de preparação da cidade para este período a revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro, projeto intitulado “Porto Maravilha” e inserido em um movimento mundial de requalificação urbana de zonas portuárias (MOLINA, 2014).

No campo da habitação, alguns setores informais de baixa renda foram impactados de forma direta principalmente por duas frentes de políticas públicas voltadas para a preparação da cidade para este período: primeiro, pela ameaça de remoção de parte destes territórios diante da retomada de práticas remocionistas por parte do poder público municipal⁴ e, segundo, pelos impactos indiretos que ocorreram em função da melhoria nos índices de segurança pública em parte dos territórios que receberam a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

---

¹ Ao longo de quase uma década (2007-2016), o Rio de Janeiro foi sede de uma série de eventos de grande porte, entre eles: Jogos Panamericanos de 2007, FifaFanFest (2010), Rio+20 (2012), Jornada Mundial da Juventude e Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016.

² Os impactos urbanos dos megaeventos têm sido intensamente debatidos na literatura nacional e internacional. Nesta tese, não aprofundaremos a discussão sobre este tema, mas algumas obras podem ser consultadas especificamente sobre o caso do Rio de Janeiro: Mascarenhas (2014); Molina (2014); Santos Junior et al (2015).

³ Os Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) são considerados uma experiência paradigmática de “urbanismo olímpico” e um poderoso exemplo de utilização de eventos esportivos de grande porte como estratégia de renovação e promoção de desenvolvimento urbano (MASCARENHAS, 2008).

⁴ Magalhães (2012) mostra como o período Rio Cidade Sede é marcado por uma reconstrução de discursos e práticas remocionistas em uma estratégia de relegitimação da remoção de favelas como prática e como um programa político por parte do poder público municipal. Azevedo e Faulhaber (2015, p.36) mostram que, de janeiro de 2009 a dezembro de 2013, mais de 20 mil famílias foram removidas de suas casas, o que corresponderia a cerca de 67 mil pessoas, ou seja, mais que o dobro de pessoas removidas no governo de Carlos Lacerda (cerca de 30 mil pessoas entre 1961 e 1965) e mais que o triplo de removidos no período Pereira Passos (20 mil entre 1902 e 1906).

O programa de pacificação de favelas emerge como uma nova tentativa de reverter o quadro da segurança pública do Rio de Janeiro e dar continuidade a um modelo de intervenção policial de proximidade e humanizado já experimentado em projetos anteriores como o Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais (GPAE) e o Mutirão da Paz⁵. O programa de pacificação de favelas foi lançado oficialmente em 2008 pela Secretaria Estadual de Segurança Pública e teve como primeira unidade a UPP Santa Marta, implementada na favela Santa Marta, bairro de Botafogo, zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Os impactos de curto e médio prazo das primeiras Unidades de Polícia Pacificadora sobre os territórios pacificados foram amplamente debatidos em vários campos de pesquisa⁶. O início da implementação das primeiras UPPs foi marcado por um aumento sem precedentes nos preços imobiliários dentro e ao redor das favelas pacificadas apenas alguns dias após a implementação destas unidades (MANDEL; FRISCHTAK, 2012). Somado a isto, o aumento da presença de grupos de renda mais elevada em regiões do entorno ou de dentro de algumas favelas pacificadas foi amplamente relatado não somente por trabalhos acadêmicos, mas também pela imprensa local (TADINI, 2013; CUMMINGS, 2013, QUIRION, 2017; NOVAES, 2017). Alguns trabalhos indicam que este movimento migratório se deu principalmente por conta da atratividade nas melhorias em segurança pública (MANDEL, FRISCHTAK, 2012, TADINI, 2013), enquanto outros apontam que um dos fatores principais que marcam esta dinâmica é também o desejo de se mudar para uma comunidade “autêntica” (TADINI, 2013; CUMMINGS, 2013, QUIRION, 2017).

É neste cenário que observamos a popularização e a apropriação do termo “gentrificação”⁷ não somente pela academia, mas também (e principalmente) pela imprensa, na tentativa de descrever fenômenos de superinflação nos preços de imóveis e migração de camadas de mais alta renda e estrangeiras para algumas favelas da cidade. Pouco tempo depois do início da implementação das primeiras UPPs, o termo gentrificação já havia se tornado uma palavra comum no vocabulário dos moradores de favelas pacificadas e um dos temas mais debatidos dentro dos estudos urbanos da cidade do Rio de Janeiro.

Em uma tentativa de explicar as contradições e complexidades dos fenômenos demográficos observados em algumas das favelas cariocas no período de megaeventos esportivos, alguns conceitos como “neofavelados” (QUIRION, 2017, p.22) e “gentrificação

---

⁵ Falaremos um pouco mais sobre estas experiências nos tópicos que seguem.

⁶ Sobre o impacto das UPPs no mercado imobiliário dentro e no entorno das áreas pacificadas consultar Mandel e Frischtak (2012); Para impactos do programa sobre a dinâmica comercial das áreas pacificadas: IETS (2012); Para impacto das UPPs no âmbito da segurança pública: Cano; Borges; Ribeiro (2012);

⁷ O termo “gentrificação” é uma adaptação literal do termo *gentrification* para o idioma português. O conceito foi utilizado pela primeira vez pela socióloga britânica Ruth Glass para caracterizar um fenômeno de substituição de grupos de classe operária por grupos de classe média e alta em bairros populares de Londres. Desde então, *gentrification*, que deriva do inglês *gentry* - de “baixa nobreza” - se tornou sinônimo de elitização espacial.

periférica” (NOVAES, 2017, p.202) foram utilizados por pesquisadores do assunto para tipificar o que seriam os novos moradores que passaram a ser atraídos a fixar residência em algumas favelas do Rio de Janeiro no período de grandes eventos internacionais⁸.

Apesar disto, partimos da hipótese de que a afirmação de que parte destes territórios teriam passado por processos que apresentam características típicas de um fenômeno de gentrificação no período em questão não consegue explicar a complexidade dos fenômenos espaciais, demográficos e econômicos que de fato ocorreram nestes territórios. Acreditamos que o período que precede a pacificação de algumas favelas específicas da cidade do Rio de Janeiro é marcado pela formação de novos movimentos migratórios que, em alguns casos, apresentam características semelhantes a um processo de gentrificação, mas que ocorre de forma paralela a outras dinâmicas demográficas e econômicas bastante relevantes e pouco aprofundadas nos estudos que se debruçaram sobre o assunto. Uma melhor compreensão dos fenômenos que tomaram forma nos últimos anos nestes espaços demanda um olhar ampliado e atualizado sobre estes territórios.

Por este motivo, o objetivo principal desta tese é lançar um olhar atualizado sobre estes processos, compreender quais foram os impactos deste período e que tipo de novas dinâmicas sociodemográficas, comerciais, turísticas e urbanísticas puderam ser notadas em favelas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro no período 2008-2019. Com esta pesquisa, visamos responder às seguintes questões: quais foram de fato os impactos do período de megaeventos esportivos sobre as favelas cariocas? Quais novas dinâmicas sociodemográficas, econômicas, turísticas e urbanísticas puderam ser notadas durante este período?

Além de uma seção introdutória onde apresentamos as bases desta investigação empírica (hipóteses de trabalho, metodologia e notas introdutórias sobre os casos estudados), o trabalho se divide em outros seis capítulos. Na segunda seção, nos debruçamos sobre os resultados do nosso levantamento do perfil socioeconômico dos moradores das áreas estudadas por esta pesquisa e, no caso do Vidigal, apontamos algumas diferenças entre o perfil dos novos e antigos moradores deste espaço.

Na terceira seção, avaliamos o perfil dos estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento nestes espaços e mostramos como o período de recorte temporal desta pesquisa é marcado por uma intensificação das dinâmicas econômicas nestes territórios. No quarto capítulo, aprofundamos o debate sobre a intensificação de dinâmicas econômicas focando no setor de turismo e desenvolvendo análises à luz do conceito de turistificação. O capítulo 5, por sua vez, trás uma discussão sobre as novas dinâmicas do

---

⁸ Abordaremos estes conceitos no decorrer da tese.

mercado imobiliário local e sua relação com as demais dinâmicas econômicas, turísticas e demográficas identificadas no período de recorte temporal desta pesquisa.

Já na sexta seção, concentramos nossa análise no que estamos chamando aqui de “período pós-olímpico” (2016-2019), avaliando de que forma e se as novas dinâmicas demográficas e econômicas observadas no período que precedeu o fim dos jogos olímpicos de 2016 se mantêm mesmo após o encerramento da chamada década de megaeventos (2007-2016). Por fim, no capítulo 7 desta tese dialogamos com o debate teórico em torno dos conceitos de gentrificação, gentrificação turística e gentrificação comercial e propomos novas abordagens para os fenômenos empíricos observados em campo.

CAPÍTULO 1 – BASES DE UMA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

1.1 Hipóteses de trabalho

A implementação de Unidades de Polícia Pacificadora em favelas localizadas em regiões estratégicas da cidade do Rio de Janeiro dentro do processo de preparação desta para o recebimento de grandes eventos esportivos contribuiu para um novo movimento de ressignificação e inclusão destes territórios favelados como alternativa de habitação para grupos de perfil socioeconômico distinto da média da população que historicamente ocupava estes espaços. O fenômeno acima pôde ser observado, em maior ou menor grau, em diversas favelas que receberam uma UPP, principalmente naquelas localizadas nas áreas de maior valorização imobiliária, como a zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, a ausência de trabalhos que conduzissem um levantamento aprofundado que comparasse o perfil da população que já vivia nestes espaços e aquela que passou a migrar para estes territórios após a pacificação impedia uma avaliação mais aprofundada sobre as características deste fenômeno e em que medida ele se estendeu ou não para o período após o fim dos megaeventos esportivos, que ocorre com o encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016.

A hipótese da qual partimos é que o debate bastante difundido e a afirmação de que parte destes territórios teriam passado por processos que apresentam características típicas de um fenômeno de gentrificação no período em questão não consegue explicar a complexidade dos fenômenos espaciais, demográficos e econômicos que de fato ocorreram nestes territórios. Acreditamos que o período que precede a pacificação de algumas favelas específicas da cidade do Rio de Janeiro é marcado pela formação de novos movimentos migratórios que, em alguns casos, apresentam características semelhantes a um processo de gentrificação, mas que ocorre de forma paralela a outras dinâmicas demográficas e econômicas bastante relevantes e pouco aprofundadas nos estudos que se debruçaram sobre o assunto. Uma melhor compreensão dos fenômenos que tomaram forma nos últimos anos nestes espaços demanda um olhar ampliado e atualizado sobre estes territórios.

1.2 Metodologia de investigação

Conduzir uma pesquisa que nos ajude a compreender as dinâmicas espaciais, socioeconômicas e demográficas que marcaram o período chamado de “década dos

megaeventos esportivos” em algumas favelas do Rio de Janeiro nos coloca três desafios principais. O primeiro é conhecer a fundo o que caracteriza a economia local, quantificar e qualificar os estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento nestes espaços e avaliar possíveis mudanças nesta economia através de uma análise comparativa entre o perfil dos comércios e serviços pré-existentes e o perfil dos novos estabelecimentos instalados nestas localidades no período de recorte temporal desta pesquisa. O segundo desafio é conhecer o perfil socioeconômico e características demográficas da população que vivia nestes espaços antes do período estudado e daquela que passou a viver nestes locais no período mais recente. O terceiro e maior desafio, por sua vez, é conseguir compreender em que medida as possíveis novas dinâmicas espaciais, socioeconômicas e demográficas instaladas nestes territórios nos últimos anos possuem relação ou não com o contexto de preparação da cidade para o período de megaeventos esportivos.

Aos desafios acima colocados se somam duas barreiras: a ausência de dados secundários disponíveis e suficientes para a realização de tal levantamento e os limites logísticos que uma pesquisa individual de doutorado impõe à realização de um amplo e sistemático levantamento de dados primários em uma quantidade representativa de favelas que nos permita fazer afirmações mais generalizadas sobre os impactos do período em questão sobre estes espaços. Para suprir as barreiras acima citadas, adotamos técnicas de coleta de informações primárias em estudos de caso selecionados, o que nos possibilitou o desenvolvimento de uma investigação em maior profundidade em um número reduzido de favelas. Isto significa afirmar que esta pesquisa lançará luz sobre fenômenos ocorridos em três áreas específicas da cidade do Rio de Janeiro, mas que os resultados obtidos aqui podem nos dar pistas sobre os impactos do período em questão também em outras favelas da cidade.

Para avaliar estes impactos, selecionamos a favela do Vidigal como estudo de caso principal desta pesquisa. A escolha desta favela se justificava pela sua posição emblemática em meio às outras favelas do Rio de Janeiro. Historicamente conhecida como “a zona sul das favelas cariocas”⁹, o Vidigal é também conhecido como “favela dos artistas” por ter sido local de moradia de diversos artistas famosos ligados ao cenário da música e das artes cênicas do Rio de Janeiro¹⁰. Somado a isto, um outro fator que justificaria a escolha da área em questão é a intensa inflação nos preços imobiliários pela

---

⁹ A ocupação de alguns bairros por camadas mais abastadas da sociedade carioca na região que viria a ser reconhecida como a zona sul da cidade contribuiu para a construção de um topônimo “zona sul”, sinônimo de espaço de distinção de classe e lugar de uma identidade social desejada. Um topônimo é nome ou expressão usada para nomear um lugar. Um signo toponímico possui uma função específica de caráter identitário.

¹⁰ No final da década de 1970, o Vidigal abrigou artista como Gal Costa, Zizi Possi, Ângela Ro Ro e Lima Duarte. Mais recentemente, outras figuras conhecidas do cenário artístico carioca, como o ator Caio Blat e o cantor Otto, também viveram no local. A atriz Cleo Pires e o artista plástico Vick Muniz também chegaram a possuir imóveis no morro. Estas figuras se somam à de moradores nascidos no local e que se formaram como atores pelo Grupo de Teatro Nós do Morro, sediado no Vidigal, e que posteriormente se tornaram figuras conhecidas no cenário teatral carioca. Entre eles podemos mencionar a atriz Roberta Rodrigues e os atores Thiago Martins e Jonathan Haagensen. Tudo isto contribuiu para reforçar a fama de “morro dos artistas”, vinculada ao Vidigal desde a década de 1970.

qual passou no período pós instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, em 2012, fator que fez do Vidigal uma das áreas com maior valorização nos preços de seus imóveis em toda a cidade do Rio de Janeiro no período 2008-20015 (BONAMICHI, 2016). A nosso ver, a intensa inflação pela qual passaram os preços dos imóveis locais no período citado pode ser compreendida como um possível indicador da emergência de novas dinâmicas econômicas e demográficas nesta favela, as quais este trabalho pretende investigar.

Estabelecido o primeiro e principal estudo de caso desta pesquisa, observamos a necessidade de nomear casos de controle que nos possibilitassem compreender em que medida as dinâmicas instauradas na favela do Vidigal possuem ou não relação direta com a instalação da UPP local, no início de 2012, e com os processos de preparação da cidade para o recebimento dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016 ou em que medida poderiam estar relacionadas a fenômenos econômicos e sociodemográficos mais amplos. Para possibilitar esta análise, os casos de controle precisariam apresentar vantagens locais semelhantes às da favela do Vidigal (estar localizado na região de planejamento zona sul), mas não terem recebido a implementação de uma UPP no período do recorte de estudo deste trabalho.

Com o recorte geográfico zona sul e a variável presença ou não de uma UPP instalada durante o período de recorte temporal desta pesquisa estabelecidos, adotamos como casos de controle duas novas favelas: Tavares Bastos e Pereira da Silva. As favelas Tavares Bastos e Pereira da Silva foram palco de experiências precursoras de políticas de segurança pública baseadas em um modelo de policiamento comunitário¹¹ e são consideradas as primeiras favelas pacificadas do Rio de Janeiro. Em dezembro do ano 2000, muito antes da instalação da primeira UPP no Morro Santa Marta, em 2008, foi instalado em um prédio abandonado¹² localizado dentro da favela Tavares Bastos o Centro de Treinamento do Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (BOPE)¹³.

A pacificação dos dois campos de controle desta pesquisa em período anterior ao campo principal (Vidigal) oferece condições para avaliarmos quais dinâmicas demográficas e econômicas observadas no Vidigal imediatamente após a instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu possuem relação direta com a pacificação e em que medida podem estar

---

¹¹ O modelo de policiamento comunitário se baseia em ações policiais de proximidade com a população residente na localidade escolhida e funciona como um elo de ligação com outros organismos estatais.

¹² O prédio que serve de sede para o Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar foi construído em 1965 para funcionar como clube para homens de negócio, mas abandonado após a falência da construtora responsável Civia S.A, pertencente à família Guinle.

¹³ O Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) é responsável por atuar em situações críticas de segurança pública. Seu efetivo funciona como reserva tática da corporação.

relacionadas ao momento específico de preparação da cidade para o recebimento dos megaeventos ocorridos durante o recorte temporal desta pesquisa.

O levantamento realizado em cada um dos casos citados abrangeu estratégias de natureza metodológicas distintas quali e quantitativas. No braço quantitativo, levantamos dados sobre o perfil socioeconômico dos moradores e o perfil do comércio local. A pesquisa qualitativa, por sua vez, buscou acrescentar elementos aos dados quantitativos levantados e possibilitar uma análise aprofundada sobre as dinâmicas socioeconômicas e demográficas iniciadas nestes espaços no período de recorte temporal desta pesquisa.

A coleta de dados quantitativos foi feita utilizando-se técnicas estatísticas de amostragem. A partir de uma amostra probabilística sistemática de domicílios e estabelecimentos comerciais e de serviço, parte da população alvo foi entrevistada de maneira que os resultados fossem representativos para todo aquele território. Foram calculadas duas amostras distintas para cada um dos estudos de caso. A primeira amostra, cujo objetivo foi obter dados sobre o perfil socioeconômico da população local, foi calculada levando-se em consideração o universo de domicílios existentes em cada uma das áreas estudadas¹⁴. A segunda amostra, por sua vez, levou em consideração a quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento em cada um destes locais¹⁵ e teve como objetivo levantar o perfil destes negócios. O período de referência das informações coletadas é de 01 de agosto a 30 de outubro de 2018 para o Vidigal e de 01 a 30 de setembro de 2019 para a Pereira da Silva e Tavares Bastos.

Os roteiros desenvolvidos para os questionários aplicados às amostras domiciliar e comercial foram estruturados de forma a obter dados sobre o perfil socioeconômico da população e do comércio local sempre considerando seu tempo de moradia ou tempo de funcionamento dos negócios nestes espaços. Desta maneira, o perfil dos moradores e dos estabelecimentos mais recentes puderam ser comparados ao perfil dos moradores e estabelecimentos mais antigos. Coletamos informações como renda, naturalidade, tempo de moradia no local, escolaridade, fluxos migratórios e percepções sobre o lugar. Para a amostra comercial, levantamos dados sobre público alvo, setor de atuação, percepções sobre os impactos do período de megaeventos sobre o seu negócio, percepções sobre os impactos do turismo sobre o seu negócio, perfil e origem dos responsáveis pelo estabelecimento¹⁶. No Vidigal, possíveis alterações em quesitos como perfil da população e do comércio local após a instalação da UPP Vidigal-Chácara do Céu são analisadas em

---

¹⁴ Segundo Censo IBGE 2010.

¹⁵ Para cálculo do total de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal, foram utilizados dados levantados pelo projeto "Vidigal 100 segredos", mapeamento que quantificou os estabelecimentos em funcionamento ano a ano de 2012 a 2017 no morro. Na Tavares Bastos e Pereira da Silva, que possuem um universo de estabelecimentos em funcionamento bastante inferior ao do Vidigal, o total de estabelecimentos em funcionamento foi levantado em campo por esta pesquisa.

¹⁶ Os questionários aplicados podem ser consultados nos Anexos A a F, ao final da tese.

comparação aos outros dois casos de controle, que não receberam uma UPP no período de recorte temporal desta pesquisa. Para isso, utilizamos os mesmos marcos temporais para os três estudos de caso.

Ao todo, foram entrevistados 495 domicílios e 186 estabelecimentos comerciais e de serviço nas três áreas estudadas. No Vidigal, identificamos a existência de regiões de maior e menor densidade domiciliar dentro da favela. Para suprimir estas diferenças e assegurar a representatividade da amostra, os questionários foram distribuídos com base na quantidade de domicílios existentes em cada região de acordo com os dados disponíveis por setor censitário pelo Censo IBGE 2010. Assim, concentramos a maior parte dos questionários nos setores com maior quantidade de domicílios (Mapas 1 e 2). As dimensões territoriais das demais áreas estudadas - Tavares Bastos e Pereira da Silva – não são suficientes para identificar diferenças significativas de densidade populacional entre suas regiões internas. Portanto, tanto na Tavares Bastos quando na Pereira da Silva, os questionários foram distribuídos de forma homogênea por todo o território (Mapas 3 e 4).

Mapa 1 – Domicílios particulares permanentes por setor censitário (Censo IBGE 2010)

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em informações obtidas em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>.

Mapa 2 - Distribuição dos domicílios entrevistados - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 3 – Distribuição dos domicílios entrevistados – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 4 – Distribuição dos domicílios entrevistados – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

No Vidigal, a distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais e de serviço se dá principalmente ao longo da via principal de acesso ao morro (Avenida Presidente João Goulart) e das vias carroçáveis localizadas na parte baixa do morro (Rua Dr. Olinto de Magalhães e Rua Benedito Calixto)(porção nordeste do Mapa 4). Ao longo das vielas não carroçáveis, a quantidade de estabelecimentos comerciais reduz drasticamente e é marcada principalmente pela presença de biroskas e pequenas mercearias que suprem as necessidades emergenciais de moradores destas regiões. Por este motivo, a maior parte dos estabelecimentos entrevistados por esta pesquisa se encontram nas regiões de maior concentração de pontos comerciais.

Mapa 5 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados – Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Tanto na Pereira da Silva quanto na Tavares Bastos, as áreas de maior concentração de estabelecimentos comerciais e de serviço se encontram nas proximidades dos acessos a estas favelas. Na Pereira da Silva, estas áreas correspondem à porção norte e mais alta do morro e porção sul e mais baixa (Mapa 5). Na parte baixa, está localizado o ponto das kombis / micro-ônibus, que trazem ou levam moradores até o Largo do Machado, importante centralidade do bairro Laranjeiras e área de convergência de diferentes modais de transporte público: ônibus, metrô e vans. Na parte alta da Pereira da Silva, os moradores têm acesso a outras linhas de ônibus que transitam pelo bairro Santa Teresa e conduzem moradores até o centro da cidade. É comum neste tipo de assentamento que as áreas de maior concentração de comércio e serviços correspondam também às áreas de acesso a estas favelas, que funcionam como nós de convergência de fluxo de moradores que precisam sair ou acessar estas áreas. Em contrapartida, as pequenas vielas não carroçáveis que formam uma teia de acesso às demais áreas do morro costumam contar com a presença de um número mais reduzido de estabelecimentos.

**Mapa 6 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados –
Pereira da Silva**

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Uma das principais diferenças entre a Pereira da Silva e Tavares Bastos é o relevo da área onde se localizam. A Tavares Bastos, apesar de estar localizada em área de topo de morro e precisar de transporte automotivo para ser acessada, possui um relevo basicamente plano dentro da favela. Isto facilita a locomoção interna em quase todas as áreas do morro e favorece uma melhor distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço (Mapa 6). Ainda assim, visualizamos uma maior concentração de estabelecimentos em funcionamento na parte sul do mapa, onde fica localizado também o ponto de kombis e o acesso principal ao centro de treinamento do BOPE.

Mapa 7 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

A presença de grupos armados no Vidigal impôs alguns desafios logísticos à pesquisa. Diante da presença destes grupos e da possibilidade de ocorrência de confrontos armados entre eles e policiais da UPP, algumas regiões específicas do morro se mostraram inacessíveis. A solução encontrada para suprir este obstáculo foi a utilização de figuras como as dos “anjos”, estratégia muito utilizada em levantamentos realizados em áreas que sofrem com este tipo de conflito. Os “anjos” são moradores ou lideranças locais que vivem nestes espaços e que, portanto, possuem livre acesso ao território e que assumem o papel de pesquisador exercendo a função de aplicador de parte da amostra de questionários. Para esta pesquisa, contamos com a ajuda de importantes lideranças ligadas à Associação de Moradores da Vila do Vidigal e de coletivos locais, ainda que a maior parte dos questionários tenha sido aplicada pessoalmente pela pesquisadora responsável.

Às estratégias de pesquisa descritas acima, somou-se ainda uma profunda vivência dos campos estudados. A pesquisadora passou a morar nas áreas pesquisadas e permaneceu nestes locais durante todo o processo de pré-levantamento e levantamento de campo para que a vivência destes territórios ao longo do processo de pesquisa fosse o mais rica e profunda possível. Ao todo, foram cerca de cinco meses de estadia no Vidigal e mais um mês entre as favelas Tavares Bastos e Pereira da Silva.

Alguns cuidados prévios foram tomados para garantir o sucesso da pesquisa. Antes de iniciar o levantamento em campo, foram adotadas estratégias de aproximação com as principais lideranças e organizações coletivas de cada favela. Acima de uma pesquisa individual de doutorado, o trabalho foi apresentado como uma possibilidade de levantamento de dados para que as populações locais pudessem se conhecer melhor. Somado a isto, um amplo trabalho de divulgação da pesquisa, seu período de ocorrência e forma de aplicação dos questionários foi feito tanto pela pesquisadora quanto pelas próprias lideranças e organizações locais. Foram utilizados meios físicos de divulgação (cartazes alocados em pontos estratégicos) e digitais (redes sociais e páginas de instituições locais)(Figuras 1 a 3).

Figura 1 – Cartaz de divulgação da pesquisa em ponto estratégico (caixa eletrônico) - Vidigal

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 2 – Cartaz de divulgação da pesquisa em ponto estratégico (transporte coletivo) – Tavares Bastos

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 3 – Cartaz de divulgação da pesquisa em ponto estratégico (vias de acesso) – Pereira da Silva

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A garantia de que os dados coletados por esta pesquisa retornariam para os moradores locais foi um dos fatores fundamentais para conseguir a adesão dos entrevistados. Após a finalização dos trabalhos de campo e a compilação dos dados levantados, foram produzidos materiais direcionados especificamente aos moradores de cada área para que estes tivessem acesso aos resultados da pesquisa (Figuras 4 a 6).

Figura 4 – Capa do material produzido para a divulgação dos resultados da pesquisa para os moradores locais - Vidigal

Fonte: BONAMICHI, 2020.

Figura 5 - Capa do material produzido para a divulgação dos resultados da pesquisa para os moradores locais – Tavares Bastos

Fonte: BONAMICHI, 2020.

Figura 6 - Capa do material produzido para a divulgação dos resultados da pesquisa para os moradores locais – Pereira da Silva

Fonte: BONAMICHI, 2020.

Por fim, é importante salientar que, para avaliar a ocorrência de possíveis alterações no perfil dos moradores das áreas estudadas e do comércio destes espaços, uma das estratégias metodológicas principais da pesquisa foi comparar os dados resultantes deste levantamento sempre considerando uma linha do tempo pré-definida. Nesta linha do tempo, estabelecemos alguns marcos temporais importantes que nos possibilitaram avaliar de forma comparativa as informações de perfil socioeconômico dos moradores e perfil dos comércios locais antes e depois destes marcos. Assim, conseguimos investigar os impactos de períodos temporais específicos sobre as dinâmicas demográficas e econômicas das áreas estudadas.

Para tornar esta análise possível, foram estabelecidos três marcos temporais: 2012, 2014 e 2016. Se o recorte temporal desta pesquisa se inicia entre os anos 2007 e 2008 com a realização dos Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro e se encerra em 2019, ano de realização do trabalho de campo no nosso último estudo de caso, é em 2012 que nosso estudo de caso principal recebe a implementação de uma UPP (UPP Vidigal – Chácara do Céu). Por este motivo, consideramos 2012 o primeiro marco temporal importante para a condução da nossa análise. Esta mesma análise, considerando este mesmo marco temporal (2012), foi também realizada nos casos de controle porque se as mesmas alterações nas dinâmicas econômicas e demográficas que eventualmente fossem observadas no Vidigal também fossem relatadas nos casos de controle, isto significaria que estas novas dinâmicas não necessariamente teriam relação com a UPP Vidigal – Chácara do Céu, visto que os casos de controle não receberam uma UPP em 2012.

Somado a isto, foram estabelecidos também outros dois marcos temporais: 2014 e 2016, anos de realização de dois dos principais megaeventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro neste período (Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016). A Copa do Mundo de 2014 representa um importante evento de grande porte que ocorre em todo o território nacional, incluindo a cidade do Rio de Janeiro, e as Olimpíadas de 2016 encerram o que estamos chamando aqui de década dos megaeventos. Ou seja, um marco temporal fundamental para entendermos se as dinâmicas observadas durante este período de megaeventos tiveram continuidade ou não após o fim deste período. Por este motivo, todos os dados de perfil socioeconômico da população e perfil dos estabelecimentos comerciais nas três áreas de estudos são avaliados considerando estes três marcos temporais: 2012-2014-2016.

1.3 Notas introdutórias sobre os casos estudados

A escolha das áreas a serem estudadas se deu a partir de três critérios principais: a) inserção na zona sul da cidade do Rio de Janeiro; b) proximidade geográfica entre os casos estudados; c) presença e não presença de uma Unidade de Polícia Pacificadora. A limitação dos casos estudados à favelas localizadas na região de planejamento correspondente à zona sul da cidade do Rio de Janeiro se dá diante da proximidade destas favelas a bairros nobres e áreas de alta concentração de infraestruturas nos setores de transporte, saúde, educação e lazer, assim como alta concentração de postos de trabalho. Tal fato faz com que as favelas localizadas nesta região, de forma geral, sofram maior pressão do mercado imobiliário e sejam mais valorizadas do que aquelas localizadas nas demais regiões da cidade.

Mapa 8 – Localização das áreas estudadas

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

A comparação de dados como o Índice de Desenvolvimento Social, calculado a partir de oito indicadores de infraestrutura urbana, escolaridade e renda média da população local, pode nos ajudar a compreender melhor a relação entre as favelas estudadas por esta pesquisa e os bairros formais contíguos a estas áreas na região de planejamento onde se encontram. Na Tabela 1, comparamos este índice médio para o

município do Rio de Janeiro, região de planejamento zona sul e áreas estudadas por esta pesquisa. O resultado é um índice cerca de 0,2 pontos mais baixo nas favelas estudadas quando comparado ao índice médio da região de planejamento zona sul. Entre os indicadores que compõem este índice, notamos que as favelas estudadas por esta pesquisa se diferenciam da média da região de planejamento zona sul principalmente pelos quesitos analfabetismo (mais elevado nas favelas estudadas) e rendimento domiciliar per capita (cerca de cinco salários mínimos mais baixo nas favelas estudadas do que na região de planejamento zona sul). É importante, no entanto, problematizar alguns componentes deste indicador, como o % de domicílios com serviço de coleta de lixo adequada que, segundo o IBGE, fica entre 99,7 e 100% dos domicílios nas três áreas estudadas. Uma rápida pesquisa de campo nos mostra que este índice está muito acima da realidade destes territórios, o que indica que o IDS real das áreas estudadas seria muito menor do que o IDS médio da RP Zona Sul.

Tabela 1 - Índice de Desenvolvimento Social (IDS)¹⁷ e seus indicadores constituintes, Município do Rio de Janeiro, Região de Planejamento Zona Sul e áreas estudadas - 2010

Áreas de Planejamento, Regiões de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	Índice de Desenvolvimento Social	% de domicílios com serviço de abastecimento de água adequado	% de domicílios com serviço de esgoto adequado	% de domicílios com serviço de coleta de lixo adequado	Nº de banheiros por moradores	% de analfabetismo de 10 a 14 anos	Rendimento domiciliar per capita em salários mínimos	% dos domicílios, com rendimento domiciliar per capita até um salário mínimo	% dos domicílios com rendimento domiciliar per capita superior a 5 salários mínimos
Município do Rio de Janeiro	0,609	98,466	90,932	99,252	1,504	2,013	2,270	42,163	14,277
Região de Planejamento 2.1 - Zona Sul	0,722	99,712	98,459	99,804	2,021	1,509	6,033	17,309	47,109
Vidigal	0,553	98,609	97,619	100,000	1,189	3,399	0,863	68,377	1,206
Pereira da Silva	0,561	100,000	99,454	99,727	1,219	3,846	0,985	66,213	1,635
Tavares Bastos	0,577	100,000	100,000	100,000	1,172	0,000	0,986	58,580	0,296

Fonte: Armazém de dados do Município do Rio de Janeiro com base no Censo IBGE 2010; cálculos - IPP/DIG.

Vidigal

A favela do Vidigal está localizada no bairro do Vidigal e ocupa uma das encostas do Morro Dois Irmãos, na faixa litorânea e às margens da Avenida Niemeyer, entre os bairros Leblon e São Conrado. À leste faz divisa com a sub-região do bairro do Leblon

¹⁷ Para a composição do Índice de Desenvolvimento Social são utilizados 8 indicadores descritos na tabela acima e construídos a partir de dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE. Os indicadores caracterizam situações relativas tanto ao domicílio quanto às pessoas que o habitam.

denominada Alto Leblon e à oeste com a favela da Rocinha. Os primeiros registros de ocupação da região remontam da década de 1940, quando a parte mais baixa do morro, na faixa territorial localizada entre a Avenida Niemeyer e o mar, começa a ser ocupada, dando origem à Favela da Rampa da Avenida Niemeyer (porção leste do Mapa 9). Foi a partir dos anos 1950 que, com a intensificação do processo de urbanização dos bairros Ipanema e Leblon, a ocupação do Vidigal começa a se intensificar, surgindo novos casebres ao longo de toda a parte baixa do que é hoje o morro do Vidigal e da área hoje conhecida como “314” (Porção centro-sul do Mapa 9).

Mapa 9 - Evolução da ocupação urbana do Vidigal e sistema viário principal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em levantamento histórico realizado por Mayrink (2017).

Durante as décadas de 1950 e 1960, o processo de ocupação começa a se estender também para as áreas centrais e partes mais altas do morro (porção centro-oeste do mapa acima). Neste período, a região nordeste do morro é loteada e dá origem à área que os moradores conhecem hoje como “área do IPTU”, por ser a única região regularizada do morro (MAYRINK, 2017)(ver Mapa 10). A região conhecida como “área do IPTU” se distingue das demais áreas do morro por ser regularmente parcelada. Nesta região, observamos algumas características distintas das demais áreas como a concentração de edificações de melhor qualidade construtiva e maior porte, além de maior facilidade de acesso por concentrar a maior parte das vias carroçáveis do morro (vide Mapa 9). A chamada “área do IPTU” é a única região provida de vias carroçáveis além da Avenida Presidente João Goulart, que corta o morro todo de sua parte baixa até a parte alta (Mapa 9).

Para a delimitação da área estudada por esta pesquisa, consideramos toda a favela do Vidigal e a popularmente denominada “área do IPTU” (Mapa 10). A opção por inserir uma área regularizada dentro dos limites geográficos do nosso estudo se deu em função da contiguidade que esta última área possui com a favela do Vidigal. Apesar de apresentarem níveis de infraestrutura bastante distintos, tanto a “área do IPTU” quando a favela do Vidigal são historicamente reconhecidas como “Vidigal”.

Mapa 10 – Vidigal – Delimitação da área pesquisada e “Área do IPTU”

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Figura 7 - Morro do Vidigal

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 8 – Morro do Vidigal – Vista da encosta sul

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 9 – Morro do Vidigal – Vista da ocupação da encosta sul a partir da “área do IPTU”

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 10 – Vista das praias do Leblon e Ipanema a partir das ruas “área do IPTU”

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Pereira da Silva e Tavares Bastos

A Pereira da Silva está localizada entre os bairros de Laranjeiras e Santa Teresa, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro (Mapa 9). Os primeiros registros de sua ocupação datam da década de 1940. Até 1945, havia no local poucas casas e quatro famílias de pescadores. A comunidade começa a se expandir quando a Santa Casa de Misericórdia, proprietária de parte do terreno, passa a alugar frações de terra a preços acessíveis¹⁸. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a favela já se encontrava bastante consolidada, mas a metade mais alta do morro ainda contava com muitos terrenos vazios não ocupados (Figura 11). Já no final da segunda década dos anos 2000, poucos terrenos vazios podiam ser encontrados na favela (Figura 12).

¹⁸ Fonte: Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN), Instituto Pereira Passos (IPP).

Mapa 11 – Delimitação da área pesquisada – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Figura 11 – Vista da Vila Pereira da Silva a partir do bairro Laranjeiras – início dos anos 2000

Fonte: Acervo histórico da Pousada Favelinha.

Figura 12 – Vila Pereira da Silva vista a partir da parte baixa (bairro Laranjeiras)

Fonte: Acervo Pousada Favelinha.

O acesso à Pereira da Silva pode ser feito tanto pela parte baixa do morro (via Rua Pereira da Silva, bairro Laranjeiras), quanto pela parte alta do morro (via Rua Almirante Alexandrino, bairro de Santa Teresa) (Figura 13). A favela é conhecida por sua vista aberta para o morro do Pão de Açúcar, um dos cartões postais mais conhecidos da cidade (Figuras 14 e 16).

Figura 13 – Vila Pereira da Silva – Acesso pela parte alta (bairro Santa Teresa)

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 14 – Vista do Pão de Açúcar a partir da Vila Pereira da Silva

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 15 – Vila Pereira da Silva – parte alta

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 16 – Vista do Pão de Açúcar da Vila Pereira da Silva

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A comunidade Tavares Bastos está localizada no Morro Nova Cintra, bairro do Catete, zona sul da cidade do Rio de Janeiro (Mapa 12). Os primeiros registros de sua ocupação datam da década de 1930, em área próxima à antiga Pedreira da Candelária, aberta no final do século XVIII para fornecer pedras para a ampliação da Igreja Nossa Senhora da Candelária¹⁹. Alguns pontos de referência no interior da favela são a quadra comunitária (Figura 18) e o prédio que hoje funciona como centro de treinamento do BOPE (Figura 19), cuja história contaremos a seguir.

---

¹⁹ Fonte: Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN), Instituto Pereira Passos (IPP).

Mapa 12 – Delimitação da área pesquisada – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Figura 17 – Vista aérea Tavares Bastos

Fonte: Wikipedia.

Figura 18 – Quadra comunitária Tavares Bastos

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 19 – Vista do prédio do BOPE a partir da Tavares Bastos

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 20 – Travessa Tavares Bastos

Fonte: Acervo pessoal da autora.

No final dos anos 1990, após a morte do líder do tráfico da Pereira da Silva, a favela foi escolhida para sediar um projeto piloto intitulado “Mutirão pela Paz”, da Secretaria Estadual de Segurança Pública. O projeto durou dez meses e foi pensado para ser um modelo de atuação policial integrada às Secretarias de Trabalho, Educação, Saúde, Justiça, Meio Ambiente, Ação Social, Esporte e Lazer, da Defensoria Pública, do DETRAN/RJ (Departamento de Trânsito do Estado do Rio de Janeiro), da FAETEC (Fundação de Amparo à Escola Técnica), do CCDCS (Centro Comunitário de Defesa da Cidadania) e contribuição da sociedade civil (Viva Rio, Associação de Moradores de Laranjeiras, dentre outros) (MISSE; CARVALHO, 2007).

O objetivo do projeto era conciliar ação policial humanizada com políticas sociais. Este modelo de programa que concilia polícia e intervenção social antecedeu e serviu de base para a posterior implementação das primeiras Unidades de Polícia Pacificadora, a partir do ano 2008. Um dos objetivos deste tipo de programa é a redução dos casos de confronto direto e ostensivos entre policiais e traficantes e sua substituição por formas

menos letais de conflito, o que leva naturalmente a uma melhora nos índices de segurança nestes espaços e a uma relativa esfera de tranquilidade para seus moradores.

Outra experiência anterior de policiamento comunitário que precedeu o projeto das UPPs foi o Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais (GPAE), uma unidade operacional especial da Polícia Militar inicialmente implementada nas favelas Cantagalo e Pavão-Pavãozinho no ano 2000 e posteriormente replicada para outras favelas da cidade e região metropolitana (MISSE; CARVALHO, 2007).

Apesar de ter chegado ao fim poucos meses depois, um dos legados do Mutirão pela Paz foi a instalação do Centro de Treinamento do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPE) em área localizada entre as favelas Tavares Bastos e Pereira da Silva (Idem). A instalação do centro de treinamento, em dezembro do ano 2000, teve como consequência a redução dos índices de violência nestas duas áreas e o fim da presença de grupos ostensivamente armados ligados ao tráfico de drogas dentro destes territórios. A esfera de “tranquilidade” trazida para estas áreas em decorrência da instalação do centro de treinamento leva a um novo imaginário sobre estes territórios, os “descolando” da imagem de criminalidade e do problema da violência urbana e os inserindo em um novo e restrito grupo de “favelas tranquilas” onde reina a paz. A pouca ou nenhuma ocorrência de confrontos armados nestes territórios é apropriada como um certo “capital simbólico” destas áreas (ROCHA, 2013), as inserindo em uma condição de “privilégio” frente a outros territórios populares da cidade após duas décadas (1980 e 1990) marcadas por episódios de muita violência nestes espaços.

Tal atmosfera faz com que a Tavares Bastos e Pereira da Silva sejam reconhecidas por alguns como as duas primeiras favelas pacificadas do Rio de Janeiro, mesmo oito anos antes da instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora no Morro Santa Marta, também zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, a pacificação da Tavares Bastos e Pereira da Silva ocorre de forma diferenciada dos demais territórios que receberam posteriormente uma UPP. Com a instalação do centro de treinamento do BOPE, estas favelas passaram a funcionar como campo para a realização de exercícios práticos por parte dos policiais do batalhão, ampliando a presença do BOPE para além das fronteiras do prédio ocupado por ele para todo o território da favela Tavares Bastos e, eventualmente, pela mata fechada que separa esta última favela da Vila Pereira da Silva.

A presença constante do efetivo do BOPE nestes territórios não só reduziu o domínio territorial e a presença de grupos de traficantes ostensivamente armados nestes dois territórios como inaugurou uma outra forma de relação entre policiais e a população local destes espaços. Tal relação é bastante diferente da observada em grande parte das áreas que receberam UPPs. Com o início da crise do projeto das UPPs, passou a ser

comum os relatos de casos de abuso de força por parte dos policiais destas unidades contra os moradores de áreas que receberam a sua instalação. Na Tavares Bastos, por outro lado, são poucos ou inexistentes os relatos de violência policial por parte do BOPE contra moradores locais (SILVA; LIMA, 2015, p.97). Ao contrário disto, a instalação do centro de treinamento neste local é vista como um divisor de águas tanto no quesito segurança quanto na dinamização do mercado imobiliário e no comércio local. Muitos dos moradores relatam uma intensa verticalização e a chegada de novos moradores à favela após a instalação do BOPE neste local.

Em 2010, o então governador Sérgio Cabral anunciou a transferência do centro de treinamento do BOPE para o Complexo da Maré e a transformação do prédio localizado na Tavares Bastos na sede da Escola da Polícia Pacificadora. Rapidamente, 200 moradores da Tavares Bastos se uniram pelo movimento “Fica, BOPE!”, temendo a volta da criminalidade para o local (SILVA; LIMA, 2015, p.80). Tal movimento é um indicativo bastante emblemático da importância que a presença do BOPE assumiu para a comunidade.

O projeto das Unidades de Polícia Pacificadora emerge como uma nova tentativa de melhorar o quadro da segurança pública do Rio de Janeiro e dar continuidade a um modelo de intervenção policial de proximidade e humanizado em territórios populares dominados por grupos armados ligados ao tráfico de drogas. Em 2008, a Secretaria Estadual de Segurança Pública lança oficialmente o programa de pacificação de favelas começando pela implementação da primeira unidade no morro Santa Marta. A UPP Vidigal – Chácara do Céu foi a 19ª a ser instalada, no início do ano de 2012.

O programa de pacificação não é objeto de pesquisa desta tese²⁰. No entanto, é importante entendermos que um dos impactos imediatos mais importantes desta experiência foi a drástica redução dos índices de violência dentro e ao redor das áreas pacificadas. De 2008 a 2013, foi possível observar uma queda significativa no número de vítimas de morte por intervenção de agente do Estado em todo o estado do Rio de Janeiro (Gráfico 1). A retomada do domínio territorial das áreas pacificadas pelo Estado levou a um intenso processo de ressignificação simbólica principalmente daquelas favelas pacificadas localizadas nas áreas mais turísticas da cidade. No período pós 2016, no entanto, a crise de segurança pública do Rio de Janeiro somada à crise política e econômica nacional foram alguns dos fatores que levaram a uma inversão neste quadro, como mostraremos ao longo da tese.

---

²⁰ Para mais informações consultar: CANO; BORGES; RIBEIRO (2012) e LEITE (2014).

Gráfico 1 - Vítimas de morte por intervenção de agente do Estado – estado do Rio de Janeiro – 2003 a 2020

Fonte: ISP, 2021.

Nos tópicos que seguem, aprofundaremos a análise sobre os impactos da instalação do centro de treinamento do BOPE sobre as comunidades Tavares Bastos e Pereira da Silva e as diferenças entre os impactos da presença do batalhão e aqueles trazidos pela UPP no Vidigal. Compreender estas diferenças é importante para entendermos as divergências entre as dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas observadas nos campos de controle e no campo principal deste trabalho de investigação.

CAPÍTULO 2 – FAVELA OLÍMPICA: PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS VELHOS E DOS “NEW OUTCOMERS”

2.1 Proporção de nativos e não nativos, naturalidade e último local de moradia

Nesta seção, apresentamos alguns indicadores demográficos que visam caracterizar o perfil da população residente nas três áreas estudadas por esta pesquisa. A análise comparativa destes indicadores nos ajudará a compreender as similaridades e diferenças entre o perfil socioeconômico da população residente nestas áreas e o perfil da população residente no município e região metropolitana do Rio de Janeiro. Mas, acima de tudo, nos permitirá compreender as diferenças entre o perfil socioeconômico médio da população que já vivia nestes espaços antes do período de estudo desta pesquisa e aquela que passou a viver no período mais recente. Mais uma vez, os tópicos que seguem representam uma “fotografia” desta população em um período temporal específico. Isto nos permitirá sobrepor outras “fotografias”, mais antigas e mais recentes, que irão elucidar as mudanças de perfil socioeconômico destes grupos sociais ao longo do tempo e dentro do recorte temporal estabelecido por esta pesquisa.

O que obtivemos com as “fotografias” originadas a partir dos dados levantados por esta pesquisa no Vidigal, Pereira da Silva e Tavares Bastos foi um perfil socioeconômico relativamente semelhante entre os moradores das três áreas pesquisadas. Trata-se de uma população formada majoritariamente por pessoas que estão há somente uma geração nesses territórios, composta predominantemente por migrantes oriundos de outros estados do país (dos quais se destaca a forte presença de migrantes nordestinos). Trata-se também de uma população que migrou em direção a estas favelas motivada por questões relacionadas a trabalho, mas cuja existência prévia de redes de familiares e conhecidos nestes locais foi essencial para a escolha por se mudarem especificamente para estas favelas. Somado a isto, é uma população com um baixo nível de escolaridade, cuja cor ou raça é dividida de forma relativamente equilibrada entre brancos e pretos ou pardos, com uma renda média que se concentra principalmente na faixa de 0 a 2 salários mínimos e renda média domiciliar de cerca de três salários mínimos²¹.

Para compreender alguns fatores que caracterizam as populações estudadas é preciso antes entender que a história da formação de grande parte das favelas localizadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro está permeada pela história dos movimentos

---

²¹ Valores de referência R\$954,00, salário mínimo vigente no segundo semestre de 2018.

migratórios nordeste – sudeste, principalmente aqueles ocorridos entre o período de 1930 até o final do século XX. A formação destes territórios conta com a expressiva participação de migrantes nordestinos. O intenso fluxo migratório desta população de seus estados de origem para as grandes capitais da região sudeste contribuiu de forma muito importante para a ocupação e consolidação de parcela significativa das favelas e bairros do Rio de Janeiro (ANGELO; FOGAÇA; BARBOSA, 2020). Portanto, o processo de formação e consolidação das favelas estudadas por esta pesquisa está intimamente ligado aos movimentos de deslocamento de populações nordestinas que fugiam das secas de sua região de origem em direção às principais capitais do sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), capitais estas que se destacavam por seu forte processo de industrialização e grande oferta de postos de trabalho.

A partir do final do século XX e início do século XXI, a região Nordeste passa a perder contingentes bem menores de sua população e a experimentar o retorno de uma parcela importante de seus migrantes. Desde o início dos anos 2000, estudos migratórios relatam uma queda da atratividade migratória da região sudeste sobre a região nordeste do país e um aumento nas migrações de retorno à estas regiões, sobretudo para os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Sergipe (OJIMA; FUSCO, 2014, pag. 25). O conhecimento das alterações nesta dinâmica migratória ao longo do tempo é importante para entendermos em parte o perfil socioeconômico da população residente nas favelas estudadas por esta pesquisa assim como as mudanças demográficas registradas no nosso levantamento.

Dito isto, iniciamos este tópico de caracterização demográfica das áreas estudadas analisando a proporção de moradores nativos e não nativos destas áreas. No Gráfico 2, moradores “nativos” são aqueles que nasceram nas áreas estudadas - e que portanto estão há mais de uma geração nestes locais - e não nativos são aqueles que migraram posteriormente para estas favelas. A presença de nativos vivendo no Vidigal e Pereira da Silva é mais alta quando comparada à Tavares Bastos. Enquanto no Vidigal o percentual de pessoas nascidas no morro é 27% e na Pereira da Silva, 32%, apenas 17% dos moradores da Tavares são nascidos no morro.

Diferenças temporais entre o período de início de ocupação de cada uma das favelas estudadas poderiam explicar uma menor presença relativa de moradores que estão há mais de uma geração naquele local. No entanto, os registros históricos iniciais de formação das três áreas são bastante próximos, o que pode indicar que a Tavares Bastos recebeu um fluxo mais intenso de migrantes em um período mais recente, resultando em um grande número de moradores migrantes que estão a apenas uma geração no morro.

Gráfico 2 - Proporção de moradores nativos e não nativos nas áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

A análise do tempo de moradia dos responsáveis pelos domicílios entrevistados nas respectivas favelas estudadas foi feita considerando os marcos temporais 2012, 2014 e 2016 (Gráfico 3). A escolha destes marcos se justifica pelo ano de implementação da Unidade de Polícia Pacificadora no Vidigal, em 2012, pela realização da Copa do Mundo de 2014 e pelo fim do que estamos considerando aqui como período de megaeventos esportivos, que se encerra com as Olimpíadas de 2016. O marco temporal 2012 foi também considerado para a análise dos dados das favelas Pereira da Silva e Tavares Bastos, campos de controle desta pesquisa. O objetivo foi avaliar a ocorrência de possíveis alterações nos fluxos migratórios em direção à áreas que não receberam uma UPP no período em questão e compreender em que medida as novas dinâmicas demográficas observadas no Vidigal possuem relação direta com a instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu ou estão inseridas em processos mais amplos de reconfiguração de fluxos migratórios na cidade do Rio de Janeiro.

Entre as três áreas estudadas, o percentual de moradores que já viviam nestes espaços antes de 2012 varia de 48 a 57% entre as três áreas. Somando-se este número com o de moradores nativos, vemos que entre 71 e 84% dos moradores entrevistados já viviam nestas favelas antes de 2012. Ou seja, de 16 a 29% dos moradores locais se mudaram para as favelas pesquisadas no período de seis anos que precedeu a realização deste levantamento (2012-2018). Estes dados podem indicar a ocorrência de um adensamento populacional nestes espaços nos últimos anos, mas também pode indicar a substituição de população com a chegada de novos moradores e a saída de antigos. A ausência de dados sobre a população total atual destas favelas não nos permite fazer uma análise comparativa entre a população residente nestes espaços anteriormente e após nosso período de estudo. No entanto, relatos de intensos processos de adensamento nos últimos anos foram obtidos nas três áreas estudadas, o que aponta que a hipótese do

crescimento populacional talvez esteja mais próxima da realidade vivida por estes espaços nos últimos anos.

Gráfico 3 - Ano de mudança dos(as) responsáveis pelos domicílios entrevistados para as áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

A análise da naturalidade dos moradores entrevistados (Gráfico 4) aponta que, na Tavares, 62% são migrantes vindos de outros estados do país, número quase duas vezes maior do que o percentual de migrantes interestaduais vivendo na Pereira da Silva (34%).

Gráfico 4 - Naturalidade dos moradores por área estudada

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Dados disponíveis no Armazém de Dados do município do Rio de Janeiro e extraídos do Censo Demográfico IBGE 2010 através do Banco Multidimensional de Estatísticas (BME) indicam que 47% dos migrantes brasileiros que viviam no município

naquele ano eram naturais de estados da região nordeste do país, 44% da região sudeste e somente 8% das demais regiões do país. Nas três áreas estudadas por esta pesquisa, os migrantes brasileiros que viviam nestes locais no período de realização do levantamento são predominantemente nordestinos, chegando a 80% dos migrantes na Pereira da Silva (Gráfico 5). Em termos relativos, a Pereira da Silva possui quase o dobro do percentual de migrantes nordestinos se comparada ao município do Rio de Janeiro como um todo. Tanto o Vidigal quando a Tavares Bastos e Pereira da Silva concentram um percentual de migrantes nordestinos acima da média do município. Por outro lado, o município possui um percentual de migrantes naturais de estados da região sudeste mais elevado do que nas três áreas estudadas.

Gráfico 5 - Naturalidade dos moradores migrantes por região do país para as áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa. Computados todos os migrantes brasileiros naturais de fora do município do Rio de Janeiro. Excluídos os migrantes naturais de outros países.

Nas análises cartográficas que seguem, utilizamos como unidade territorial os setores censitários do Censo IBGE 2010 (vide Mapa 1) para fazer uma análise de predominâncias em quesitos como renda média mensal domiciliar, escolaridade e naturalidade dos entrevistados. Para isso, consideramos os dados predominantes coletados por esta pesquisa em cada setor censitário para cada um dos quesitos acima e desenvolvemos mapas de predominâncias visando melhor compreender as complexidades internas do território do Vidigal. Voltamos a lembrar que, em função da dimensão reduzida das favelas Tavares Bastos e Pereira da Silva, a análise de manchas de predominância não foi realizada para estas áreas.

No Vidigal, observamos uma relação entre a distribuição geográfica dos domicílios cujos responsáveis se encontravam a mais de uma geração no morro, ou seja, aqueles

que nasceram e sempre viveram no local, e as áreas centrais do morro, ocupadas entre as décadas de 1950 e 1960 (Mapas 13 e 14). Ao mesmo tempo, é interessante notar que há uma relação entre as áreas de melhor infraestrutura urbana (“área do IPTU”) e moradores vindos de outros bairros formais da cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, migrantes naturais de outros estados do país se concentram principalmente nas áreas ocupadas a partir das décadas de 1960-70 (retomar Mapa 9). Isto nos mostra que os migrantes interestaduais foram os principais responsáveis pelo avanço da ocupação urbana do Vidigal em direção à parte alta do morro a partir das décadas de 1960-70. Por outro lado, a predominância de moradores vindos de outros bairros formais da cidade na única área regularizada do Vidigal pode apontar que o parcelamento desta gleba, na década de 1960, atraiu principalmente os próprios cariocas que viviam em outras áreas da cidade.

Mapa 13 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a naturalidade de seus responsáveis - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 14 - Predominância de naturalidade do responsável pelo domicílio entrevistado por setor censitário - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Na Pereira da Silva e Tavares Bastos, por outro lado, a ausência de documentos sobre o processo histórico de ocupação destas áreas não nos permite afirmar a existência de relação entre a localização geográfica dos domicílios cujos responsáveis nasceram nestes locais e as áreas de ocupação mais remota destes morros. Apesar disto, notamos uma relativa predominância de moradores nativos na porção oeste do mapa da Pereira da Silva (Mapa 15) e na porção norte do mapa da Tavares Bastos (Mapa 16).

Mapa 15 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a naturalidade de seus responsáveis – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 16 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a naturalidade de seus responsáveis – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

O levantamento de dados primários sobre o perfil socioeconômico da população residente nas três áreas estudadas com base em amostra representativa de seus

moradores nos permitiu comparar características de grupos distintos desta população. Com isto, estabelecendo como variável principal o tempo de moradia do responsável pelo domicílio entrevistado na área em questão, foi possível comparar dados referentes a naturalidade, rendimento individual dos responsáveis pelo domicílio, rendimento domiciliar, cor/raça, escolaridade e outros dados de moradores que passaram a morar nestes espaços no período mais recente e moradores que já viviam nestes locais há mais tempo. O objetivo desta análise comparativa foi analisar a formação de novas dinâmicas demográficas nestes espaços no período recente.

Estabelecemos para o Vidigal o marco temporal 2012, ano de instalação da Unidade de Polícia Pacificadora Vidigal – Chácara do Céu, e comparamos o perfil médio da população que já vivia no morro no período pré-pacificação e que passou a migrar em direção a este local no período pós-pacificação. Posteriormente, repetimos a mesma análise inserindo outros dois marcos temporais: 2014, ano de realização da Copa do Mundo, e 2016, ano de realização dos Jogos Olímpicos. A mesma análise feita para os dados resultantes do Vidigal foi também realizada para as outras duas áreas pesquisadas.

A análise dos dados coletados tanto na Pereira da Silva quanto na Tavares Bastos não apontam mudanças demográficas significativas quando comparados o perfil socioeconômico da população que já vivia nestes locais antes de nossos marcos temporais e que passou a viver após este período. Não foram encontradas mudanças significativas de perfil em nenhum dos quesitos: rendimento individual e domiciliar, cor/raça, escolaridade, naturalidade, último local de moradia e outros. Para o Vidigal, por outro lado, os dados apontam algumas diferenças nos quesitos acima mencionados quando comparamos o perfil médio da população que vivia neste local antes da pacificação e que passou a viver após a instalação da UPP local. Abaixo, apresentamos os resultados desta análise comparativa.

A comparação de dados sobre a naturalidade dos moradores que já viviam no local anteriormente à pacificação do Vidigal e daqueles que passaram a viver no período pós-2012 nos mostra que ao mesmo tempo em que há uma queda de vinte e nove pontos percentuais na participação de migrantes interestaduais entre os moradores mais recentes, há um aumento de 16% de moradores naturais de outros bairros do município do Rio de Janeiro, 6% entre os naturais de cidades do estado ou região metropolitana do Rio e 5% entre os naturais de países estrangeiros (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Naturalidade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

*Considerados somente os moradores não nativos. Ou seja, migrantes que viviam no local na data da entrevista.

Voltando à comparação entre as três áreas estudadas, a avaliação do último local de moradia dos entrevistados antes de se mudarem para a área em questão (Gráfico 7) nos permite compreender a mobilidade residencial das famílias residentes nestes espaços e formular uma matriz de origem desta população. A análise de possíveis alterações nesta matriz nos últimos anos pode ajudar a identificar a formação de novos fluxos migratórios para estes espaços no período recente. Observamos, tanto na Tavares Bastos quanto na Pereira da Silva, a existência de um fluxo migratório vindo de outros bairros formais do município do Rio de Janeiro em direção a estas favelas que é relativamente mais intenso do que o observado no Vidigal. Perguntamos aos responsáveis pelos domicílios entrevistados que não eram nascidos nas áreas em questão o seu último local de moradia antes de se mudar para a favela estudada. No Vidigal, 25% dos responsáveis pelos domicílios entrevistados afirmaram ter vindo de outro bairro formal do município, contra 38% da Pereira da Silva e 40% da Tavares Bastos.

Apesar de as três áreas estudadas possuírem um alto percentual de moradores migrantes naturais de outros estados do país, quando olhamos para o último local de moradia destes, o percentual de pessoas vindas diretamente de outros estados cai consideravelmente enquanto o percentual de moradores vindos de outra favela, outros bairros formais da cidade ou outra cidade do estado ou região metropolitana sobe. Isto indica que as áreas estudadas não foram a porta de entrada para a maior parte destes migrantes interestaduais ao chegar ao Rio de Janeiro. Muitos destes migrantes viveram antes em outra favela, bairro formal ou cidade do estado e região metropolitana antes de se mudarem para as áreas estudadas.

Gráfico 7 - Último local de moradia do(a) responsável pelo domicílio antes de se mudar para a área estudada

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Da mesma forma, quando analisamos não a naturalidade, mas o último local de moradia dos responsáveis pelo domicílio entrevistado antes de se mudarem para o Vidigal, observamos também a predominância de indivíduos vindos de outros bairros formais da cidade do Rio de Janeiro na chamada “área do IPTU” e a predominância de moradores vindos de outros estados do país nas demais áreas do morro (Mapas 17 e 18). Isto reforça a hipótese de que moradores vindos de outros bairros formais e, portanto, com melhores condições de infraestrutura urbana do que territórios informais, tendem a procurar moradia também nas áreas de melhor infraestrutura urbana quando se mudam para o Vidigal.

Na Pereira da Silva, entrevistados cujo último local de moradia foram outros bairros formais parecem ocupar as chamadas “franjas” do morro, nas extremidades leste e oeste (Mapa 19), áreas de mais fácil acesso da favela. Enquanto isso, na Tavares Bastos observamos uma tendência de concentração desta população na parte central do morro (Mapa 20), área que concentra alguns dos imóveis de maior porte e qualidade construtiva.

Mapa 17 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o último local de moradia de seu responsável antes de se mudar para o Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 18 - Predominância de último local de moradia do responsável do domicílio antes de se mudar para o Vidigal por setor censitário

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 19 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o último local de moradia de seu responsável antes de se mudar para a Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 20 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o último local de moradia de seu responsável antes de se mudar para a Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Ao mesmo tempo, a avaliação do último local de moradia dos migrantes antes de se mudarem para as áreas estudadas nos permite compreender a mobilidade residencial

das famílias residentes nestes espaços e formular uma matriz de origem destas, compreendendo quantos destes migrantes tiveram estas áreas como porta de entrada no Rio de Janeiro e quantos viveram em outros locais do Rio antes de se mudarem para o morro. A análise de possíveis alterações nesta matriz nos últimos anos pode ajudar a identificar a formação de novos fluxos migratórios para estas áreas no período recente. Mais uma vez, os dados analisados para a Pereira da Silva e Tavares Bastos não indicaram diferenças significativas entre o último local de moradia dos moradores mais antigos e mais recentes destas favelas. No Vidigal, no entanto, o que a comparação destes dados considerando os grupos de moradores que já viviam no Vidigal antes da pacificação e aqueles que passaram a morar após este período nos mostra é que há uma queda na participação relativa daqueles migrantes vindos de outros estados do país. Se entre os moradores mais antigos este percentual era de 46%, ele passa para 20% entre os novos moradores (Gráfico 8). Esta queda pode estar ocorrendo também como um reflexo da redução do fluxo migratório Nordeste – Sudeste e do aumento do fluxo de retorno desta população (nordestinos que viviam no sudeste retornando para suas regiões de origem). Esta alteração passa a ser observada principalmente no final do século XX e primeiras décadas do século XXI e pode ter influenciado os dados levantados pela nossa pesquisa.

A partir dos nossos dados, observamos também alterações em outros tipos de fluxos migratórios (inter-favelas e de bairros formais em direção à favela do Vidigal). Pesquisa desenvolvida por Abramo em 2018 avaliou transações imobiliárias de compra e venda e aluguel em diversas favelas do Rio de Janeiro (pacificadas e não pacificadas) e concluiu que entre 54 e 65% das transações levantadas naquele ano se referiam a um fluxo de mobilidade dentro das próprias favelas estudadas (ou seja, intra-favela). De 22 a 24% destas transações eram de pessoas vindo de bairros formais da cidade em direção às favelas estudadas e de 12 a 21% vindos de outras favelas para aquela estudada (fluxo inter-favelas).

Aqui, avaliamos não as transações imobiliárias, mas formulamos uma matriz de origem daqueles que haviam se mudado para a favela estudada no período de recorte temporal desta pesquisa considerando seu último local de moradia antes de se mudar para a área em questão. O que observamos é que o peso relativo daqueles vindos de outros bairros **formais** do município em direção ao Vidigal aumenta, passando de 34 para 44%, e os vindos de outras favelas da cidade sobe de 10 para 16%. O percentual de moradores vindos de outras cidades do estado ou região metropolitana do Rio de Janeiro, por outro lado, passa de 10 para 20% (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Último local de moradia segundo tempo que vive no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

No entanto, apesar das diferenças de perfil e origem / naturalidade entre os moradores mais antigos e mais novos, não observamos tendência de localização deste grupo de moradores mais recente em áreas específicas do morro. Ao contrário disto, os moradores que se mudaram para o morro no período pós 2012 estão geograficamente distribuídos por todas as áreas do morro (Mapa 21).

Mapa 21 – Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o ano de mudança de seu responsável para o Vidigal – Marco temporal 2012

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

A análise dos fluxos migratórios é complementada pela questão que investigou as motivações por trás da formação destes fluxos em direção às áreas estudadas (Gráfico 9). Ao serem questionados sobre os motivos que os fizeram procurar especificamente estas áreas como local de moradia, os entrevistados responderam de forma livre. Posteriormente, através do uso de técnicas de análise de conteúdo, as respostas foram analisadas individualmente e agrupadas entre as categorias acima listadas. É importante salientar que, para a realização desta análise, foi considerado o primeiro motivo citado por cada entrevistado(a) para escolher especificamente a área em questão como local de moradia. A partir disto, percebemos que ainda que a escolha por cada área também tenha sido motivada por questões como a busca por trabalho ou as vantagens locacionais da favela em questão, a maior parte dos entrevistados escolheram especificamente esta área motivados primeiramente por questões familiares. Entre estas questões estão principalmente o casamento com morador(a) local ou a presença anterior de familiares ou conhecidos no morro. O trabalho é o segundo principal motivo por trás do movimento migratório em direção ao Vidigal e à Pereira da Silva. Para estes moradores, o Vidigal e a Pereira da Silva ficam mais próximos de seus postos de trabalho do que o local que viviam anteriormente. Preço, localização, segurança e tranquilidade aparecem como motivos menos citados entre os entrevistados que hoje vivem nas três áreas.

Gráfico 9 - Motivos que levaram o(a) responsável pelo domicílio a escolher a área em questão como local de moradia

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

No Vidigal, quando analisamos os motivos por ter procurado este como local de moradia declarados por aqueles que já viviam no morro no período pré-2012, vemos que os fatores mais citados foram a “presença de familiares no morro” (55%) seguido por “trabalho” (14%) (Gráfico 10). Estes indivíduos são menos guiados pelos motivos “preço” (4%) e “localização” (5%). Quando olhamos para aqueles que passaram a morar no Vidigal no período após a pacificação, apesar de ainda predominar aqueles que procuram o morro

motivados por questões familiares, observamos que há um aumento daqueles que passaram a morar no local motivados por questões como trabalho (24%), preço (15%), localização (9%) e segurança (7%) e uma redução daqueles que procuraram o morro motivados pela presença prévia de familiares neste local (29%). Na Pereira da Silva e Tavares Bastos não foram encontradas diferenças significativas entre as motivações que levaram moradores mais novos e mais antigos a procurarem estas áreas como local de moradia.

Gráfico 10 - Motivos da mudança para o Vidigal segundo seu tempo de moradia no local

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Pesquisas que avaliam os motivos por trás das preferências locacionais das famílias residentes em favelas já apontavam a proximidade de familiares como fator de atração importante para estes grupos. O trabalho desenvolvido por Abramo (INFOSOLO, 2006, p. 103) questionou os três principais motivos para a entrada de moradores em favelas no seu então local de moradia. Para 19,4% dos entrevistados, a proximidade de parentes é o principal motivo por trás desta escolha. Em seguida, aparecem fatores como já ter morado na comunidade em questão (17,4%) e proximidade dos amigos (5,8%). Somando-se todos os fatores relacionados à presença de redes de confiança e solidariedade na área em questão, temos 40% dos moradores entrevistados pela pesquisa. Os resultados obtidos por Abramo mostram também o fator proximidade do trabalho como elemento importante nas preferências locacionais dos grupos estudados. No entanto, são resultados bastante inferiores à ideia recorrente de que este segmento da população vivem nas favelas em que vivem guiados fundamentalmente pelo fator proximidade de seus empregos.

A importância que a presença de redes de familiares exerce sobre a escolha locacional destes grupos é reforçada quando se avalia os motivos de repulsão entre aqueles que se encontravam de mudança de determinadas comunidades. A pesquisa desenvolvida por Abramo aponta que para 11,5% dos entrevistados nesta condição

declararam como motivo principal para sua saída da área onde vivia a distância de parentes. Para outros 11,5%, o tamanho do domicílio em que viviam é o fator mais relevante e para 35,1% a violência aparece como fator principal (INFOSOLO, 2006, p.104).

A análise das respostas à pergunta “para onde pretende ir”, feita aos grupos que estavam de mudança das áreas estudadas, mostra ainda que a grande maioria destes entrevistados pretendia permanecer na própria comunidade ou em bairros do entorno desta, o que reforça a tese de Abramo de que a existência de laços sociais configura um dos fatores mais importantes na escolha do local de moradia entre moradores de favelas cariocas (idem, ibidem, p.94).

2.2 Perfil de escolaridade, cor/raça e renda

A comparação de dados sobre escolaridade levantados pela nossa pesquisa no Vidigal a dados da PNAD contínua trimestral (IBGE) para o terceiro semestre de 2018 aponta que a escolaridade média do morador do Vidigal fica abaixo da média dos moradores do município do Rio de Janeiro e mais próxima do nível de escolaridade média nacional (Tabela 2). Apesar de a nossa pesquisa ter encontrado no Vidigal um percentual de moradores sem instrução abaixo da média do Rio de Janeiro e do Brasil (3% no Vidigal contra 4,7% no município do Rio de Janeiro e 7,8% no Brasil), 52% da população residente no Vidigal possui nível de escolaridade entre ensino fundamental incompleto e médio incompleto, enquanto 37% dos residentes no município do Rio de Janeiro possuem escolaridade entre estes níveis. O percentual de moradores do Vidigal com ensino médio completo (27,8%) e superior incompleto (6,9%) é bastante próximo dos percentuais encontrados no município do Rio de Janeiro para o mesmo nível de instrução (28,6% para ensino médio completo e 7,1% para superior incompleto). Apesar disto, 22,6% da população do Rio de Janeiro possui ensino superior completo, contra somente 8% dos Vidigalenses.

A Pereira da Silva possui um percentual de moradores sem instrução acima da média do município do Rio de Janeiro (6% na Pereira contra 4,7% no Rio de Janeiro). Enquanto 80% dos moradores da Pereira possuem até ensino médio completo, 70% da população do município do Rio de Janeiro se encontra nesta faixa de escolaridade. Por outro lado, o percentual de moradores da Pereira da Silva com ensino superior incompleto é quase o dobro do percentual do município do Rio de Janeiro (12% contra 7,1%). A média de moradores da Pereira que possuem ensino superior completo fica bastante abaixo da

média do Rio (8% contra 22,6%). No entanto, é a área que apresenta nível de escolaridade mais elevado entre as três favelas estudadas.

Na Tavares Bastos, o percentual de moradores sem instrução é quase metade do percentual da população do município do Rio de Janeiro (2,5% contra 4,7%). No entanto, enquanto 85,2% da população da Tavares possui nível de escolaridade entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo, 65,6% da população do município do Rio de Janeiro se encontram nesta faixa de escolaridade. A média de moradores com ensino superior incompleto na Tavares Bastos é bem próxima da média dos moradores do município do Rio de Janeiro (7,4% e 7,1%, respectivamente). Por outro lado, a Tavares Bastos possui a menor taxa de moradores com ensino superior completo (4,9%) entre as três áreas estudadas por esta pesquisa e quase dezoito pontos percentuais abaixo da média da população do município do Rio de Janeiro com o mesmo nível de escolaridade (22,6%).

Tabela 2 - Escolaridade da população residente por área estudada, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil (%)

	Sem instrução	Ensino fundamental incompleto ou equivalente	Ensino fundamenta l completo ou equivalente	Ensino médio incompleto ou equivalente	Ensino médio completo ou equivalente	Ensino superior incompleto ou equivalente	Ensino superior completo ou equivalente	Pós- graduação
Vidigal ¹	3,0	34,2	8,3	10,2	27,8	6,9	8,0	1,4
Pereira da Silva ¹	6,0	28,0	10,0	4,0	32,0	12,0	8,0	0,0
Tavares Bastos ¹	2,5	35,8	7,4	13,6	28,4	7,4	4,9	0,0
Rio de Janeiro (Município) ²	4,7	22,6	8,4	6,0	28,6	7,1	22,6	-
Rio de Janeiro (Região Metropolitana) ²	5,1	27,4	8,8	6,6	29,1	6,0	17,1	-
Brasil ²	7,8	36,8	8,0	6,9	23,9	4,6	12,1	-

Fonte: ¹ Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

² IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral - 3º trimestre 2018.

A análise da distribuição da população residente em cada uma das favelas estudadas indica uma tendência de localização de moradores com maior nível de escolaridade nas áreas de mais fácil acesso, com melhor qualidade de infraestrutura viária e imóveis de padrão construtivo relativamente mais elevado. Esta tendência foi observada com mais força no Vidigal (Mapas 22 e 23), onde há uma maior concentração de moradores com ensino superior completo e incompleto na porção leste do morro (área do IPTU). Por outro lado, no Vidigal há também uma maior predominância de níveis de escolaridade mais baixos (ensino fundamental incompleto e analfabetos) nas áreas

centrais do morro, que também são as áreas com maior precariedade habitacional e de infraestrutura urbana.

Na Pereira da Silva (Mapa 24), há uma relativa predominância de moradores com ensino superior completo e incompleto na porção oeste do morro. Na Tavares Bastos, no entanto, esta relação é menos visível e com tendência de concentração de população de mais alto nível de escolaridade na porção central do morro, onde se encontram alguns dos imóveis de maior porte (Mapa 25).

Mapa 22 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o nível de escolaridade de seu responsável – Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 23 - Predominância de nível de escolaridade do responsável pelo domicílio entrevistado por setor censitário

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 24 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o nível de escolaridade de seu responsável – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 25 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o nível de escolaridade de seu responsável – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

A análise comparativa do perfil de escolaridade dos moradores mais antigos e mais recentes da Pereira da Silva e Tavares Bastos não apresentou mudanças significativas neste perfil. No entanto, a principal diferença quando olhamos para dados referentes à escolaridade dos moradores que já viviam no Vidigal no período pré-pacificação e aqueles que passaram a procurar o morro como local de moradia após este período é o percentual de moradores com ensino fundamental incompleto, ensino superior (completo e incompleto) e pós-graduação. Enquanto 38% dos antigos moradores possuíam ensino fundamental incompleto, somente 11% dos novos moradores pós-pacificação possuíam este nível de escolaridade (Gráfico 11). Da mesma forma, enquanto somente 13% dos moradores que já viviam no local antes da pacificação possuíam ensino superior completo, incompleto ou pós-graduação, 37% dos novos moradores haviam ao menos iniciado uma graduação.

Gráfico 11 - Escolaridade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

No quesito cor e raça, as três áreas estudadas por esta pesquisa apresentam um perfil semelhante de sua população (Tabela 3). Entre os entrevistados pela nossa pesquisa no Vidigal, 45% se declararam brancos e 54% se declararam pretos ou pardos. Na Pereira da Silva, enquanto 48% dos entrevistados se declararam brancos, 50% se declaram pretos ou pardos. Na Tavares Bastos, por sua vez, 43% dos entrevistados são brancos e 53% pretos ou pardos. Tais números estão próximos ao perfil médio de cor e raça da população residente na região metropolitana do Rio de Janeiro, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual do IBGE (ano 2018). Ressalvas devem ser feitas sobre os dados de perfil de cor e raça da população residente na região de planejamento zona sul, visto que os últimos dados disponíveis para esta região administrativa são do Censo Demográfico de 2010. No entanto, consideramos importante tal comparação para compreendermos as diferenças entre o perfil médio da população residente nas três favelas estudadas por esta pesquisa quando comparada ao perfil médio da população residente na região de planejamento onde estão inseridas. Segundo dados do Censo IBGE 2010, 76% da população residente na região de planejamento 2 - zona sul – se declara branca e 23% preta ou parda, ou seja, a população residentes nas favelas estudadas é consideravelmente mais preta e parda e menos branca do que a média dos residentes na região de planejamento zona sul.

Tabela 3 - Cor / Raça da população residente por área estudada, RP Zona Sul, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil

	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Vidigal ¹	45%	19%	0%	35%	0%
Pereira da Silva ¹	48%	32%	0%	18%	2%
Tavares Bastos ¹	43%	20%	1%	33%	2%
RP 2.1 Zona Sul ²	76%	5%	1%	18%	0%
Rio de Janeiro (Município) ³	50%	12%	-	38%	-
Rio de Janeiro (Região Metropolitana) ³	44%	14%	-	41%	-
Brasil ³	43%	9%	-	47%	-

Fonte: ¹ Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

² IBGE - Censo Demográfico 2010.

³ IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - 2018.

Ao contrário do observado na distribuição geográfica da população das áreas estudadas de acordo com seu nível de escolaridade, não notamos relação significativa entre a cor ou raça da população entrevistada e sua distribuição espacial (Mapas 26 e 28). Na Pereira da Silva, há uma aparente predominância de população preta ou parda na porção oeste do morro e branca na porção leste (Mapa 27). Nas outras duas áreas, no entanto, não podemos fazer esta mesma afirmação.

Mapa 26 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a cor/raça de seu responsável - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 27 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a cor/raça de seu responsável – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 28 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a cor/raça de seu responsável – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mais uma vez, nossa pesquisa mostra que 45% do total da população residente no Vidigal se declara branca e 54% preta ou parda, números próximos à média da cidade do

Rio de Janeiro como um todo, mas bastante distintos do perfil médio da população residente na região de planejamento onde a favela está localizada (RP 2.1 - Zona Sul). De acordo com o Censo IBGE 2010, 76% da população residente nesta região de planejamento se declara branca e 23% se declara preta ou parda. O que nosso levantamento aponta é que a população que passou a procurar o Vidigal como local de moradia no período após a pacificação local é 62% branca e 36% preta ou parda (Gráfico 12), números que aproximam os novos grupos que passaram a migrar em direção ao morro do perfil médio de raça e cor da população residente na região de planejamento zona sul.

Gráfico 12 - Cor ou raça de acordo com o tempo de moradia no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

A renda nominal média mensal dos moradores entrevistados pela nossa pesquisa no Vidigal se concentra principalmente na faixa de 0 a 2 salários mínimos (72% dos entrevistados). Em valores absolutos, a média da renda nominal mensal dos entrevistados correspondia a 1,49 salários mínimos (valor de referência R\$954,00, salário mínimo vigente na data da pesquisa). Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral do IBGE referente ao terceiro trimestre de 2018, mesmo período de realização da nossa pesquisa no Vidigal, o rendimento médio nominal, habitualmente recebido por mês e efetivamente recebido por trabalhadores do município do Rio de Janeiro correspondia a 3,49 SM. Para a região metropolitana do Rio de Janeiro, este valor era de 2,91 SM no mesmo período, o que coloca a renda média mensal nominal dos moradores do Vidigal mais de um salário mínimo abaixo da média da região metropolitana do Rio de Janeiro e dois salários mínimos abaixo da média do município do Rio de Janeiro (Tabela 4).

Na Pereira da Silva, 58% dos entrevistados declararam possuir renda de até dois salários mínimos na data da pesquisa. Em valores absolutos, a média da renda nominal mensal dos entrevistados nesta favela foi a maior entre as três áreas estudadas por esta pesquisa (R\$1.902,25, o que correspondia a 1,99 SM de acordo com o salário mínimo vigente). Ou seja, a renda média mensal nominal dos moradores da Pereira da Silva era um salário mínimo abaixo da média da região metropolitana do Rio de Janeiro e 1,5 salários mínimos abaixo da média do município do Rio de Janeiro.

Entre os moradores da Tavares Bastos, 72% possuem renda nominal mensal média entre 0 e 2 salários mínimos. A média da renda nominal mensal dos entrevistados nesta favela na data da entrevista era de R\$1.449,50, o que correspondia a 1,45 SM. A renda média mensal nominal dos moradores da Tavares Bastos era cerca de 1,5 salários mínimos mais baixa do que a média da região metropolitana do Rio de Janeiro e dois salários mínimos mais baixa do que a média do município do Rio de Janeiro.

Tabela 4 - Rendimento médio mensal por área estudada, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil

	Rendimento médio mensal (R\$)	Rendimento médio mensal em salário mínimos ³
Vidigal ¹	1.418,05	1,49
Pereira da Silva ¹	1.902,25	1,99
Tavares Bastos ¹	1.449,50	1,52
Rio de Janeiro (Município) ²	3.326,00	3,49
Rio de Janeiro (Região Metropolitana) ²	2.778,00	2,91
Brasil ²	2.224,00	2,33

Fonte: ¹ Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

² IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral – 3º trimestre 2018.

³ Valor de referência: R\$954,00, salário mínimo vigente no 3º trimestre de 2018.

Abaixo, vemos a distribuição do rendimento médio mensal por faixa salarial para as três áreas estudadas. Destaque para o percentual de população sem renda, que é 12 pontos percentuais mais baixo na Pereira da Silva quando comparado às outras duas áreas, e para os domicílios com renda média mensal de 3 a 5 salários mínimos, que é mais de dez pontos percentuais mais alto na Pereira da Silva do que a média das outras duas áreas estudadas.

Gráfico 13 - Rendimento médio mensal por faixa salarial para as áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.
 Valor de referência: R\$954,00, salário mínimo vigente no 3º trimestre de 2018.

No quesito renda média mensal domiciliar, a Pereira da Silva mais uma vez é a área com rendimento mais alto quando comparada às outras duas favelas estudadas por esta pesquisa. Com um rendimento domiciliar médio mensal de R\$3.195,20, a Pereira da Silva fica acima dos R\$2.695,58 de renda média mensal domiciliar no Vidigal e R\$2.711,18 na Tavares Bastos.

Tabela 5 - Rendimento médio mensal domiciliar por área estudada

	Rendimento domiciliar médio mensal (R\$)	Rendimento domiciliar médio mensal em salários mínimos ¹
Vidigal	2.695,58	2,83
Pereira da Silva	3.195,20	3,35
Tavares Bastos	2.711,18	2,84

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

¹ Valor de referência: R\$954,00, salário mínimo vigente no 3º trimestre de 2018.

Abaixo, vemos a distribuição da renda média mensal domiciliar por faixa salarial para as três áreas estudadas (Gráfico 14). Na Pereira da Silva, 56% dos domicílios entrevistados possuíam renda média mensal domiciliar de pelo menos três salários mínimos enquanto apenas 33% dos domicílios entrevistados no Vidigal e 37% na Tavares Bastos apresentavam a mesma faixa de rendimento.

Gráfico 14 - Rendimento domiciliar médio mensal por faixa salarial para as áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.
 Valor de referência: R\$954,00, salário mínimo vigente no 3º trimestre de 2018.

A análise da distribuição geográfica dos domicílios entrevistados de acordo com a sua renda domiciliar média mensal aponta para uma relativa predominância de rendas mais elevadas (acima de três salários mínimos) na parte mais baixa e ao longo da Avenida Presidente João Goulart, no Vidigal, além da porção nordeste do morro, onde se localizam as vias carroçáveis Dr. Olinto de Magalhães e Major Toja, na chamada “área do IPTU” (Mapas 29 e 30). De fato, há também uma forte relação entre rendas mais elevadas e áreas com valores de aluguel também mais elevados, como mostraremos nos tópicos que seguem. As famílias com maior renda naturalmente conseguem ter acesso a áreas com melhor infraestrutura urbana e facilidade de acesso, o que corresponde aos setores com valores de aluguel mais elevados.

Na Tavares Bastos, há uma certa predominância de domicílios com rendas mais elevadas na parte central do morro (o que coincide com a parcela da população com nível de escolaridade mais elevado)(Mapa 32). Na Pereira da Silva, parece haver uma relação entre dificuldade de acesso e renda domiciliar, com as áreas de acesso mais difícil concentrando domicílios com renda mais baixa entre os entrevistados (Mapa 31).

Mapa 29 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a renda domiciliar média mensal em salários mínimos (SM) - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 30 - Predominância de renda média mensal domiciliar por setor censitário

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 31 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a renda domiciliar média mensal em salários mínimos (SM) – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 32 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a renda domiciliar média mensal em salários mínimos (SM) – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mais uma vez, a renda média domiciliar entre os domicílios entrevistados por esta pesquisa na Pereira da Silva e Tavares Bastos não apresentam mudanças significativas

quando comparados os domicílios já ocupados anteriormente e aqueles que passaram a ser ocupados nos últimos anos. No Vidigal, a renda média domiciliar local era de R\$2.695,58 na data de realização desta pesquisa. Quando isolamos somente os domicílios que já se encontravam ocupados antes da pacificação local, esta renda média cai para R\$2.355,03. Por outro lado, quando isolamos os domicílios que passaram a ser ocupados após a pacificação local, vemos que a renda média domiciliar passa a ser R\$3.613,80 (Gráfico 15). A diferença de renda média domiciliar entre os domicílios já ocupados antes da pacificação e aqueles que passaram a ser ocupados após este processo é de R\$1.258,77, o que corresponde a 1,32 salários mínimos, considerando o valor de R\$954,00, salário mínimo vigente na data da realização deste levantamento no Vidigal.

Gráfico 15 - Renda média domiciliar de acordo com o tempo de moradia do(a) responsável pelo domicílio no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

2.3 Conclusões parciais

Neste capítulo, mostramos que a análise dos dados de composição de perfil socioeconômico dos moradores das três áreas estudadas por esta pesquisa aponta para uma população de perfil bastante semelhante entre si em quesitos como cor/raça, escolaridade, naturalidade e renda média individual e domiciliar. Ao mesmo tempo, a comparação do perfil da população residente nestes espaços com o perfil médio da população residente na região de planejamento onde estas estão localizadas (RP Zona Sul) evidencia as desigualdades históricas entre estas diferentes porções do território e deixa claro o papel que estas favelas possuem como “redutos” de moradia para as classes

de menor poder aquisitivo, menos escolarizadas, migrantes e pretos e pardos em meio à extensas zonas de concentração de população de alto poder aquisitivo, mais escolarizadas e mais brancas.

A análise da distribuição geográfica dos dados levantados por esta pesquisa aponta para a existência de uma geografia interna em cada uma das áreas estudadas. No Vidigal, há uma forte relação entre maiores níveis de escolaridade, renda domiciliar mais elevada, valores de aluguel mais elevados (como veremos nos tópicos que seguem) e a qualidade da infraestrutura urbana. Há uma certa “hierarquia social” que está diretamente relacionada à infraestrutura viária local, com a população de maior renda distribuída ao longo das vias carroçáveis do morro (margens da Avenida Presidente João Goulart e “área do IPTU”). Muitos dos moradores da parte alta do morro entrevistados por esta pesquisa declararam seu desejo de morar na parte baixa ou “na rua”, o que significa “nas margens das vias carroçáveis”.

Ao mesmo tempo, há também uma forte relação entre valores de aluguel mais baixos e setores de alta densidade habitacional, assim como de menores níveis de renda e escolaridade. Notamos também, no Vidigal, uma tendência de localização de moradores cuja naturalidade e último local de moradia eram outros bairros formais da cidade. O que nossos mapeamentos mostram é que estes grupos tendem a se localizar nas áreas de mais fácil acesso e de melhor infraestrutura urbana. Moradores cujo último local de moradia eram outras favelas da cidade, por outro lado, tendem a se localizar nas áreas de mais difícil acesso e pior infraestrutura. A hipótese é que moradores que viviam anteriormente em bairros formais da cidade tenham maiores recursos financeiros para arcar com os custos de se viver em áreas de mais fácil acesso e melhor infraestrutura do que aqueles que viviam anteriormente em outras favelas da cidade.

Esta geografia interna é marcada por uma forte heterogeneidade entre as diferentes regiões internas, principalmente no Vidigal, que possui uma dimensão e complexidade muito maior do que as outras duas áreas de estudo desta pesquisa. Trata-se de um território marcado por diversas “hierarquias internas” em vários quesitos como níveis de segurança pública, qualidade de infraestrutura, preços de aluguéis e acessibilidade. Esta forte hierarquia, por sua vez, denuncia a existência de espaços mais ou menos acessíveis para determinados grupos da população local em função de sua renda e escolaridade. Apesar disto, não encontramos tendências significativas de localização de população de acordo com sua cor/raça em nenhuma das áreas estudadas, o que mostra que a população destes espaços parece estar bem distribuída neste quesito.

Em síntese, relevando pequenas heterogeneidades internas de cada sub-região do morro, se considerarmos quesitos como acessibilidade, predominância de naturalidade dos

moradores, nível de escolaridade, renda domiciliar, densidade habitacional e valor médio pago pelo aluguel, podemos subdividir o Vidigal em três grandes áreas (Mapa 33)²².

Mapa 33 – Mapa síntese de predominâncias (naturalidade, escolaridade, renda domiciliar, densidade habitacional e valor pago pelo aluguel)

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

No Mapa acima, o trecho delimitado como “Área 1” apresenta uma boa condição de acessibilidade (presença de vias carroçáveis), predomínio de moradores naturais de outros bairros da cidade, predomínio de elevado²³ nível de escolaridade (superior incompleto ou completo), elevada renda domiciliar (acima de 5 salários mínimos), baixa densidade populacional (130 a 257hab/ha) e predominância de valores elevados de aluguel (acima de R\$1.500,00).

O que chamamos aqui de “Área 2” é caracterizada principalmente por uma moradores naturais de outros bairros da cidade ou nascidos no local, médio nível de escolaridade (ensino médio completo), renda domiciliar média/alta (de 3 a 5 salários mínimos), densidade populacional média/baixa (de 257 a 368hab/ha) e predominância de valores médios de aluguel (de R\$700,00 a R\$1.500,00).

²² Para esta divisão, consideramos as áreas que apresentam predominâncias semelhantes nos quesitos acima mencionados. Isto não significa afirmar que cada uma destas regiões não apresentam heterogeneidades internas, mas que apresentam características predominantes que as diferem ou aproximam.

²³ Os adjetivos “elevado”, “baixo”, “alto” e “médio” são utilizados aqui tomando como referência os valores médios predominantes no Vidigal nos quesitos acima citados (nível de escolaridade, renda domiciliar, densidade populacional e preços de aluguel).

Já a “Área 3” delimitada no mapa apresenta uma condição de acessibilidade reduzida (predominância de vias não carroçáveis), predomínio de migrantes oriundos de outros estados do país, baixo nível de escolaridade (ensino fundamental incompleto), baixa renda domiciliar (até 2 salários mínimos), densidade populacional elevada e baixos preços de aluguel (até R\$500,00).

A análise comparativa de dados referentes ao perfil socioeconômico da população que já vivia no Vidigal no período pré-pacificação e que passou a migrar em direção a este local após este período mostra que, enquanto a população que já vivia no local é predominantemente preta ou parda (57%), com nível de escolaridade concentrado principalmente entre ensino fundamental incompleto e médio completo (66%) e originária principalmente de outros estados do país (46%), o que caracteriza o perfil da população que passou a viver neste espaço após a instalação da UPP, em fevereiro de 2012, é o fato de ser predominantemente branca (62%), com renda média individual e domiciliar sensivelmente mais elevada, maior taxa de ensino superior e pós-graduação e último local de moradia concentrado principalmente em outros bairros formais da cidade do Rio de Janeiro (44%).

Esta análise comparativa nos mostra uma mudança importante no perfil socioeconômico dos grupos que passaram a migrar em direção ao Vidigal após a pacificação local quando comparados ao perfil médio daqueles que já viviam no local. Em suma, trata-se de uma população mais branca, mais escolarizada, de origem distinta, com renda domiciliar média sensivelmente mais elevada e cujos motivos que os fazem procurar o Vidigal como local de moradia é um pouco distinto do que motivava os grupos que já viviam neste local.

Mostramos aqui que estas diferenças de perfil socioeconômico não foram encontradas nas análises comparativas dos dados referentes à população dos nossos casos de controle: Pereira da Silva e Tavares Bastos. Isto pode indicar que as novas dinâmicas demográficas observadas no Vidigal estão muito mais relacionadas à implementação da UPP Vidigal – Chácara do Céu do que às possíveis dinâmicas demográficas e econômicas mais amplas e que abranjam um conjunto maior de favelas do Rio de Janeiro²⁴.

A análise dos dados sobre último local de moradia entre os moradores pré UPP e pós UPP do Vidigal apontam para a intensificação de fluxos migratórios vindos de outros

---

²⁴ É importante salientar que a implementação das UPPs em algumas favelas do Rio de Janeiro veio acompanhada de uma série de outras políticas públicas que também podem ter influenciado na formação de novas dinâmicas demográficas e econômicas que serão apontadas ao longo desta pesquisa. Entre estas políticas, citamos algumas como a Rio + Social (antiga UPP Social), a regulamentação do transporte coletivo local, o aumento da oferta de micro crédito por agências como a AgeRio e incentivo ao empreendedorismo por entidades como o SEBRAE. Tais políticas não foram objeto de estudo desta pesquisa, mas alguns de seus impactos nas favelas que as receberam podem ser consultados em NOVAES, 2017.

bairros formais da cidade e de outras cidades do estado do Rio de Janeiro (notadamente da região metropolitana) e a regressão de fluxos migratórios vindos de outros estados do país. A mesma tendência de alteração de fluxos migratórios não foi identificada nos casos de controle, o que indica que a instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu pode ter inserido o Vidigal como possibilidade de moradia para novos grupos sociais que não aqueles que historicamente migravam em direção ao morro na busca por moradia antes do nosso recorte de pesquisa.

CAPÍTULO 3 – FAVELA OLÍMPICA: VELHAS E NOVAS DINÂMICAS ECONÔMICAS

3.1 Perfil socioeconômico dos responsáveis pelos estabelecimentos comerciais e de serviço locais

Uma característica em comum entre as grandes favelas do Rio de Janeiro é o seu enorme potencial comercial. As favelas são palco de uma grande diversidade de atividades econômicas. Estabelecimentos de comércio e serviços dos mais diferentes portes e tipos podem ser encontrados nestes espaços. Quanto maior e mais dinâmica a favela, maior a autonomia de sua rede de comércios e serviços e maior a variedade de tipos e portes de estabelecimentos em funcionamento. O que diferencia as atividades comerciais dentro de assentamentos precários informais de outros bairros populares formais do Rio de Janeiro é principalmente o nível de informalidade, que é mais alto dentro das favelas (ABRAMO, 2003).

Em alguns casos, a grande diversidade de estabelecimentos em funcionamento nestes espaços é suficiente para suprir as necessidades primárias de seus moradores ou até mesmo atrair consumidores de outras favelas próximas. Este é o caso da Rocinha, por exemplo. A enorme oferta de bens de consumo e serviços existentes dentro desta favela não só supre as demandas dos moradores locais, como também atrai moradores de favelas próximas como o Vidigal.

Uma pesquisa sobre micro empreendedorismo em favelas com unidades de polícia pacificadora realizada pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio de Janeiro (SEBRAE/RJ) no ano de 2012 (IETS, 2012) avaliou os impactos de curto prazo da pacificação e da consequente redução de indicadores de criminalidade nos micro

empreendimentos localizados em favelas pacificados. A pesquisa investigou as características sociodemográficas dos empreendedores moradores destas áreas visando entender a sua inserção produtiva e conhecer os diversos aspectos da evolução dos micro negócios destes territórios.

O trabalho desenvolvido pelo IETS e SEBRAE aponta que, apesar de parte dos que possuem negócios próprios em favelas se identificarem enquanto microempreendedores, a maioria destes não se reconhece como tal. A recusa de se reconhecer enquanto empreendedor se dá porque a maioria dos comerciantes destes espaços relaciona o termo “microempreendedorismo” a um determinado perfil de formalização, tamanho do negócio e nível de rendimento (IETS, 2012). Por este motivo, nos referimos nesta tese àqueles que possuem pequenos negócios dentro das favelas estudadas por esta pesquisa como “comerciantes/microempreendedores” e não somente como “microempreendedores”.

O que caracteriza a maior parte dos responsáveis pelos pequenos negócios localizados nas favelas pacificadas é o fato de serem predominantemente trabalhadores por conta própria, não formalizados, motivados a “empreender” muito mais pela falta de emprego formal e cujo rendimento, em grande parte das vezes, garante somente o próprio sustento. A pesquisa realizada pelo IETS/SEBRAE apontou que cerca de 80% do total dos comerciantes/microempreendedores entrevistados possuem só um negócio e quase a metade deles (46%) possui um rendimento que garante apenas o próprio sustento. Somado a isto, o levantamento mostra que cerca de 60% destes comerciantes abriram seus negócios por necessidade, número que chega a 64% entre os trabalhadores por conta própria e 69% entre trabalhadores por conta própria do sexo feminino²⁵. Os trabalhadores por conta própria correspondiam a 91% dos comerciantes / microempreendedores entrevistados pela pesquisa, enquanto os outros 9% eram empregadores.

No conjunto das favelas com UPPs pesquisadas pelo IETS/SEBRAE em 2012, o desemprego emerge como o principal fator motivacional para a abertura de um negócio entre os comerciantes / microempreendedores destes espaços. Esta foi a resposta dada por 30% dos entrevistados quando questionados sobre o que os motivaram a abrir seus negócios. Para 18% dos comerciantes / microempreendedores, a identificação de oportunidade de negócio foi o motivo principal, para outros 18%, o objetivo foi aumentar a renda familiar. A busca por um trabalho autônomo e a experiência no ramo são fatores citados por 12% e 11% dos entrevistados, respectivamente. Estes dados indicam que a

---

²⁵ Por “trabalhador por conta própria” entende-se pessoas que trabalhavam explorando o seu próprio empreendimento, sozinhas ou com sócios, sem ter empregado e contando ou não com a ajuda de trabalhador não remunerado. O empregador, por outro lado, é a pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento e com número de funcionários que poderia variar de um a cinco empregados.

maior parte dos comerciantes / microempreendedores das favelas pacificadas abriram seus negócios por necessidade e não por oportunidade.

Como afirmamos no início deste capítulo, algumas favelas de maior porte e, portanto, com uma dinâmica comercial mais forte, acabam atraindo consumidores de outras favelas vizinhas. Apesar disto, a maior parte das favelas pacificadas possuem comércios e serviços cuja clientela é formada essencialmente pelos próprios moradores destes espaços. A análise do perfil da clientela destes micro negócios indica que a maior parte dos comércios e serviços das favelas pacificadas são movimentados pelos próprios moradores destas áreas (56% dos negócios), apesar de a implementação da UPP ter levado a um aumento do movimento de turistas em alguns destes espaços (IETS, 2012).

Compreender quais as principais características dos pequenos negócios de comércio e serviço localizados em favelas pacificadas é essencial para avaliarmos a formação de novas dinâmicas econômicas nestes espaços no período de recorte temporal desta pesquisa. As favelas estudadas ao longo deste trabalho apresentam um perfil de comércio e serviços bastante próximo ao levantado na pesquisa realizada pelo IETS em parceria com o SEBRAE. No entanto, antes de falarmos sobre estas características, é importante salientar que a diversidade dos estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal é claramente maior e mais complexa do que as outras duas áreas estudadas. Encontramos no Vidigal um comércio de bens e serviços bastante dinâmico voltado principalmente para suprir as necessidades dos moradores locais, mas que também atende demandas de moradores de outros bairros da cidade (que é o caso da maior parte dos negócios do setor de oficinas mecânicas existentes no morro). Há uma grande diversidade de estabelecimentos ligados ao setor da alimentação, lazer, beleza, conserto de equipamentos eletrônicos, construção civil e informática.

O crescimento da população local, a dimensão da favela do Vidigal e o aumento do poder de compra das classes localizadas na base da pirâmide social brasileira no período pós 2003 são alguns dos fatores que podem ajudar a explicar a vitalidade do comércio local. Além da presença de pequenos comércios, como mercadinhos e botecos, que são comuns à maior parte das favelas cariocas, encontramos uma complexa variedade de pontos comerciais e de serviço como supermercados, farmácias, lotérica, lojas de materiais de construção, lojas de roupas, lojas de móveis, produtos de informática e conserto de eletrônicos, provedor de internet, entre outros. Além disto, pontos que chamaremos de “multicomércio” e “multisserviços” são comuns nestes espaços. Neles, um

mesmo ponto comercial pode funcionar como loja de móveis de um lado, perfumaria do outro e atelier de corte e costura do outro²⁶.

Nas três áreas estudadas, os estabelecimentos comerciais e de serviço locais pertencem principalmente a pessoas que não nasceram nestas favelas, mas que viviam nelas na data da entrevista. De 23% a 30% dos estabelecimentos entrevistados pertenciam a pessoas nascidas nas favelas estudadas (Gráfico 16). Estes percentuais seguem a composição da própria população local, que conta com cerca de um terço de moradores nascidos nestas áreas e dois terços de pessoas que não nasceram nestes locais e que, portanto, estão a somente uma geração nestes territórios.

Gráfico 16 - Proporção de proprietários(as) de estabelecimentos comerciais e de serviço nativos e não nativos das áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Os dados sobre tempo de moradia dos proprietários não nativos das áreas estudadas nos permite aprofundar a análise sobre o perfil daqueles que exploram a rede de comércios e serviços nestes espaços. Para esta análise, assim como na avaliação dos dados sobre perfil socioeconômico da população, estabelecemos como marcos temporais os anos de 2012, 2014 e 2016. A justificativa para a escolha destes marcos é a mesma já relatada para a análise do tempo de moradia dos responsáveis pelos domicílios entrevistados. O objetivo é compreender em que medida o chamado período de megaeventos pode ter levado a uma intensificação da exploração do potencial de negócios localizados nestes espaços por novos agentes externos que passaram a viver nestes territórios no período recente.

Os dados nos mostram que entre 82 e 85% dos proprietários não nativos que viviam no Vidigal e na Tavares Bastos na data da pesquisa já moravam nestes espaços antes do ano de 2012 (Gráfico 17). Somente 13% dos proprietários não nativos

²⁶ Caso real encontrado em nossas pesquisas no Vidigal.

entrevistados no Vidigal haviam se mudado para o morro após a pacificação local. Na Pereira da Silva, por outro lado, entre os proprietários não nativos deste local, mais da metade (55%) havia se mudado para o morro após o ano de 2014. Destes, 45% haviam se mudado para o local após 2016, o que mostra que os moradores mais recentes tiveram um papel importante no aumento do número de estabelecimentos em funcionamento no período pós 2014 nesta favela.

Gráfico 17 - Ano de mudança dos(as) proprietários(as) não nativos para a área estudada

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Para compreender quem são os agentes por trás dos estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento nestes locais, dividimos os(as) proprietários(as) entrevistados em cinco grupos de acordo com a sua naturalidade e local onde viviam na data da entrevista. Os grupos são: nativos que viviam na favela pesquisada, nativos que deixaram a favela e ainda possuíam negócios por lá, não nativos que viviam na favela na data da entrevista, moradores externos que nunca haviam vivido nas áreas em questão, mas que mantinham negócios no local e não nativos que já haviam vivido nestes locais, mas que já não moravam mais na data da entrevista. Esta forma de divisão das informações sobre a naturalidade e local de moradia dos proprietários de comércios e serviços em funcionamento nestes espaços nos permite avaliar os tipos de agentes por trás destes negócios e o quanto este comércio é ou não explorado por agentes externos a estas áreas.

Enquanto no Vidigal e na Tavares Bastos predominam os estabelecimentos cujos responsáveis são naturais de outros estados do país (Gráfico 18), na Pereira da Silva o percentual de estabelecimentos pertencentes à migrantes interestaduais é o mesmo que o

de estabelecimentos pertencentes a pessoas nascidas no morro (29%). Na Tavares Bastos, quase metade (45%) dos estabelecimentos pertencem à migrantes interestaduais, 23% à pessoas nascidas no local e 23% migrantes vindos de outros bairros formais do município do Rio de Janeiro. O percentual de proprietários vindos de outros bairros na Tavares é quase o dobro do encontrado no Vidigal e três vezes maior do que na Pereira da Silva. Neste último local, por sua vez, 21% dos estabelecimentos pertencem a estrangeiros, um percentual significativo e bastante elevado se comparado às outras duas áreas. O número de estabelecimentos cujos responsáveis são estrangeiros ganha um peso relativo importante na Pereira da Silva por conta do baixo número total de negócios em funcionamento no morro e pela existência de estabelecimentos de hospedagem e serviços (como, por exemplo, um estúdio de tatuagem) pertencentes a estrangeiros que hoje vivem no morro.

Gráfico 18 - Naturalidade dos(as) proprietários(as) dos estabelecimentos comerciais e de serviço

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada pela autora em 2018 e 2019.

No Gráfico 19, cruzamos alguns dados de naturalidade com local de moradia dos proprietários na data de realização da pesquisa. O Vidigal possui um menor percentual de proprietários não nativos que viviam no morro na data da entrevista (48%) e um maior percentual de proprietários que exploram o comércio local, mas que nunca viveram nesta favela (16%). Na Tavares Bastos, por sua vez, 77% dos estabelecimentos locais pertencem a não nativos que viviam no morro na data da pesquisa. Este alto percentual de estabelecimentos pertencentes a não nativos reflete o perfil da população local, que é formada por 83% de não nativos. A forte presença de migrantes e a baixa presença relativa de moradores nascidos na Tavares Bastos faz com que esta área tenha o menor

percentual de estabelecimentos pertencentes à pessoas nascidas no local entre as três áreas estudadas. Tanto no Vidigal quanto na Pereira da Silva, este percentual é de 29% dos estabelecimentos.

Gráfico 19 - Naturalidade e local de moradia dos(as) proprietários(as) dos estabelecimentos comerciais e de serviço locais

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Entre os proprietários que não moravam no Vidigal na data da pesquisa, mas que possuíam negócios nesta favela, seu local de moradia se divide principalmente entre outras favelas da zona sul ou oeste da cidade do Rio de Janeiro (30%) e outros bairros formais também da zona sul (30%) ou oeste (22%) da cidade (Gráfico 20). Sete por cento dos proprietários de fora do Vidigal viviam em outro bairro da zona norte da cidade, outros 7% em outra cidade da região metropolitana e 4% em outro país. Na Pereira da Silva, dois dos estabelecimentos locais possuíam proprietários que não viviam no morro. Estes dois proprietários (100%) eram estrangeiros e vivam fora do país. Já na Tavares Bastos, também identificamos dois estabelecimentos cujos proprietários não moravam nesta favela. Um destes proprietários vivia em outra favela da zona sul e o outro em um bairro formal também da zona sul da cidade na data da pesquisa.

Gráfico 20 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) de estabelecimentos comerciais e de serviço que não viviam nas áreas estudadas na data da entrevista

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Nas três áreas, os não nativos responsáveis pela manutenção do comércio local são essencialmente nordestinos (Gráfico 21). No Vidigal e na Pereira da Silva, entre 60 e 63% dos proprietários não nativos são oriundos da região nordeste. Na Tavares Bastos, por outro lado, este número chega a 91%. Mais uma vez, o alto percentual de proprietários migrantes oriundos da região nordeste do país reflete a alta presença de moradores nordestinos em cada uma das áreas estudadas, com maior presença de proprietários nordestinos na Tavares Bastos, que também possui o maior percentual de moradores oriundos da região nordeste.

Gráfico 21 - Naturalidade dos(as) proprietários(as) migrantes por região do país

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Quando analisamos comparativamente informações sobre a naturalidade dos proprietários dos estabelecimentos entrevistados tendo como referência o tempo de funcionamento de seu negócio, não encontramos diferenças significativas na origem de proprietários de estabelecimentos mais antigos e que passaram a funcionar nos seis anos que antecederam a nossa pesquisa (2012-2018) nas favelas Pereira da Silva e Tavares Bastos. No Vidigal, no entanto, o que percebemos é que os estabelecimentos que iniciaram suas atividades no período pós-instalação da UPP local são gerenciados principalmente por moradores nativos do morro, ou seja, pelos próprios Vidigalenses (Gráfico 22). Ao mesmo tempo, há uma queda no percentual de proprietários migrantes interestaduais entre os estabelecimentos abertos após a pacificação e um pequeno aumento no percentual de proprietários que vieram de outras favelas da cidade.

Gráfico 22 - Naturalidade dos(as) proprietários dos estabelecimentos de acordo com seu tempo de funcionamento

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Entre os negócios locais que eram comandados por pessoas que não moravam no Vidigal na data da entrevista, cresce a participação de proprietários que viviam em outras favelas da cidade e cai a participação de proprietários que viviam em bairros formais da zona sul quando comparamos os estabelecimentos que já estavam abertos antes da pacificação e aqueles que passaram a funcionar após este período (Gráfico 23). A hipótese que poderia ajudar a explicar este movimento é de que a ascensão econômica dos moradores de favelas, principalmente no período 2003-2014, possa ter levado a um aumento no número de moradores investindo em negócios próprios ou ampliando negócios para outras favelas além das que viviam na data da pesquisa.

Gráfico 23 - Local de moradia dos proprietários que não viviam no Vidigal de acordo com o tempo de funcionamento do seu negócio

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

A análise comparativa da composição do quadro de funcionários dos estabelecimentos anteriores e posteriores à pacificação no Vidigal aponta que estes últimos negócios são ainda mais independentes quando consideramos a existência ou não de funcionários externos contratados (Gráfico 24). Enquanto 46% dos negócios já existentes antes da pacificação não possuía nenhum funcionário contratado além do próprio núcleo familiar do proprietário do estabelecimento, 55% dos negócios mais recentes funcionam sem funcionários externos contratados.

Gráfico 24 - Quadro de funcionários do estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

3.2 Características dos estabelecimentos

Os estabelecimentos comerciais das três áreas pesquisadas possuem, em sua maioria, uma base familiar (Gráfico 25). Ou seja, gerenciam e trabalham nestes estabelecimentos pessoas de um mesmo núcleo familiar, tendo poucos ou nenhum funcionário externo contratado. Nas três áreas, de 59 a 64% dos negócios funcionam neste formato enquanto 36 a 41% contam também com funcionários ou colaboradores que não pertencem à mesma família do responsável pelo estabelecimento.

Gráfico 25 - Estabelecimentos de base familiar e não familiar

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

No Vidigal, pouco mais da metade dos estabelecimentos entrevistados (51%) não possuía nenhum funcionário(a) contratado além de membros do próprio núcleo familiar dos(as) proprietários(as) do estabelecimento (Gráfico 26). Na Pereira da Silva e Tavares Bastos este percentual é de 79 e 77%, respectivamente. Outros 27% dos estabelecimentos do Vidigal tinham como funcionários(as) somente moradores locais, enquanto 17% possuíam tanto funcionários que moravam no Vidigal quanto funcionários que moravam em outras áreas da cidade do Rio de Janeiro. Se somarmos os estabelecimentos que possuíam em seu quadro somente funcionários que viviam fora do Vidigal ou tanto funcionários que viviam nesta favela quanto funcionários que viviam fora dela, temos 23% dos estabelecimentos do Vidigal.

Gráfico 26 - Quadro de funcionários contratados de acordo com seu local de moradia

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Entre os funcionários que trabalhavam em pontos comerciais ou de serviço do Vidigal, mas não viviam nesta favela, 74% moravam em outras favelas da cidade na data da entrevista (Tabela 6). Deste percentual, 58% viviam em outras favelas da própria zona sul, enquanto 10% viviam em favelas da zona oeste e 6% favelas da zona norte. Outros 25% que trabalharam no morro, mas não moravam no local, viviam em bairros formais da zona sul, oeste ou norte. Na Pereira da Silva e na Tavares Bastos, somente um estabelecimento em cada favela possuía funcionários que não viviam nestes locais na data da entrevista. Nos dois casos os funcionários viviam em outras favelas da zona sul da cidade e se deslocavam diariamente para trabalhar nas áreas em questão.

Tabela 6 - Local de moradia dos funcionários de estabelecimentos locais e que não viviam na área estudada na data da entrevista

	Outro bairro formal da zona sul	Outra favela da zona sul	Outro bairro formal da zona oeste	Outra favela da zona oeste	Outro bairro formal da zona norte	Outra favela da zona norte
Vidigal	3%	58%	16%	10%	6%	6%
Pereira da Silva	0%	100%	0%	0%	0%	0%
Tavares Bastos	0%	100%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Os dados sobre a condição de ocupação dos pontos comerciais onde os estabelecimentos entrevistados funcionam nos mostram que o mercado de aluguel de pontos comerciais é proporcionalmente maior do que o de imóveis residenciais nas três

áreas. Enquanto de 18 a 30% dos imóveis residenciais das áreas estudadas são alugados, de 36 a 55% dos pontos comerciais possuem a mesma condição de ocupação. Na Pereira da Silva, a maior parte dos pontos comerciais são próprios (64%) (Gráfico 27). No Vidigal e na Tavares Bastos, por outro lado, este percentual fica em 44 e 41%, respectivamente. Esta média é semelhante à encontrada entre os negócios localizados em favelas pacificadas estudados pela pesquisa sobre microempreendedorismo desenvolvida pelo IETS/SEBRAE no ano de 2012. Quarenta e seis por cento dos negócios entrevistados por esta última pesquisa estavam localizados em imóveis próprios e quitados enquanto 38% funcionam em espaços alugados.

Gráfico 27 - Condição de ocupação dos pontos comerciais

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

No Vidigal, observamos uma certa predominância de estabelecimentos comerciais que funcionam em imóveis próprios na área de acesso ao morro, na chamada “área do IPTU” e entorno do Arvrão (Mapa 34). Na Pereira da Silva, há predominância de imóveis comerciais próprios na parte alta do morro (Mapa 35). Na Tavares Bastos, por sua vez, observamos imóveis comerciais próprios e alugados por toda a favela (Mapa 36).

Mapa 34 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel onde funciona - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 35 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel onde funciona – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 36 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel onde funciona – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

3.3 Percepções dos responsáveis sobre os impactos do movimento de turistas sobre os seus negócios

Nas três áreas, o comércio local é essencialmente voltado para suprir as necessidades de seus próprios moradores. Se somarmos o percentual de estabelecimentos cujo público principal é formado somente por moradores locais ou predominantemente moradores locais e parte turistas, temos 70% dos estabelecimentos do Vidigal, 72% da Pereira da Silva e 77% da Tavares Bastos (Gráfico 28). Na Pereira da Silva, temos um percentual relativamente alto de estabelecimentos cujo público principal é formado predominantemente por turistas (29%). Isto se dá por dois fatores principais: o pequeno número total de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no morro e a presença de três estabelecimentos de hospedagem e outros tipos de serviços voltados para um público externo ao morro. Por outro lado, somente 10% dos estabelecimentos entrevistados no Vidigal e 9% na Tavares Bastos declararam que sua clientela é formada predominantemente por turistas.

Gráfico 28 - Público principal dos estabelecimentos locais

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

A distribuição geográfica dos estabelecimentos que têm como público principal turistas coincide com a distribuição dos estabelecimentos de hospedagem e/ou estabelecimentos de entretenimento voltados para um público que não os moradores das áreas estudadas (Mapas 37 a 39). Esta relação pôde ser observada nos três estudos de caso. Por outro lado, os estabelecimentos que possuem como público principal os moradores das áreas estudadas e parte turistas são principalmente aqueles do setor de alimentação ou, no caso do Vidigal especificamente, estabelecimentos que vendem salgados ou bebidas e estão localizados na área de acesso ao morro, ponto de encontro de grupos de turistas que se reúnem para subir o Vidigal e fazer a trilha do Morro Dois Irmãos ou visitar os estabelecimentos localizados na região do Arvrão.

Mapa 37 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com seu público principal - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 38 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com seu público principal – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 39 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com seu público principal – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Além de investigar o público predominante nos estabelecimentos entrevistados, avaliamos também a percepção dos proprietários destes sobre o impacto e a intensidade do impacto do movimento de turistas sobre seus negócios. Enquanto na Pereira da Silva 64% dos estabelecimentos declararam sentir, em intensidades que vão de leve a drástica, o impacto do aumento ou da queda do movimento de turistas no morro sobre os seus negócios, 33% fizeram esta mesma declaração no Vidigal e 36% na Tavares Bastos (Gráfico 29).

Gráfico 29 - Percepção dos(as) proprietários(as) sobre o impacto do aumento ou redução do número de turistas nas áreas estudadas sobre os seus negócios

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Da mesma forma como nos estabelecimentos cujo público principal são turistas ou em parte turistas, a distribuição espacial dos estabelecimentos cujos responsáveis se sentem impactados pela queda ou aumento do fluxo de turistas no morro coincide com a localização dos estabelecimentos de hospedagem / turismo de entretenimento e alguns estabelecimentos de alimentação (Mapas 40 a 42).

Mapa 40 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a percepção de seus responsáveis sobre o impacto do movimento de turistas no morro sobre seus negócios - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 41 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a percepção de seus responsáveis sobre o impacto do movimento de turistas no morro sobre seus negócios – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 42 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com a percepção de seus responsáveis sobre o impacto do movimento de turistas no morro sobre seus negócios – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Quando olhamos para as percepções sobre a intensidade deste impacto entre os estabelecimentos que declararam que seus negócios são impactados pela queda ou o aumento do movimento de turistas no morro, 50% dos estabelecimentos impactados na Tavares Bastos consideram este impacto como leve, 25% razoável e 25% drástico (Gráfico 30). No Vidigal, dos 33% do total de estabelecimentos que declararam sentir o impacto do movimento de turistas sobre seus negócios, 30% consideram este impacto como leve, 36% razoável e 34% drástico. Na Pereira da Silva, por outro lado, dos 64% de estabelecimentos que declaram sentir o impacto do movimento de turistas, 56% consideram este impacto drástico e 44% razoável, mostrando que não só o percentual de estabelecimentos que se sentem impactados pelo aumento ou redução do movimento de turistas no morro é mais alto que nas demais áreas, como também a percepção sobre a intensidade deste impacto é mais intensa.

Gráfico 30 - Percepção sobre a intensidade do impacto do movimento de turistas sobre os estabelecimentos locais

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

A análise comparativa de dados sobre a percepção dos responsáveis sobre os impactos do movimentos de turistas entre os estabelecimentos nos últimos anos e os que já se encontravam em funcionamento antes de 2012 apontam que, no Vidigal, há um aumento no percentual de estabelecimentos cuja clientela é formada predominantemente por turistas (Gráfico 31). Enquanto somente 5% dos estabelecimentos mais antigos possuíam turistas como público principal, 14% dos novos estabelecimentos são focados neste tipo de público.

Gráfico 31 - Público principal do estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Como consequência disto, entre os estabelecimentos abertos após a pacificação do Vidigal aumenta os negócios que se sentem impactados pela intensificação ou redução do movimento de turistas no morro e cai o percentual daqueles cuja presença de turistas não possui nenhuma influência sobre o seu negócio (Gráfico 32).

Gráfico 32 - Percepção sobre o impacto do movimento de turistas no estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

A percepção sobre a intensidade do impacto do movimento de turistas sobre seus negócios no Vidigal também é mais intensa entre os estabelecimentos abertos no período pós-pacificação do que nos estabelecimentos já existentes anteriormente (Gráfico 33).

Gráfico 33 - Percepção sobre a intensidade do impacto do movimento de turistas no estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Os dados acima reforçam a afirmação de que o turismo e o turismo de entretenimento passaram a assumir um peso relativo mais significativo para a economia local no período pós-pacificação.

3.4 Intensificação de dinâmicas comerciais

A nosso ver, é importante compreender que as favelas que receberam a instalação de unidades de polícia pacificadora apresentam perfis diferentes entre si e, portanto, a presença de uma UPP nestes espaços resulta em impactos distintos em cada uma destas áreas. Desde o início do programa liderado pelo governo do estado, alguns estudos se dedicaram a entender as relações entre a melhoria dos índices de segurança e a dinâmica econômica dentro e no entorno das favelas pacificadas. Trabalhos como o desenvolvido pelo IETS em parceria com o SEBRAE (IETS, 2012) se voltaram a compreender os possíveis impactos que o aumento dos índices de segurança nestes espaços poderiam trazer para os microempreendedores locais acreditando que o combate à violência geraria oportunidades e impulsionaria pequenos negócios nestes territórios.

A expectativa era de que a ocupação destes territórios por UPPs abrisse novos horizontes para os negócios ali presentes, gerando mudanças na economia e no desenvolvimento local. Apesar disto, a percepção de instituições como o SEBRAE de que a pacificação de parte das favelas cariocas impulsionaria automaticamente um amplo movimento empreendedor por parte dos moradores destes espaços não considerou o fato de a maior parte dos comerciantes das favelas cariocas empreenderem muito mais por necessidade do que por oportunidade.

O período de três anos que segue a implementação da Unidade de Polícia Pacificadora Vidigal – Chácara do Céu, em janeiro de 2012, é marcado por uma intensificação da dinâmica comercial local. O número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal, que era de 220 em abril de 2012, passou para 356 em novembro de 2015, um aumento de 61% no período (Gráfico 34). De novembro de 2015 a janeiro de 2017, o número de estabelecimentos em funcionamento passa por uma pequena retração. Ainda assim, o crescimento acumulado do número de estabelecimentos em funcionamento de 2012 a 2017 é de 56%.

Gráfico 34 - Número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal no período 2012 - 2017

Fonte: Levantamento realizado pela autora a partir do mapeamento "Vidigal 100 Segredos".

A ausência de levantamentos anteriores sobre o comércio em funcionamento na Pereira da Silva e na Tavares Bastos nos impede de fazer a mesma avaliação feita acima para o Vidigal. No entanto, nossos dados sobre tempo de funcionamento dos estabelecimentos entrevistados na amostra comercial desta pesquisa apontam a existência de um comércio bastante novo nas duas áreas. Este dado poderia indicar tanto um alto crescimento no número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento nos últimos anos quanto uma renovação deste comércio, com pontos mais antigos sendo substituídos por novos estabelecimentos no período mais recente. Para compreender qual das duas hipóteses estaria correta, recorreremos à pesquisa qualitativa (entrevistas com moradores e lideranças locais). O que esta pesquisa aponta é que, assim como no Vidigal, as outras duas áreas estudadas apresentaram um alto crescimento no número de estabelecimentos em funcionamento principalmente nos dez anos que precederam a realização desta pesquisa (período 2009-2019).

A hipótese da pacificação como potencial dinamizadora de mercados locais ajudaria a explicar o forte crescimento no número de estabelecimentos em funcionamento no Vidigal no período pós 2012, mas não explicaria o fato de as outras duas áreas pesquisadas (que não receberam a instalação de uma UPP) terem passado por um processo semelhante, com a maioria dos estabelecimentos em funcionamento no ano de 2019 tendo iniciado suas atividades menos de dez anos antes da pesquisa, ou seja, no período pós 2009.

O que nossos dados mostram é que 79% dos estabelecimentos entrevistados na Pereira da Silva e 59% da Tavares Bastos haviam menos de cinco anos de funcionamento, ou seja, iniciaram suas atividades após o ano de 2014. Se olharmos para os estabelecimentos com menos de dez anos de funcionamento, este percentual sobe para 86% dos estabelecimentos da Pereira da Silva e 77% da Tavares Bastos. Neste último local, encontramos alguns estabelecimentos mais antigos. Nove por cento dos

estabelecimentos da Tavares Bastos possuíam de quinze a vinte anos de funcionamento e 14% estavam há mais de vinte anos funcionando. Na Pereira da Silva, por sua vez, 14% dos estabelecimentos possuíam entre dez e quinze anos de funcionamento e nenhum se encontrava em funcionamento a mais de quinze anos.

A dinamização do comércio nestes espaços ocorre após um forte período de fortalecimento de políticas nacionais de aumento do salário mínimo, distribuição de renda e aumento do poder de compra que beneficiou principalmente aqueles localizados nas camadas mais baixas da pirâmide social brasileira (CARVALHO, 2018; SERPA, 2015; NERI, 2011). No âmbito local, a instalação das UPPs em alguns destes espaços resultam em um impacto que se soma aos impactos resultantes das ações econômicas e sociais em escala nacional. Aqui, concordamos com o que defende Muller (2016, p.123-124) quando diz que uma das consequências das UPPs foi “a reconfiguração das fronteiras físicas e simbólicas que distinguem essa região dos demais territórios urbanos e também aparecem como fatores que favoreceram o desenvolvimento do comércio na favela”.

Para compreender o crescimento expressivo do número de estabelecimentos comerciais em funcionamento nestas áreas é importante considerar que cerca de 70% dos moradores locais entrevistados por esta pesquisa possuem uma renda de até dois salários mínimos, ou seja, trata-se de uma população localizada na base da pirâmide social brasileira, parcela que foi mais beneficiada pelo crescimento no número de postos de trabalho criados no país ao longo dos anos 2000 (CARVALHO, 2018; NERI, 2011). No Vidigal, os dados existentes sobre número de estabelecimentos em funcionamento no período pós 2012 indicam que o crescimento e o início da retração deste número acompanha os índices de valorização do salário mínimo, assim como o crescimento e a retração do nível de consumo das famílias localizadas na base da pirâmide social brasileira.

Nas favelas do Rio de Janeiro, evidências de mudanças nos padrões de consumo e de renda das populações localizadas na base da pirâmide social brasileira são encontradas na presença de filiais e franquias ou revendedores de empresas de grande porte (cosméticos, colchões de mola, serviços de telefonia e TV por assinatura, seguradoras), além de produtos e serviços considerados de consumo exclusivo da classe média até pouco tempo atrás (óculos escuros, aparelhos ortodônticos, planos de saúde, por exemplo) (MULLER, 2016, p.130).

A existência de um mapeamento detalhado com os estabelecimentos em funcionamento no período 2012-2017 no Vidigal nos permite analisar quais setores do comércio e serviço local tiveram um maior crescimento relativo no período citado. Com base na análise deste mapeamento, os tipos de estabelecimentos que apresentaram maior

crescimento relativo em ordem decrescente foram: 1) espaços para festas e eventos, com um crescimento de 700% no número de estabelecimentos em funcionamento no período 2012-2017; 2) lojas de informática, com 500% de crescimento; 3) padarias, com 400% de crescimento; 4) restaurantes, com 320% de crescimento; 5) hostels, distribuidores de água e serviços de conserto de equipamentos eletrônicos, cada um com 300% de crescimento.

Quando analisamos os números absolutos, os tipos de estabelecimentos com maior quantidade de estabelecimentos abertos no período 2012-2017 foram: 1) hostels / albergues, com dezoito estabelecimentos a mais em 2017 quando comparado ao ano de 2012; 2) restaurantes, com dezesseis estabelecimentos a mais no mesmo período; 3) bares e botecos, com onze estabelecimentos a mais. Estes dados apontam para a ocorrência de dois fenômenos paralelos: um grande crescimento no número de estabelecimentos de comércio e serviços de primeira necessidade voltados para suprir as demandas dos próprios moradores locais e, ao mesmo tempo, um processo paralelo de crescimento de estabelecimentos de serviço e comércio diretamente ligados ao setor de hospedagem e turismo de entretenimento.

A nosso ver, o primeiro fenômeno tem muito mais relação com o aumento do poder de compra das famílias localizadas na base da pirâmide social brasileira e com o próprio adensamento populacional local. O segundo fenômeno, por sua vez, possui maior relação com a ampliação das fronteiras turísticas da cidade do Rio de Janeiro, que ocorre no período chamado de década dos megaeventos esportivos, fenômeno possibilitado, entre outros fatores, pela drástica redução dos índices de violência em favelas que receberam a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora, pela ampliação de políticas públicas de incentivo ao turismo em favelas pacificadas e pelo aumento do volume de turistas no Rio de Janeiro em função da iminência de dois dos maiores eventos esportivos do mundo: Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016.

3.5 Conclusões parciais

Mostramos neste capítulo que as três áreas estudadas por esta pesquisa passaram por um forte processo de intensificação de suas dinâmicas comerciais ao longo do período de recorte temporal desta pesquisa. O fato de a intensificação destas dinâmicas terem sido observadas tanto no estudo de caso principal quanto nos casos de controle desta pesquisa indica que este processo pode ter sido intensificado, no Vidigal, pela implementação da UPP local, mas não ocorre única e exclusivamente em decorrência desta. Outros fatores como o aumento do poder de compra das classes localizadas na base da pirâmide social

brasileira e políticas de valorização do salário mínimo, que marcam o cenário econômico nacional no período 2003-2014, podem estar por trás da forte dinamização dos setores de comércio e serviços nestes territórios.

Por outro lado, uma análise mais detalhada sobre os tipos de comércio que apresentaram um crescimento mais expressivo no Vidigal aponta que alguns setores da economia local se beneficiaram mais desta dinamização do que outros. Setores como o de hospedagem e entretenimento apresentaram um crescimento acima dos demais quando avaliado o período de recorte temporal desta pesquisa.

A análise comparativa de algumas características dos estabelecimentos que já se encontravam em funcionamento antes da instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu e daqueles que passaram a funcionar após este período nos mostra que não houve alteração significativa no percentual de estabelecimentos que pertenciam ou não a redes comerciais ou de serviço e tampouco no percentual de estabelecimentos que funcionavam a partir de um modelo de base familiar, ou seja, onde trabalhavam pessoas de um mesmo núcleo familiar. Enquanto 94% dos estabelecimentos anteriores à UPP não pertenciam a nenhuma rede comercial ou de serviço, 95% dos estabelecimentos posteriores a este período também não pertenciam a nenhuma rede. Ao mesmo tempo, 60% dos estabelecimentos anteriores à pacificação funcionavam a partir de um modelo de base familiar, contra 59% dos estabelecimentos posteriores à pacificação, o que indica que o modelo de negócio predominante no morro não sofreu grandes alterações mesmo diante da dinamização do comércio local no período pós-pacificação. Apesar disto, os novos negócios locais são relativamente mais dependentes de uma clientela de fora do morro (turistas) do que os negócios já existentes antes da pacificação.

Em termos quantitativos, o processo de crescimento do comércio local é explorado principalmente por moradores nativos deste espaço e migrantes interestaduais que viviam no Vidigal na data da pesquisa. Por outro lado, o potencial turístico do Vidigal passa a ser explorado também por agentes externos de alto poder aquisitivo que, ainda que quantitativamente menos representativos, possuem um papel muito importante na turistificação²⁷ local e na transformação de algumas áreas específicas do morro. O período que prossegue a pacificação do Vidigal é marcado por uma convergência de circuitos econômicos tradicionais profundamente enraizados nas redes de relações sociais locais, mas também por circuitos econômicos mais amplos voltados para a exploração do potencial da favela enquanto marca global (MEDEIROS, 2007). Estes processos se mesclam em novas formas de exploração do potencial de geração de renda a partir da

---

²⁷ O conceito de "turistificação" é utilizado para caracterizar fenômenos de (re)ordenamento ou (re)adequação de determinados espaços em função do interesse turístico.

imagem da favela. Como exemplo disto podemos citar a história do alemão e do baiano, que será contada no subcapítulo 4.4 desta tese.

No período pós-pacificação no Vidigal, o setor de comércios e serviços da favela, que já era marcado por uma combinação de arranjos legais e ilegais, formais e informais, passa a abranger também circuitos mais amplos e até mesmo globais de serviços. A emergência de um novo grupo de agentes externos, brasileiros e estrangeiros, de alto poder aquisitivo que passam a explorar o potencial turístico local leva o já complexo circuito econômico da favela a um novo nível de exploração. A nosso ver, possuem papel fundamental neste processo a implementação da UPP local, o contexto de preparação da cidade do Rio de Janeiro para uma série de eventos de alcance global e a dinamização do turismo local que este processo desencadeia.

Neste sentido, esta exploração ocorre a partir de uma lógica dupla: a da necessidade (lógica a partir da qual grande parte dos moradores locais passam a investir em negócios neste espaço) e da oportunidade (com a chegada de novos agentes externos de maior poder aquisitivo que passam a explorar o potencial de turismo e entretenimento da favela). Nos tópicos que seguem, mostraremos como o período de recorte desta pesquisa é marcado por um novo e forte movimento de turistificação das favelas estudadas.

CAPÍTULO 4 – UM NOVO CICLO DE TURISTIFICAÇÃO: O FORTALECIMENTO DA FAVELA COMO DESTINO DE HOSPEDAGEM

4.1 Aumento do fluxo de turistas e crescimento do setor hoteleiro no Rio de Janeiro no período 2008-2017

Dados do Centro de Pesquisa e Estudos Aplicados ao Turismo da Cidade do Rio de Janeiro (RioCeptur) sobre a taxa média de ocupação da rede hoteleira da cidade mostram que, no recorte temporal 2007-2017, a taxa de ocupação hoteleira atinge seu auge entre os anos 2011 e 2012, com 79% e 76,9% de ocupação, respectivamente (Gráfico 35) (RIOCEPTUR, 2017). De 2012 a 2017, no entanto, esta taxa passou a cair progressivamente até atingir 51,6% de ocupação em 2017.

Gráfico 35 - Taxa de ocupação hoteleira da cidade do Rio de Janeiro no período 2007-2017

Fonte: Centro de Pesquisas e Estudos Aplicados ao Turismo da Cidade do Rio de Janeiro (RioCeptur) in RIOCEPTUR (2017).

Ao mesmo tempo, o aumento do número de estabelecimentos de hospedagem de baixo custo (*guesthouses*, *hostels* e unidades habitacionais adaptadas oferecidas em plataformas online de hospedagem) intensificou a concorrência com os modelos tradicionais de hospedagem (hotéis e pousadas). A forte presença que os estabelecimentos de hospedagem de baixo custo passaram a ter dentro do circuito de hospedagem do Rio de Janeiro é reforçada quando comparamos as taxas de ocupação em albergues com a da rede de hotéis durante o período olímpico (2016). Dados da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Rio de Janeiro (ABIH-RJ) apontam que a taxa de ocupação em albergues da cidade durante o período olímpico foi cerca de 6% mais alta do que a taxa de ocupação na rede de hotéis da cidade no mesmo período.

A participação relativa de estabelecimentos de hospedagem de baixo custo do tipo cama e café e albergues no Rio de Janeiro é ainda mais forte quando comparada à maior parte dos outros estados do país. Segundo dados da Pesquisa de Serviços de Hospedagem (PSH) realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério do Turismo no ano de 2016 (IBGE, 2017), os estabelecimentos de hospedagem do país eram constituídos predominantemente por hotéis (47,9%), enquanto as pousadas representaram 31,9% e os motéis, 14,2%. Estabelecimentos do tipo pensões, cama e café, pousadas domiciliares, apart-hotéis/flats e albergues turísticos correspondiam a 6% do total de estabelecimentos nacionais. No estado do Rio de Janeiro, o percentual de hospedagens do tipo pensão, cama e café e albergues corresponde a 8,9% dos estabelecimentos, um percentual mais alto que a média nacional e menor apenas que o Distrito Federal e Amazonas (cuja participação de estabelecimentos deste modelo no total de negócios de hospedagem é 9,7% e 9,5%, respectivamente).

Um estudo sobre a distribuição geográfica dos estabelecimentos de hospedagem por tipo na cidade do Rio de Janeiro (RIOCEPTUR, 2016) mostra que em 2015 a zona sul concentrava 48% dos hotéis da cidade. Por outro lado, 63,59% dos estabelecimentos do tipo albergue estavam localizados nesta mesma região, apontando para uma concentração ainda maior de modelos de estabelecimentos de hospedagem de baixo custo nesta região da cidade.

A pacificação do Vidigal (2012) e o início do crescimento do número de estabelecimentos de hospedagem neste local ocorre no período de auge das taxas médias de ocupação na rede hoteleira carioca. Veremos nos tópicos que seguem que o aumento no número de estabelecimentos deste tipo no morro acompanha o crescimento do número de turistas estrangeiros que entraram no país via cidade do Rio de Janeiro e atinge o seu ponto mais alto nos anos de realização dos dois principais eventos esportivos do qual o país foi sede: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. A entrada de turistas estrangeiros no Brasil via cidade do Rio de Janeiro manteve um crescimento constante de 2008 a 2014, atingindo seu máximo em 2014, recuando em 2015 e voltando a crescer no ano de 2016 (Gráfico 36). Uma hipótese possível que ajudaria a compreendermos o fenômeno de crescimento no número de estabelecimentos de hospedagem em algumas favelas do Rio de Janeiro é de que este movimento tenha sido influenciado pelo aumento da demanda que ocorre como consequência do crescimento do número de turistas na cidade do Rio de Janeiro neste período.

Gráfico 36 - Entrada de turistas estrangeiros no país via cidade do Rio de Janeiro por meio marítimo e aéreo no período 2007-2016

Fonte: Departamento de Polícia Federal e Ministério do Turismo. Disponível em <<http://www.turismo.gov.br>> acesso em julho de 2020.

No período chamando de “década dos megaeventos” (2007-2016) assistimos a um intenso crescimento no número de estabelecimentos de hospedagem de baixo custo em favelas do Rio de Janeiro. O aumento do número de estabelecimentos de hospedagem nestes espaços ocorre principalmente nas áreas de maior concentração e demanda por hospedagem: a zona sul da cidade do Rio de Janeiro. A possibilidade de ganho de renda extra para grande parte dos moradores destes locais levou à um movimento de adaptação de residências locais e sua transformação em espaços de hospedagem diante das expectativas de aumento da demanda no período de megaeventos esportivos.

4.2 A expansão da fronteira turística no período pós 2008

A favela como destino turístico já era explorada principalmente desde os anos 1990 com os chamados “favela tours”, que aconteciam principalmente na Rocinha (MEDEIROS, 2010). No entanto, o movimento que se consolida no período de megaeventos se distingue desta primeira onda de turistificação das favelas cariocas por ser marcado pelo fortalecimento da favela como destino de hospedagem (MORAES, 2016). Este segundo movimento parece ser muito mais possibilitado pela redução dos índices de violência nestes espaços. As favelas Pereira da Silva e Tavares Bastos, por exemplo, foram as primeiras a terem em seu interior estabelecimentos do tipo pousada e são consideradas as primeiras favelas pacificadas do Rio de Janeiro. Apesar de nunca terem recebido a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora, os índices de violência nestas duas favelas reduziram drasticamente desde a instalação do Centro de Treinamento do Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (BOPE - PMERJ) em área localizada entre as duas favelas ainda no início dos anos 2000.

Ao longo do período de megaeventos, assistimos a um aumento progressivo do número de estabelecimentos deste tipo principalmente em favelas da zona sul da cidade e que haviam recebido a instalação de uma UPP (NOVAES, 2017; FAGERLANDE, 2016). Isto indica a existência de uma demanda latente por determinados tipos de hospedagem que ofereçam experiências conhecidas como “turismo de realidade”, demanda até então reprimida pelos altos índices de violência nestes espaços.

O período “Rio cidade-sede” é marcado pela recriação das favelas como destino turístico não só por organizações comunitárias locais, ONGs e empresários externos, mas também pelas autoridades públicas (MORAES, 2016). As políticas públicas voltadas para o incentivo do turismo em favelas, que se iniciam ainda em 2006 e ganham intensidade no contexto Rio cidade-sede, são fundamentais para o início de um novo movimento de expansão das fronteiras da favela turística no final dos anos 2000 (idem).

A retomada do controle sobre os territórios de algumas favelas da cidade em função do início da implementação das primeiras unidades de polícia pacificadora a partir de 2008 possibilitou a formação de novos processos de turistificação de alguns destes territórios. As UPPs ajudaram a redefinir o espaço apropriado pelo turismo no Rio de Janeiro (FRATUCCI; SPOLON; MACHADO, 2016). Este processo trás consigo transformações não somente espaciais para alguns lugares dentro destas favelas, mas também em seus usos e apropriações.

Em 2006, com a aprovação da Lei Municipal nº 4405, a Rocinha passou a ser incluída no Guia Oficial e no Roteiro Turístico e Cultural do Município do Rio de Janeiro. Tal ação significou o reconhecimento por parte do Estado da Rocinha como um atrativo turístico da cidade (MORAES, 2016). No mesmo ano, um projeto de museu a céu aberto na favela da Providência (“a primeira favela do Rio de Janeiro”) é anunciado como parte das ações de revitalização da zona portuária (MENEZES, 2008, apud MORAES, 2016). Em 2008, tem início uma parceria entre o braço social do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e lideranças comunitárias locais das favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, que cria o Museu de Favelas com o intuito de atrair turistas para o local (idem).

Em 2010, uma parceria entre governo municipal, estadual e federal lançou o programa “Rio Top Tour, o Rio de Janeiro sob um novo ponto de vista”, cujo objetivo era criar roteiros turísticos em favelas pacificadas e estimular a atuação dos próprios moradores como guias. O programa propunha a formação de guias locais, a sinalização, mapeamento de locais de visitaço e desenvolvimento de material promocional. O início da implementação do programa Rio Top Tour se deu na favela Santa Marta, que também foi a primeira área a receber a implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora, em 2008. A atuação do programa no Santa Marta levou a uma migração de agências privadas

de turismo que já atuavam em favela tours na Rocinha para esta outra favela e à posterior criação do Comitê de Turismo do Santa Marta, uma resposta dos moradores e guias locais frente à entrada de agências de turismo externas no morro (MORAES, 2016, p.10).

Na onda da instalação das primeiras Unidades de Polícia Pacificadora, o SEBRAE passa a atuar nas áreas pacificadas oferecendo apoio ao empreendedorismo e às ações que promoviam o turismo local. A atuação do SEBRAE no campo do turismo nestas áreas leva à criação do ConTur – Conexão Turismo – rede formada por guias e empreendedores ligados ao turismo em favelas²⁸.

Se no período pré-megaeventos (pré 2007) as poucas iniciativas e empreendimentos direcionados ao turismo em favelas eram exploradas principalmente por agentes externos a estes espaços (MEDEIROS, 2007; MORAES, 2016), as ações públicas direcionadas ao incentivo do turismo em favelas no período pós 2009 levam à atração de mais agentes externos interessados em investir no turismo de experiência nestes espaços, mas também culminam no fortalecimento de movimentos de turismo de base comunitária²⁹ nestes locais (MORAES, 2016).

Mais recentemente, o projeto de Lei Municipal 1196/15, proposto pelo vereador Célio Lupparelli, propôs regulamentar o turismo nestes espaços e transformar algumas favelas em Áreas de Especial Interesse Turístico (AEIT) a fim de evitar atividades exploratórias e invasivas para os moradores locais. No ano de 2017, foi aprovada a Lei 3.598/17, da deputada e vice-presidente da Comissão de Turismo da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ): Zeidan (Partido dos Trabalhadores - PT). O texto estabelece a obrigatoriedade de contratação de guias locais por empresas de turismo externas às comunidades, a fiscalização do serviço, que seria realizada pela Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (Turisrio), e a inclusão do comércio local nos roteiros turísticos dessas comunidades.

As iniciativas municipais voltadas para incentivar o turismo em favelas cariocas estavam alinhadas às iniciativas promovidas pelos governos estaduais e federal. O Plano Nacional de Turismo do triênio 2007-2010 visava expandir e fortalecer o mercado interno enfatizando a função social do turismo em uma tentativa de transformar a atividade em um importante mecanismo de inclusão social e geração de renda (PINHEIRO JUNIOR, 2015). O Plano Nacional de Turismo do triênio 2013-2016, por sua vez, tinha como objetivo preparar o turismo brasileiro para os grandes eventos e melhorar a competitividade do

---

²⁸ Entre as ações promovidas pela ConTur está o desenvolvimento do “Guia das Comunidades” em 2014 e do “Guia das Favelas” em 2015, material produzido em parceria com a RioTur que visava promover o turismo de experiência em comunidades do Rio de Janeiro.

²⁹ Ações baseadas em princípios do turismo sustentável voltadas para a geração de renda e benefícios para os próprios moradores locais.

turismo nacional. O plano resulta de um esforço integrado entre governo federal, iniciativa privada e terceiro setor via Conselho Nacional de Turismo.

No Vidigal, é principalmente a partir de 2012, com a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora Vidigal – Chácara do Céu, que o turismo começa a se desenvolver (idem). No entanto, possui um papel fundamental neste processo iniciativas que começam a ser implementadas quatro anos antes da instalação da UPP local e que iremos debater nos tópicos que seguem. Antes disto, faremos uma análise comparativa do que caracteriza os estabelecimentos de hospedagem que passaram a ser instalados nas áreas estudadas no período recente.

4.3 Turistificação e expansão do potencial de hospedagem das favelas cariocas

A análise dos resultados da pesquisa de caracterização do comércio local nos mostra que o Vidigal é marcado pela presença de um comércio ao mesmo tempo antigo, consolidado e extremamente dinâmico, que passou por um considerável processo de crescimento no período 2012-2015. Se por um lado a maior parte do crescimento do número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento neste local no período relatado se deu por conta do aumento dos negócios voltados para suprir as demandas de consumo dos próprios moradores locais, é importante notar que os tipos de estabelecimentos que apresentaram maior crescimento em termos percentuais foram os estabelecimentos de hospedagem e os espaços de entretenimento voltados para um público externo ao morro.

Se em 2012 o Vidigal possuía apenas um estabelecimento de entretenimento voltado para um público que não os moradores locais (a Casa Alto Vidigal, que inicia suas atividades como *guesthouse* e casa noturna ainda antes da instalação da UPP local), em janeiro de 2017 havia no Vidigal ao menos oito estabelecimentos deste tipo, um aumento de cerca de 700% em cinco anos. Ao mesmo tempo, enquanto no período pré-pacificação o morro contava com apenas três hostels em funcionamento, em janeiro de 2017 havia 24 estabelecimentos deste tipo no local, um número oito vezes maior. O que estes dados indicam é que, para além de um processo de crescimento do comércio voltado para suprir as necessidades dos moradores locais, o Vidigal também passou por um forte processo de turistificação no período pós-pacificação.

Nas outras duas áreas estudadas por esta pesquisa, observamos a existência de um comércio bastante novo que mostra que estas áreas passaram por um processo de intensificação de suas dinâmicas comerciais semelhante ao ocorrido na favela do Vidigal (guardadas as devidas diferenças de escala entre as três áreas). Assim como no Vidigal, os estabelecimentos comerciais e de serviço existentes em cada uma das outras duas áreas estudadas por esta pesquisa são predominantemente voltados para a oferta de serviços e comercialização de itens de primeira necessidade para os próprios moradores locais.

O que nosso levantamento aponta é que a Pereira da Silva e a Tavares Bastos não apresentaram um crescimento no número de estabelecimentos de hospedagem e/ou eventos quantitativamente significativo como ocorreu no Vidigal. Apesar disto, seria errado afirmar que a Pereira da Silva e a Tavares Bastos não tenham passado por um processo de turistificação ou que tenham ficado de fora do que estamos considerando aqui um movimento de ampliação das fronteiras do turismo de experiência, que ganha força durante a chamada década dos megaeventos esportivos (2007-2016). Ao contrário disto, a Pereira da Silva e a Tavares Bastos podem ser consideradas pioneiras no que diz respeito à exploração da favela como local de hospedagem, principalmente para turistas estrangeiros. Este argumento se baseia no fato de que a Tavares Bastos e a Pereira foram as duas primeiras favelas da cidade do Rio de Janeiro a terem um estabelecimento de hospedagem do tipo pousada dentro de seu território.

Não é possível afirmar que não existiam exemplos de hospedagem domiciliar em outras favelas da cidade antes deste período, mas há um certo consenso entre pesquisadores do assunto de que a Pousada Favelinha (Pereira da Silva) e a The Maze (Tavares Bastos) foram os primeiros estabelecimentos de hospedagem do tipo pousada a serem instalados dentro de uma favela na cidade do Rio de Janeiro. Tanto a The Maze quanto a Pousada Favelinha iniciam oficialmente suas atividades como pousada por volta do ano de 2003. Por este motivo, é mais correto afirmar que a Pereira da Silva e a Tavares Bastos começam a passar por um processo de inserção no circuito de hospedagens cariocas até mesmo antes do Vidigal e de outras favelas da cidade e voltam a também sofrer os impactos deste novo movimento de turistificação de territórios populares que passa a se fortalecer no período mais recente.

O que diferencia o movimento de turismo existente na Tavares Bastos do Vidigal, por exemplo, é que na Tavares o fluxo de turistas é bastante direcionado e concentrado na visita ao atelier, clube de jazz e pousada The Mazze, enquanto no Vidigal pudemos observar a abertura de um grande número de estabelecimentos de turismo de entretenimento que passaram a atrair um fluxo bastante intenso de visitantes.

Guardadas as diferenças de tamanho e escala entre as três áreas estudadas, enquanto foram registrados no Vidigal dezoito novos estabelecimentos de hospedagem no ano 2017 quanto comparado ao ano 2012, a Pereira da Silva e a Tavares Bastos ganharam mais um estabelecimento deste tipo cada uma. A Pereira da Silva, onde já funcionava a Pousada Favelinha e a Casa Cultural 7x1, recebeu a instalação da Casa 48 no ano de 2015, uma casa que inicialmente funcionava como residência para um grupo de amigos estrangeiros que viviam no Rio de Janeiro e que posteriormente passa a funcionar como pousada. A Tavares Bastos, onde o atelier de arte, clube de jazz e pousada The Maze já funcionava desde 2003, recebeu a instalação do hostel Tavares Bastos também em 2015 em uma residência adaptada por um antigo morador do bairro do Catete para receber hóspedes diaristas.

O que é importante lembrar, no entanto, é que apesar de a Pereira da Silva ter um número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento quantitativamente bastante inferior quando comparado ao Vidigal, o comércio da Pereira da Silva é relativamente mais dependente do movimento de turistas no morro do que no Vidigal. Nossa pesquisa investigou não só o público principal dos estabelecimentos em funcionamento em cada uma destas áreas como também a percepção dos responsáveis por estes estabelecimentos sobre os impactos do movimento de turistas no morro em seus negócios.

Como apontado no Capítulo 3 desta tese, a Pereira da Silva possui um percentual mais alto de estabelecimentos cujo público principal é formado predominantemente por turistas (29%). Isto se dá por dois fatores principais: o pequeno número total de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no morro e a existência de três estabelecimentos de hospedagem e outros tipos de serviços voltados para um público externo ao morro. Somente 10% dos estabelecimentos entrevistados no Vidigal e 9% na Tavares Bastos declararam que sua clientela é formada predominantemente por turistas. Ao mesmo tempo, 64% dos estabelecimentos da Pereira da Silva declararam sentir o impacto do aumento ou da queda do movimento de turistas no morro sobre os seus negócios, contra 33% dos estabelecimentos no Vidigal e 36% na Tavares Bastos.

No Vidigal, o sistema turístico local é composto por estabelecimentos de hospedagem, alimentação, entretenimento e por seus atrativos naturais, como a trilha para o Morro Dois Irmãos e o Parque Ecológico Sitiê. Após a instalação da UPP local, a trilha do morro Dois Irmãos, que recebia um volume reduzido de turistas, passa a ser mais explorada, assim como as festas na laje e os estabelecimentos de hospedagem (PINHEIRO JUNIOR, 2015).

No ano de 2010, somente três estabelecimentos do tipo hostel ou guesthouse³⁰ estavam em funcionamento no Vidigal (Gráfico 37). Já em abril de 2012, três meses após a instalação da UPP local, foram levantados seis estabelecimentos deste tipo no morro. Em dezembro de 2014, este número já era 23, se mantendo próximo a isto até janeiro de 2017, possivelmente ainda como um reflexo do período pós Olimpíadas de 2016. Em agosto de 2018, por sua vez, somente 12 destes estabelecimentos afirmaram ainda estar em funcionamento no morro.

Gráfico 37 - Número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no Vidigal no período 2012-2018

Fonte: Dados coletados pela autora e mapeamento "Vidigal 100 Segredos".

A dinamização de negócios no segmento da hospedagem em outras favelas do Rio de Janeiro não foi objeto de estudo desta tese. No entanto, pesquisa realizada por Novaes (2017) indica um fenômeno semelhante de aumento no número de estabelecimentos deste tipo em ao menos outras três favelas da zona sul no período de grandes eventos esportivos: Babilônia, Chapéu Mangueira e Santa Marta. Novaes aponta que, nas favelas Babilônia e Chapéu Mangueira, após ter recebido a instalação de uma UPP no ano de 2009, 14 novos hostels foram abertos nestas áreas. No Santa Marta, a pesquisa levantou 5 novos hostels³¹ em funcionamento após a pacificação local, que ocorreu no ano de 2008. Nas favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, Fagerlande (2016) também mapeou os estabelecimentos do tipo hostel ou albergues que passaram a funcionar após a pacificação local e apontou para um total de 19 estabelecimentos deste tipo em funcionamento no morro.

³⁰ Uma guesthouse é um tipo de acomodação caracterizada como "hotel de baixo custo", muitas vezes uma casa particular convertida em casa de hospedagem. Um hostel ou albergue é tipo de acomodação caracterizado pelos preços baixos e pela socialização entre os hóspedes, podendo estes serem acomodados em quartos privativos ou coletivos. No Vidigal, verificamos a existência de uma gama bastante heterogênea de estabelecimentos de hospedagem. Trata-se de estabelecimentos caracterizados como hospedagens alternativas de custo acessível, com quartos privativos ou coletivos divididos por sexo ou não, cozinha coletiva e banheiro coletivo.

³¹ É importante salientar que, por se tratar de pesquisas distintas, a metodologia de levantamento de estabelecimentos de hospedagem feita no Vidigal *não* é a mesma da utilizada nas favelas Babilônia/ Chapéu Mangueira, Santa Marta e Cantagalo Pavão-Pavãozinho. Este fato, somado à diferença de tamanho entre estas favelas, pode ajudar a explicar um número mais elevado de estabelecimentos levantados no Vidigal.

O período de crescimento do número de estabelecimentos de hospedagem no Vidigal é marcado também pela mobilização de moradores locais em torno de uma tentativa de implementação de experiências de turismo de base comunitária. A atuação do grupo “Albergue da Comunidade” visava oferecer cursos de capacitação e de idiomas para que os moradores recebessem estrangeiros em suas casas. O objetivo era aumentar a renda dos moradores locais.

Percebeu-se que o Albergue da comunidade estava sendo um exemplo de mobilização social em torno do turismo. Isso, pois os albergues trabalham com hospedagem domiciliar, visto que se verificou haver uma grande procura por parte dos turistas. Os moradores do morro arrumavam um ou dois quartos e recebiam alguns turistas com um preço mais acessível. Duas famílias já haviam recebido turistas e a troca de experiência havia obtido um resultado positivo, segundo os mesmos. (MIRANDA; FORTUNATO, 2016, p.16)

A presença deste tipo de iniciativa no morro do Vidigal pode ter sido um dos fatores que fizeram com que o morro apresentasse um crescimento tão grande no número de estabelecimentos de hospedagem abertos no período pós 2009.

Para o levantamento do perfil dos estabelecimentos de hospedagem localizados nas áreas estudadas, foram entrevistados todos os estabelecimentos que se encontravam em funcionamento na Tavares Bastos e Pereira da Silva (Mapas 44 e 45) e outros treze estabelecimentos do Vidigal (Mapa 43). Destes treze, dez ainda se encontravam em funcionamento e três já haviam encerrado totalmente suas atividades em outubro de 2018.

Mapa 43 - Localização dos estabelecimentos de hospedagem entrevistados - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 44 - Localização dos estabelecimentos de hospedagem entrevistados – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 45 - Localização dos estabelecimentos de hospedagem entrevistados – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

O que a análise da origem dos proprietários destes estabelecimentos nos mostra é que os agentes por trás deste tipo de estabelecimento diferem bastante entre as três áreas estudadas. Enquanto no Vidigal este foi um movimento liderado principalmente por pessoas nascidas no morro e também migrantes que viviam no local na data da entrevista, na Pereira da Silva e na Tavares Bastos nenhum dos estabelecimentos tinha como proprietário pessoas nascidas nestes locais (Gráfico 38).

Gráfico 38 - Naturalidade dos proprietários dos estabelecimentos de hospedagem das áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Quando olhamos para estes dados de uma outra forma, considerando nativos que ainda viviam ou que já haviam deixado as áreas em questão e considerando não nativos que viviam nestes territórios ou que nunca haviam morado nestas áreas, vemos que na Pereira da Silva os estabelecimentos de hospedagem são explorados predominantemente por não nativos que viviam no local na data da entrevista, mas também por pessoas que nunca viveram neste espaço (Gráfico 39). Na Tavares Bastos, os dois estabelecimentos deste tipo que se encontravam em funcionamento possuem como proprietários não nativos que viviam no local na data da entrevista. No Vidigal, 38% dos proprietários nativos ainda viviam no morro na data da pesquisa e 8% já não viviam mais no local.

Gráfico 39 - Local de moradia dos proprietários dos estabelecimentos de hospedagem das áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

No Vidigal, 62% destes negócios declararam ser um empreendimento de base familiar, ou seja, trabalham nestes estabelecimentos membros de um mesmo núcleo familiar, com poucos ou nenhum funcionário externo contratado (Gráfico 40). Na Tavares Bastos, um dos dois estabelecimentos existentes possui este modelo de funcionamento. Na Pereira da Silva, por outro lado, nenhum dos três estabelecimentos em funcionamento era gerenciado por membros de um mesmo núcleo familiar.

Gráfico 40 - Estabelecimentos de hospedagem de base familiar e base não familiar

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Entre os estabelecimentos de hospedagem que declararam possuir uma base familiar no Vidigal e na Tavares Bastos, nenhum possuía funcionários externos ao núcleo familiar do responsável pelo negócio. Isto corresponde a 62% dos estabelecimentos do Vidigal e 50% da Tavares Bastos (Gráfico 41). Outros 23% dos estabelecimentos do Vidigal possuíam somente moradores locais como funcionários, 8% moradores locais e de fora do morro e 8% estrangeiros. Na Tavares Bastos, no entanto, enquanto um dos dois estabelecimentos em funcionamento não possuía funcionários contratados, o outro trabalhava em um formato de permuta com seus hóspedes (quase sempre estrangeiros), onde trocava trabalho pelo direito à hospedagem. Na Pereira da Silva, o formato de funcionamento dos três estabelecimentos de hospedagem locais é mais heterogêneo, com 33% tendo somente funcionários que moram no local, 33% que moram no local e fora dele e 33% somente estrangeiros.

Gráfico 41 - Local de moradia dos funcionários dos estabelecimentos de hospedagem

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

No Vidigal, observamos a existência de um grupo de estabelecimentos funcionando em imóveis alugados (23%), o que não foi identificado nas outras duas áreas estudadas (Gráfico 42). Tanto na Tavares Bastos quanto na Pereira da Silva, 100% dos estabelecimentos deste tipo funcionavam em imóveis próprios. Um dos fatores que diferencia os estabelecimentos de hospedagem do Vidigal das demais áreas estudadas pela pesquisa é que a dimensão do Vidigal e a alta da demanda por hospedagem diante do crescimento do movimento de turistas no morro no período de megaeventos esportivos abriu espaço também para jovens empreendedores externos ao morro, que passaram a ver na favela um potencial de geração de renda através da oferta de hospedagem. Este grupo de jovens empreendedores se diferencia de outros grupos de empreendedores externos de alto poder aquisitivo e que também passaram a investir no local. A principal diferença entre estes dois grupos é seu poder aquisitivo, que é mais baixo entre os jovens empreendedores. A presença deste tipo de agente jovem e empreendedor, porém de baixo poder aquisitivo, ajuda a explicar a existência de estabelecimentos de hospedagem funcionando em imóveis alugados no Vidigal.

Gráfico 42 - Condição de ocupação dos imóveis onde os estabelecimentos de hospedagem funcionam

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

No Vidigal, 69% dos imóveis que funcionavam como estabelecimentos de hospedagem eram inicialmente residências que foram adaptadas ou ampliadas para funcionar como hospedagem (Gráfico 43). Outros 23% destes imóveis foram construídos para funcionar como hospedagem e 8% eram pontos comerciais que foram adaptados para tal. Na Pereira da Silva, a situação é inversa. Dois dos três estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no local ocupavam imóveis que foram construídos especificamente para esta atividade enquanto o terceiro era uma residência que foi adaptada para funcionar como tal. Na Tavares Bastos, por sua vez, os dois estabelecimentos existentes eram residências que foram adaptadas.

Gráfico 43 - Histórico do imóvel onde o estabelecimento de hospedagem está localizado

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

O que os dados de caracterização dos estabelecimentos de hospedagem nos mostram é que os estabelecimentos deste tipo localizados em cada uma das áreas diferem bastante entre si em quesitos como naturalidade de seus responsáveis, condição de ocupação do imóvel onde funcionam, histórico do imóvel e origem de seus funcionários, mostrando que em cada uma das áreas estes estabelecimentos não só são explorados por tipos de agentes distintos como também funcionam em formatos diferenciados. No item 4.5 aprofundaremos esta análise e lançaremos hipóteses que podem nos ajudar a explicar tais diferenças.

4.4 Vidigal: O “efeito alemão” e os resquícios de um projeto de turistificação

O novo movimento de turistificação pelo qual passou o Vidigal e outras favelas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, principalmente no período pós 2008, ocorre em função da convergência de uma série de fatores. No entanto, um caso emblemático e pouco mencionado nos trabalhos que discorrem sobre o assunto merece atenção, principalmente por conta dos impactos causados no morro do Vidigal. No ano de 2008, começa a ser implementado neste local um ousado projeto que previa a transformação do morro em um polo de turismo de realidade. O projeto, intitulado “Vidigal Feliz”, foi desenhado pelo alemão Rolf Rudiger Glaser, dono de uma das maiores casas de câmbio da Europa Ocidental e com um histórico de atuação no mercado imobiliário de luxo. No entanto, antes de contarmos qual o papel deste alemão nesta história, precisamos falar sobre um baiano.

O baiano desta história possui vários nomes: Gerônimo, Neguinho e José. José é seu verdadeiro nome, Gerônimo é como ficou conhecido por muitos quando trabalhava nas areias da praia de Ipanema e Neguinho é como muitos o conhecem no Vidigal. Para contar esta história, iremos nos referir a ele como Gerônimo. Gerônimo nasceu na Bahia e foi para o Rio de Janeiro aos sete anos de idade. Viveu muito tempo no bairro da Penha, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, viveu também alguns anos como morador de rua e chegou ao Vidigal no ano de 1993. Antes disto, já trabalhava vendendo água, coco e alugando cadeiras nas areias da praia de Ipanema. No ano de 1995, Gerônimo começou a levar turistas para conhecer a favela do Vidigal. Ao perceber seu potencial como guia, começou a investir mais neste trabalho, passou a alugar apartamentos e a trabalhar com passeios náuticos pelo litoral do estado do Rio de Janeiro.

Em 2003, Gerônimo já levava grupos de turistas estrangeiros para conhecer o alto do Vidigal. Naquele período, a presença do tráfico armado nas ruas e becos do morro era bastante ostensiva, mas Gerônimo tinha uma boa relação com o comando local. No Arvrão, muito antes deste se tornar um dos pontos mais movimentados do Vidigal, Gerônimo montava uma mesa com a ajuda de Dona Maria, uma moradora local, e levava “os gringos” para tomar café e assistir ao nascer do sol.

Em 2004, os vários contatos feitos por Gerônimo ao longo de seus anos de trabalho com turismo o levaram para a Europa. Em 2006, já de volta ao Rio de Janeiro depois de trabalhar um tempo fora do país, Gerônimo comprou um Jeep e logo em seguida, no início de 2007, comprou outro. Assim nasceu a “Jerônimo Tour”, que oferecia passeios do tipo “Jeep Tour” pela cidade do Rio de Janeiro³².

Em um dos passeios realizados pela sua agência, Gerônimo levou um alemão, que já frequentava a barraca de praia onde trabalhava em Ipanema, para conhecer o Vidigal. Este alemão era Rolf-Rüdiger Glaser, citado no início deste capítulo. Os pais de Rolf possuíam uma empresa têxtil em Berlim Ocidental. Rolf, depois de abrir uma joalheria, se aventurou também pelo ramo das casas de penhores e fundou a Exchange AG, uma das maiores casas de câmbio da Europa. Nos anos 1980, chegou a expandir seus negócios para a África, em Conakry, República da Guiné, mas se mudou no início dos anos noventa com a família para Miami. Era sócio da Turchin Properties, uma empresa que negocia imóveis de alto luxo, e também sócio majoritário do Bank of Coral Gables. Em South Beach, Miami, comprou terras baratas para construir imóveis de luxo.

Foi uma onda de crédito barato, e Glaser surfou até que ele sentiu que entraria em colapso. Ele desistiu dois anos antes da grande crise bancária. Ele sabia que precisava de uma nova South Beach, novos pontos de virada, uma nova área cinzenta que impulsionasse os retornos, e ele pensou tê-los encontrado no Vidigal. (BLASBERG, 2013, em tradução livre)

A decisão de investir no Rio de Janeiro veio no início de 2008. Depois de adquirir um imóvel no bairro de Santa Tereza, Rolf chegou a estudar a favela da Babilônia, localizada no Leme - também zona sul do Rio de Janeiro -, mas se apaixonou pelo Vidigal após ter sido levado para um passeio por Gerônimo. Depois de decidir investir no Vidigal, Rolf foi levado até o comando do tráfico local para conversar sobre seu interesse em comprar casas e as transformar em hotéis e escolas. Para convencê-los de seu real interesse, Glaser doou uma ambulância e novas lixeiras para uso dos moradores. A ideia

---

³² Na Rocinha, pesquisa desenvolvida por Medeiros (2007) apontou ao menos sete agências com cadastro na RioTur que atuavam regularmente com este tipo de passeio turístico no local, além de um grande circuito de turismo informal formado por taxistas e guias locais.

de Glaser era intervir em vários pontos diferentes do morro, atraindo turismo e, principalmente, investimentos. Glaser queria transformar o Vidigal em um polo turístico.

Glaser adquiriu imóveis por valores que iam de R\$8 mil a até R\$ 360 mil (caso da antiga mansão construída pelo advogado Técio Lins e Silva, que deixou o local por medo da violência, e onde Rolf passou a morar durante o tempo em que investia em seu projeto para o Vidigal). Ao todo, sessenta imóveis foram comprados por Rolf no morro, quase todos com a intermediação de Gerônimo, que passou a atuar como uma espécie de corretor de imóveis auxiliando Rolf em seu projeto. Estes imóveis iam desde pequenos barracos até terrenos vazios e a mansão acima citada. A chegada de Glaser aos poucos começou a pressionar os preços do mercado imobiliário do Vidigal. Barracos antes avaliados em cerca de R\$5 mil foram arrematados por valores três ou quatro vezes mais altos pelo alemão. Rapidamente, iniciou-se uma certa especulação midiática por conta da ousadia de seu projeto.

O “Projeto Vidigal Feliz” foi bastante divulgado em jornais de grande circulação do Rio de Janeiro e da Alemanha (Figuras 21 a 24). Inúmeras foram as matérias jornalísticas que falavam da ousadia do projeto do alemão. Na capa da Revista O Globo nº235 de 25 de janeiro de 2009, sob o título “O morro tem vez”, a revista apresentava “o projeto do alemão que resolveu transformar o Vidigal em polo turístico”. O jornal alemão BZ Journal, de 15 de fevereiro de 2009, trazia a matéria “Der Gute Berliner von Rio”, que também apresentava as ideias do alemão para transformar o morro do Vidigal.

Figura 21 - Capa da Revista O Globo, Ano 5, No 235 de janeiro de 2009

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 22 - Capa do Jornal O Globo de 25 de janeiro de 2009

Fonte: Acervo pessoal de Rolf Glaser cedido para a autora.

C4 CIDADES/METRÓPOLE | DOMINGO, 1 DE MARÇO DE 2009
C4 CIDADES/METRÓPOLE

RIO

Alemão monta complexo turístico no Vidigal

Planos de Rolf Glaser, que já comprou 37 imóveis na favela de São Conrado, incluem hotéis, bistrô, loja de sucos e até mesmo um museu

Pedro Dantas

Quem pensa que o alemão Rolf Glaser, de 52 anos, nasceu numa imigração dos cariocas se comprou 37 imóveis no Morro do Vidigal, em São Conrado, zona sul do Rio, e pretende a construção de hotéis, conforme o Estado noticiou em novembro. Hoje, o investidor já arrecadou 37 propriedades, entre casas, barracos, terrenos e a maioria ainda não comprada por R\$ 300 mil, diz que sua meta é alugar da hospedagem. "Quero gastar dinheiro no Vidigal, para empregar pessoas e fazer com que a comunidade se desenvolva. Não gosto dessas coisas de ficar em favela, onde o visitante entra, vê a miséria e vai embora."

Morando na parte nobre do morro, Rolf Glaser possui um apartamento. Ele também tem várias propriedades em outras favelas. "Acredito na construção de hotéis de luxo, que custem R\$ 30 milhões. Nada disso é verdade. Não quero criar uma favela. Não quero que o Vidigal perca sua alma."

Ele conta que chegou a considerar o Morro do Chapéu, Mangueira, no Leme, mas optou pelo Vidigal porque "aquela favela não tem vista para o mar". Na parte alta, conhecida como "Arranha", há metros acima do nível do mar, com vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas, Lefaria e Ipanema, seria construído um hotel e casas para turistas. Para o meio do morro, está prevista a construção de uma loja de moda. Na parte baixa, perto do assento 1000, há de se fazer um bistrô.

Rolf acredita que não fará muito até o fim do ano. A fase de investimento está encerrada. "Quanto R\$ 1 milhão na compra de casas e terrenos. Não comprarei mais nada." O clima entre os cerca de 10 mil moradores da favela é de expectativa. Ao contrário de novembro, a reportagem não encontrou ninguém armado nas ruas. "As pessoas estão com muita esperança", afirma Antônio Gonçalves, de 48 anos, líder comunitário do Vidigal e atual secretário de Rolf.

Investimentos sempre foram a forte de Glaser, que construiu patrimônio com a casa de cinema Exchange All Berlin, uma das maiores da Europa, que vendeu vendendo. Ele sempre manteve negócios paralelos - do mercado imobiliário de Miami a im-

VISTA PARA O MAR - Glaser, em um de seus imóveis, sonha de ver cariocas frequentando a comunidade

Projeto surpreende e constrange poder público

...A iniciativa de Glaser surpreendeu e constrangeu autoridades. A compra de casas chegou a ser definida pelo ex-prefeito Cesar Maia como "inspeção imobiliária". Eduardo Paes, o atual prefeito, disse que acha a iniciativa interessante, mas não conhece o projeto. O presidente da Associação de Moradores, José Valdir Cavalcanti, disse que há 15 anos nenhuma obra é feita no Vidigal. O único projeto de Paes é estabelecer limites para conter o crescimento da favela.

A Secretaria de Urbanismo em-

bargou duas obras de Rolf por falta de documentos. Ele rebate dizendo que as transações foram homologadas pela associação de moradores e toda a documentação está sendo providenciada. Também pede um encontro com o prefeito. "As duas únicas coisas que gostaria são organização do trânsito e coleta diária de lixo." A Comurb informou que tem sete caçambas de lixo no Vidigal e o caminhão coleta o lixo três vezes por semana. A Guarda Municipal afirma que atua na Avenida Niemeyer, na fran-

te do acesso ao morro, mas não entra por ser área de risco. A violência no Vidigal teve seu ápice em 2006, quando a disputa por bocas-de-fumo matou 12 pessoas.

O empresário nega intervenção do tráfico. "Sei que existe, mas nunca tive contato direto e eles nunca me procuraram. O monitor daqui é muito cooperador, não gosta de drogas. Não sequer bebo álcool porque na favela para não criar a criminalidade do projeto." ■

CRIME

Aluna sofre estupro dentro da faculdade

Uma estudante de 18 anos foi estuprada ontem de manhã, dentro da Faculdade Oswaldo Cruz, na Barra Funda, zona oeste de São Paulo. Ela disse que foi abordada por um homem armado, por volta das 8h30. Segundo a polícia, a suspeita de agressão aparece na imagem do circuito interno de TV da faculdade. Essas imagens foram encaminhadas à polícia, que trabalha na identificação do agressor. A estudante foi encaminhada ao Hospital Pérola Byington e já recebeu alta.

LADO

Protesto marca evento no Pg. da Aclimação

Cerca de 300 pessoas se reuniram na manhã de ontem no Parque da Aclimação (na foto) para realizar um "abrago" ao lago, que depois após o resfriamento de um cortado no na segunda-feira. O movimento, no entanto, ganhou tons de protesto após chegada do secretário do Verde e Meio Ambiente, Eduardo Jorge. Um agente da Guarda Civil Metropolitana (GCM) precisou acompanhá-lo. A Prefeitura havia prometido encerrar o lago entre ontem e hoje, mas a população reclamou que seria necessário retirar o lodo acumulado.

BRASIL

PM estoura casa de jogos no Brooklyn

Um caso de jogos foi estourado pela Polícia Militar, na sexta-feira, na Rua Jangum Natano, no Brooklyn, zona sul de SP, após denúncia anônima. No local, PMs encontraram 74 máquinas caça-níqueis e dinheiro. Clientes, funcionários e os dois sócios da jogatina foram levados ao 99º DP. Os dois sócios não suspeitos de integrar uma quadrilha de bandidos envolvidos com a prática ilegal de jogos. Em janeiro, um bicho dos mesmos bandidos foi encontrado na Vila Olímpia. Na ocasião, o advogado deles tentou subornar a polícia e foi detido por corrupção.

Figura 24 - Página do BZ Journal de 15 de fevereiro de 2009

Fonte: Acervo pessoal de Rolf Glaser cedido para a autora.

Rolf procurava um novo e potencial *rent gap*³³.

[...] Os ricos europeus estão famintos por uma golfada de calor humano, de solidariedade. E o Rolf sabe disso. Ele é um bilionário que se cansou de outros bilionários de nariz empinado, estressados. Vamos fazer mais ou menos o que foi feito em Positano, na Itália, um lugar com a mesma topografia do Vidigal e que também era ocupado por uma favela. Alguém chegou e começou. O Vidigal pode se tornar um exemplo de que é possível. Estou vibrando com este projeto. (Trecho de depoimento do arquiteto Helio Pellegrino presente em MONTEIRO, 2009).

Com o projeto desenhado e decidido a investir no Vidigal, Rolf teve em Gerônimo, o “baiano vidigalence” da história contada anteriormente, um dos braços que intermediou grande parte das transações de compra de imóveis locais. Segundo Gerônimo, foi ele quem “vendeu a favela inteira para o Rolf” (SILVA, 2018). A primeira casa comprada por Rolf ficava localizada na Rua Armando de Almeida Lima, nas proximidades do Arvrão³⁴. Dona Julia, uma senhora que havia construído sua casa nos anos 1980, foi quem vendeu o primeiro imóvel afirmando estar feliz por ter a possibilidade de se afastar por conta dos tiroteios frequentes que naquela época assolavam o Vidigal. Glaser pagou à Dona Julia seis mil euros pelo imóvel, um valor considerado cinco vezes mais alto do que o valor de mercado na época.

Uma a uma, inúmeras casas localizadas no entorno do Arvrão foram sendo compradas. Até novembro de 2008, quinze das dezessete casas que Rolf havia comprado até então estavam localizadas no entorno do Arvrão. Alguns dos moradores que sobraram e que resistiram à venda acabaram cedendo no final ao se verem cercados por casas vazias já em processo de demolição. Muitos destes antigos moradores acabaram saindo do Vidigal, mas grande parte deles conseguiu comprar outro imóvel nas partes mais baixas do morro em um período em que os preços ainda eram acessíveis.

Para o Arvrão, o projeto previa um hotel, restaurante, bares, uma galeria de exposições permanente de artistas locais e um museu sobre a história do Vidigal. Na região conhecida como “Fogueteiro”, Glaser chegou a comprar um restaurante chamado “Cantinho”, cujos planos era continuar sendo restaurante, mas de luxo. O projeto previa

---

³³ A teoria do *Rent Gap* (“renda diferencial” ou “diferencial de renda”, em tradução livre) foi desenvolvida pelo geógrafo Neil Smith para explicar o movimento de saída de capital para a periferia de alguns centros urbanos norte-americanos nas décadas de 1970 e 1980 e a posterior gentrificação de áreas centrais. Nas palavras de Smith (1996, p.65, em tradução livre), o *rent gap* seria “a disparidade entre o nível de renda da terra potencial e a real renda da terra capitalizada sob o seu uso atual da terra”. É da existência destes *rent gaps* que emergem maiores oportunidades econômicas de lucro em transações fundiárias.

³⁴ Região localizada no topo do Vidigal e famosa por possuir uma das melhores vistas do morro. A área ficou conhecida como tal por conta da existência de uma árvore de grande porte que marca a paisagem local. Durante muito tempo, o Arvrão funcionou como ponto de execução para grupos ligados ao tráfico.

ainda a construção de mais um hotel, uma espécie de pousada ecológica que ficaria localizada no meio de uma área de mata. Para o meio do morro estava prevista a construção de lavanderia, padaria, cafeteria e ateliê de moda. Para a parte baixa: hostel, loja de sucos e bistrô. O projeto previa ainda uma ONG que funcionaria como um centro de especialização profissional em hotelaria e turismo para formação de moradores locais. A previsão era que cerca de 50 famílias adaptassem suas casas e passassem a oferecer um sistema bed & breakfast, onde o visitante paga por cama e refeição. O montante inicialmente previsto de investimentos girava em torno de 50 milhões de euros, que Rolf pretendia arrecadar em parte de investidores europeus e norte-americanos.

Glaser chegou a investir um milhão e duzentos mil dólares no Vidigal. Após um ano de projeto, muitos dos imóveis comprados já haviam sido demolidos e as obras de construção já estavam se iniciando quando sofreram embargo pela Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU). Segundo a prefeitura, Rolf teve suas obras embargadas por não ter solicitado licença junto à SMU. O alemão recebeu orientação para se regularizar e abriu dois processos de solicitação de licença, mas não apresentou projeto completo, somente croquis.

Depois de perceber que precisaria enfrentar uma grande burocracia para executar o seu projeto, Rolf desistiu de seguir. O alemão, que havia causado um turbilhão no mercado imobiliário do Vidigal, começou a se desfazer dos imóveis que havia comprado. O ousado projeto de turistificação do Vidigal havia fracassado, mas não sem deixar um grande impacto no morro.

Andreas Wielend, um surfista austríaco interessado em fugir dos altos preços dos aluguéis de Ipanema, foi o primeiro a comprar, em 2009, um dos imóveis localizados no Arvrão que havia pertencido a Rolf. Wieleng construiu no Arvrão o que se tornaria depois a Casa Alto Vidigal, um dos primeiros hostels e espaço de festas direcionado a um público externo que não os moradores locais. Enquanto Glaser teve um papel importante na formação de um novo movimento especulativo em torno do potencial turístico do Vidigal, Wielend, por sua vez, ajudou a inserir o morro na cena das festas noturnas e dos negócios de entretenimento.

Ao mesmo tempo, o arquiteto Helio Pellegrino, que havia se tornado um dos braços do alemão no projeto Vidigal Feliz, assumiu para si a missão de levar adiante o plano de construir um hotel de alto padrão no morro. Pellegrino foi quem comprou um dos terrenos que havia pertencido a Rolf. Posteriormente, ele se juntou ao empresário Antônio Rodrigues, dono da rede de botecos “Belmonte”, para construir o que hoje é o Hotel Boutique Mirante do Arvrão, que foi a primeira filial da rede Belmonte em uma favela do Rio de Janeiro.

Alguns dos terrenos e imóveis que antes pertenciam a Rolf foram vendidos para investidores externos com a expectativa de consolidação do Vidigal como a nova “favela cool” do Rio de Janeiro. Outros vinte e quatro imóveis de pequeno porte foram doados à Associação de Moradores para que fossem repassados para a população local (KOLLER, 2018). A instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, em 2012, trouxe ainda mais expectativas sobre o potencial turístico local e chamou a atenção de novos investidores. Os imóveis do Arvrão logo atraíram novos interessados. Os empresários Marcos e Gilda Brandão foram dois deles. Juntos, mãe e filho abriram o Bar da Laje, um dos bares mais famosos do morro.

O projeto de Rolf de transformar o Vidigal em um polo turístico deu frutos: despertou o interesse de outros investidores. Parte das transformações observadas na região do Arvrão nascem do projeto de turistificação não implementado por Rolf. Se o alemão não conseguiu levar adiante sua ideia de transformar o Vidigal em um complexo turístico, ao menos deu o pontapé inicial e abriu caminho para um número considerável de outros estabelecimentos se instalarem, levando a região a um intenso processo de transformação de usos e de padrão construtivo de parte das edificações nela localizadas.

Para entender as transformações socioespaciais pelas quais passou o Vidigal no período de recorte do trabalho em questão, é importante debater o papel do projeto desenhado pelo alemão Rolf Glaser para aquele território, ainda que este não tenha sido implementado como anunciado. O projeto de turistificação desenhado por Rolf ganha importância na medida em que resultou em impactos importantes para a dinâmica do mercado imobiliário local ao mesmo tempo em que abriu caminho para a entrada de novos agentes econômicos e novos fluxos de investimento externo que causaram alguns impactos significativos no morro.

4.5 Conclusões parciais

Nos capítulos anteriores, mostramos que ao mesmo tempo em que as três áreas estudadas por esta pesquisa apresentaram uma forte intensificação de suas dinâmicas comerciais com um alto crescimento do número de estabelecimentos comerciais e de serviço no período de recorte temporal desta pesquisa, paralelamente a este movimento identificamos um forte processo de turistificação destes espaços. Este processo é marcado principalmente pelo fortalecimento destes territórios como destino de hospedagem com a emergência de dezenas de novos estabelecimentos do tipo *guesthouse* e *hostels* não somente nas áreas estudadas por esta pesquisa, mas também em outras favelas da zona sul da cidade (NOVAES, 2017; FAGERLANDE, 2016). A nosso ver, este novo ciclo de

turistificação das favelas cariocas difere de ciclos anteriores porque insere alguns destes territórios como uma nova possibilidade de hospedagem de curta e média permanência e não somente como destinos turísticos de passagem (a exemplo dos já existentes “favela tours” (MEDEIROS, 2010)).

O que observamos aqui é parte de um processo de ampliação das fronteiras turísticas do Rio de Janeiro (FRATUCCI; SPOLON; MACHADO, 2016). Tal processo ocorre também como uma das consequências da instalação de Unidades de Polícia Pacificadora em parte destes espaços, mas principalmente em função do forte crescimento do movimento de turismo em toda a cidade do Rio de Janeiro em função da recepção de grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Neste capítulo, mostramos como o aumento do número de *hostels* em funcionamento nas três áreas pesquisadas acompanharam o aumento do volume de entrada de turistas estrangeiros no país via cidade do Rio de Janeiro.

O alto crescimento no número de estabelecimentos neste formato nas favelas em questão é influenciado por três fatores principais: a popularização dos estabelecimentos informais de hospedagem no estilo *guesthouse* e *hostels*, a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora em alguns destes espaços e a iminência dos grandes eventos esportivos – Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016. No Vidigal, soma-se a isso um quarto fator importante: as especulações em torno da possibilidade de implementação de um ousado projeto de transformação desta favela em um polo de turismo de realidade, projeto desenhado pelo alemão Rolf Glaser sobre o qual discutimos no tópico anterior.

O que os dados de caracterização dos estabelecimentos de hospedagem nos mostram é que os estabelecimentos deste tipo localizados em cada uma das áreas estudadas diferem bastante entre si. O modelo de estabelecimento de hospedagem que passa por um alto crescimento no período 2012-2017 no Vidigal é predominantemente informal, formado em sua maior parte por imóveis adaptados pelos próprios moradores locais com a finalidade de garantir uma renda extra diante do aumento da procura do Vidigal como destino de hospedagem de curta e média duração. Ao mesmo tempo, há um movimento paralelo de agentes externos e de maior poder aquisitivo que passaram também a investir neste tipo de estabelecimento no local, o que é o caso do Hotel Boutique Mirante do Arvrão, o Alto Vidigal Guesthouse, Da Lage, Hostelzinho e Favela Experience.

Na Pereira da Silva e na Tavares Bastos, os primeiros estabelecimentos de hospedagem existentes nestes locais pertenciam completamente ou parcialmente a estrangeiros. No caso da The Maze, localizada na Tavares Bastos, o proprietário é um artista plástico inglês que foi morar na favela ainda na década de 1980 e que decidiu transformar o seu atelier em uma pousada no início dos anos 2000. Na Pereira da Silva, a

Pousada Favelinha foi construída por uma brasileira e um alemão e começou a funcionar no mesmo período da The Maze. As duas primeiras pousadas instaladas no interior de uma favela no Rio de Janeiro começam a funcionar poucos anos após a instalação do Centro de Treinamento do BOPE entre as duas áreas. Isto pode indicar que o quesito segurança é um fator importante no início da exploração da favela como destino de hospedagem.

A hipótese que pode nos ajudar a compreender as diferenças entre os tipos predominantes de estabelecimentos de hospedagem existentes em cada uma das áreas estudadas por esta pesquisa pode estar relacionada à própria dimensão destas áreas. Tanto na Pereira da Silva quanto na Tavares Bastos, favelas bastante menores que o Vidigal, a demanda restrita por hospedagem é suprida por poucos estabelecimentos que têm como responsáveis principalmente agentes externos de poder aquisitivo relativamente mais alto. No Vidigal, a dimensão e complexidade da favela, assim como a existência de uma demanda mais elevada por hospedagem, possibilitou a emergência de três grupos distintos de agentes: o próprio morador local, que passa a adaptar suas residências na tentativa de ampliar sua renda através da hospedagem; agentes externos de médio poder aquisitivo (principalmente jovens empreendedores) que passam a alugar imóveis no morro para explorar o potencial de hospedagem local e, por fim, mas não menos importante, um grupo reduzido de agentes externos de alto poder aquisitivo, que passa a investir em imóveis próprios construídos especificamente para funcionarem como estabelecimentos de hospedagem e entretenimento.

CAPÍTULO 5 – FAVELA OLÍMPICA: VELHAS E NOVAS DINÂMICAS IMOBILIÁRIAS E ESPACIAIS

5.1 Dinâmicas imobiliárias: novos formatos e novos agentes

Neste capítulo, analisamos as características do mercado imobiliário nas três áreas estudadas por esta pesquisa e a possível formação de novas dinâmicas imobiliárias e fundiárias nestes espaços ao longo do recorte temporal do nosso trabalho.

A partir dos dados coletados, observamos que a Tavares Bastos e o Vidigal possuem um percentual de imóveis alugados quase dez pontos percentuais acima da média de imóveis alugados em assentamentos precários do município do Rio de Janeiro, segundo o Censo IBGE 2010 (Tabela 7). Em consequência, possuem um percentual de imóveis próprios (quitados pelos responsáveis ou herdados de familiares) quase dez pontos percentuais abaixo da média de imóveis próprios localizados em assentamentos precários do município. Na Pereira da Silva, por outro lado, quase 80% da população vive em imóvel próprio e somente 18% vive em imóveis alugados, uma taxa bem próxima da média dos imóveis localizados em assentamentos precários no Rio de Janeiro e a menor taxa de imóveis alugados entre as três áreas estudadas por esta pesquisa. Os números mostram a existência de um mercado de aluguel de imóveis residenciais relativamente mais forte no Vidigal e Tavares Bastos quando comparado à Pereira da Silva.

Tabela 7 - Domicílios por condição de ocupação para as áreas estudadas, domicílios localizados em e fora de assentamentos precários, município do Rio de Janeiro, RMRJ e Brasil

	Próprio quitado pelo responsável	Próprio herdado de familiares	Próprio ainda em quitação	Alugado	Cedido	Outra condição / sem identificação
Vidigal ¹	49,7%	15,7%	0,8%	29,4%	3,0%	1,4%
Pereira da Silva ¹	54,0%	24,0%	0,0%	18,0%	4,0%	0,0%
Tavares Bastos ¹	48,1%	18,5%	0,0%	29,6%	3,7%	0,0%
Em assentamentos precários (município do Rio de Janeiro) ²	75,3%		0,9%	20,8%	2,0%	1,0%
Fora de assentamentos precários (município do Rio de Janeiro) ²	66,7%		5,6%	22,7%	4,0%	1,0%
Rio de Janeiro (Município) ³	70,0%		3,0%	20,1%	6,6%	0,3%
Rio de Janeiro (Região Metropolitana) ³	64,6%		3,8%	24,7%	6,5%	0,4%
Brasil ³	66,7%		5,9%	18,1%	9,1%	0,2%

Fonte: ¹ Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

² IBGE - Censo Demográfico 2010, Banco Multidimensional de Estatísticas - BME.

³ IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - 2018.

Nota: no município do Rio de Janeiro, os assentamentos precários correspondem às favelas.

A localização geográfica dos imóveis que foram herdados de familiares coincide com as áreas de maior concentração de moradores nativos destas áreas, ou seja, daqueles nascidos nestes locais. No Vidigal, isto corresponde às partes mais baixas do morro (porção leste do mapa 46 e entorno da Avenida Presidente João Goulart). Na Pereira da Silva, estes imóveis são predominantes principalmente na parte oeste do morro e na Tavares Bastos, na porção central (Mapas 48 e 49). Na análise de predominâncias do Vidigal, observamos que a quantidade de imóveis próprios predomina sobre a quantidade de imóveis alugados em praticamente todas as áreas do morro. Imóveis alugados, por sua vez, são predominantes na porção central norte do Mapa 47 e em um trecho da “área do IPTU”. Trata-se de uma região bastante conflagrada e com confrontos armados constantes, mas acreditamos não ser possível afirmar a existência de relação entre segurança e predominância de imóveis para aluguel.

Mapa 46 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 47 - Predominância de condição de ocupação dos imóveis entrevistados por setor censitário

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 48 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 49 - Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com a condição de ocupação do imóvel – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Neste tipo de território ocupado seguindo o que Abramo chama de “lógica da necessidade”, é bastante comum o fracionamento domiciliar para se dividir uma mesma edificação na medida em que a família que ali habita vai se expandindo. Com isto, temos edificações de uso multifamiliar (onde habitam mais de um núcleo familiar) e que possuem alguma relação de parentesco entre si (família estendida: pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, etc.). Por outro lado, um tipo de fracionamento cada vez mais comum nestes espaços tem sido aquele que transforma edificações antes unifamiliares em multifamiliares ocupadas por pessoas que não possuem nenhuma relação de parentesco com a família que já vivia anteriormente naquele imóvel. Este tipo de fracionamento ocorre quando o proprietário pretende alugar ou vender parte da edificação, levando a uma condição de coabitação entre pessoas que não possuem nenhuma relação de parentesco entre si.

O modelo de contrato de aluguel entre inquilinos e proprietários de imóveis residenciais alugados é essencialmente verbal nas três áreas estudadas, repetindo um padrão também encontrado em outras favelas do Rio de Janeiro (ABRAMO, 2020). A taxa de imóveis residenciais alugados sem nenhum tipo de contrato escrito ou utilizando somente a prática do chamado “contrato de boca” oscila entre 67 e 83% dos imóveis residenciais alugados nas três áreas (Gráfico 44). Ao mesmo tempo em que este modelo de aluguel sem contrato escrito permite uma maior mobilidade para os inquilinos, também facilita processos de despejo por parte dos proprietários de imóveis locais, funcionando

como uma faca de dois gumes, ora trazendo segurança, ora representando riscos tanto para os locatários quanto para seus inquilinos.

Por outro lado, a flexibilidade possibilitada por um mercado de aluguel de imóveis cujo modelo de contrato é predominantemente verbal possibilita o acesso à moradia por aqueles que vivem em uma condição de precariedade profissional em postos de trabalho informais. A instabilidade no emprego emerge como um fator crucial na decisão de alugar um imóvel sem condições muito rígidas de locação para seus inquilinos. O que pode ser visto por um lado como uma forma precária de relação contratual entre inquilinos e proprietários é muitas vezes o que garante o acesso de determinados grupos sociais à moradia de aluguel. O predomínio deste formato essencialmente verbal de contrato de locação nestes espaços cumpre uma função importante na garantia de acesso à moradia para estes grupos ao mesmo tempo em que garante a eles a possibilidade de migrar de um imóvel a outro, adaptando-se em qualquer momento a possíveis reduções imprevistas na renda domiciliar destas famílias.

Gráfico 44 - Modelo de contrato entre inquilinos e proprietários de imóveis residenciais alugados

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

É preciso salientar que o Vidigal possui diferenças internas em termos de infraestrutura urbana, precariedade habitacional, segurança e acessibilidade muito mais complexas do que as outras duas áreas estudadas por esta pesquisa. Os dados acima mostram que não só o Vidigal e a Tavares Bastos possuem um percentual de imóveis alugados mais alto do que a Pereira da Silva e que a média de imóveis localizados em assentamentos precários do município do Rio de Janeiro como também os inquilinos de imóveis residenciais alugados nestas áreas (Vidigal e Tavares Bastos) transitam mais de um imóvel para outro dentro da própria favela. Enquanto 62% dos moradores que viviam

de aluguel no Vidigal e 46% na Tavares Bastos já haviam morado de aluguel em mais de um imóvel diferente dentro destas áreas, na Pereira da Silva este percentual é de 33% (Gráfico 45). No Vidigal, 41% dos moradores que viviam em imóveis alugados na data da entrevista já haviam vivido em pelo menos três ou quatro imóveis distintos dentro do morro (Gráfico 46). Nove por cento dos inquilinos locais já haviam vivido em mais de cinco imóveis diferentes. Este movimento migratório intra-favela é facilitado pelas condições pouco rígidas nos contratos de aluguel.

Gráfico 45 - Mobilidade intra-favela entre moradores de imóveis alugados nas áreas pesquisadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Gráfico 46 - Mobilidade intra-favela: número de imóveis diferentes alugados por um mesmo morador dentro da área estudada

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

De forma geral, as más condições e o tamanho dos imóveis alugados estão entre os motivos mais citados para justificar esta alta taxa de mobilidade de um imóvel para

outro dentro das três áreas estudadas (Gráfico 47). Este é um forte indicativo de o quanto a precariedade das condições de habitabilidade é um fator muito presente neste tipo de território e acabam ditando a formação de fluxos migratórios intra-favela. Na Pereira da Silva, a solicitação de imóvel pelo proprietário e a acessibilidade aparecem também como fatores mais citados dada a grande declividade do morro e a ausência de vias carroçáveis em seu interior. Por outro lado, enquanto o preço não é um fator determinante na mobilidade interna de moradores da Pereira da Silva, no Vidigal e na Tavares Bastos este fator aparece em 27 e 30% dos casos, respectivamente. A violência, por sua vez, é um fator pouco relevante para este fluxo nas áreas estudadas.

Gráfico 47 - Mobilidade intra-favela: motivos que levaram à mudança de um imóvel para outro dentro da mesma favela

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Os valores de aluguel de imóveis residenciais na Pereira da Silva na data de realização da nossa pesquisa se concentravam predominantemente na faixa de valores de R\$500,00 a R\$700,00 (Gráfico 48). No Vidigal e na Tavares Bastos, no entanto, os preços de aluguel se encontram mais distribuídos em todas as faixas de até R\$1.000,00. Nenhum dos imóveis alugados entrevistados pela nossa pesquisa na Pereira da Silva possuía um valor de aluguel mensal de até R\$500,00 e 22% destes imóveis eram alugados por valores que variam de R\$1.000 a R\$1.500,00, enquanto somente 6% dos imóveis do Vidigal e 8% da Tavares Bastos se encontravam nesta faixa de preço. O cálculo da média de todos os valores de aluguel (sem distinção de tipologia, tamanho ou localização) aponta para um valor médio sensivelmente mais baixo na Tavares Bastos quando comparado às outras duas áreas (Tabela 8). Apesar disto, o cálculo do percentual médio da renda domiciliar comprometida com o pagamento de aluguel na Tavares Bastos e Pereira da Silva é o mesmo: 26%, pois os moradores da Pereira da Silva possuem uma renda média mensal domiciliar um pouco mais elevada do que as outras áreas. No Vidigal, no entanto, o

percentual médio de renda domiciliar comprometida com o pagamento de aluguel é um pouco mais alto (31%).

Gráfico 48 – Valor de aluguel mensal de imóveis residenciais sem especificação de tipologia, tamanho ou localização por faixa de valores para as áreas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Tabela 8 - Valor médio de aluguel de imóvel residencial sem especificação de tipologia, tamanho ou localização para as áreas estudadas

	Valor médio de aluguel mensal de imóvel residencial (R\$) ¹	Relação entre o valor médio de aluguel mensal de imóvel residencial e o valor do salário mínimo vigente ²
Vidigal	839,22	0,88
Pereira da Silva	833,33	0,87
Tavares Bastos	705,83	0,74

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

¹ Média dos valores pagos para a amostra de imóveis residenciais alugados entrevistados sem especificação de tipologia, tamanho ou localização.

² Salário mínimo de referência: R\$954,00, vigente no segundo semestre de 2018.

No Vidigal, os domicílios entrevistados localizados em imóveis alugados e cujo valor pago pelo aluguel na data da pesquisa estavam entre as faixas mais elevadas (acima de R\$1.000,00 mensais) se encontram predominantemente nas partes baixas e nordeste do morro (área do IPTU)(Mapas 50 e 52). Ao mesmo tempo, há uma relativa predominância de imóveis com valor de aluguel mais baixos (até R\$500,00 mensais) nas porções centrais e mais densas e na parte alta do morro (porção sudoeste do Mapa 51). A relação entre densidade habitacional e preços baixos de aluguel pode ser observada

quando analisamos os Mapas 51 e 52 e verificamos a existência de uma mancha de alta densidade e de baixos valores de aluguel em quase toda a porção central do morro.

Na Pereira da Silva e Tavares Bastos, por outro lado, há uma relativa predominância de imóveis com valor de aluguel mais elevados na porção leste da Pereira da Silva (Mapa 53) e na porção central da Tavares Bastos (Mapa 54), o que coincide com as áreas de mais fácil acesso e de maior presença de imóveis de maior porte e qualidade.

Mapa 50 - Distribuição dos domicílios localizados em imóveis alugados de acordo com o valor pago pelo aluguel - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 51 - Delimitação de setores censitários e densidade populacional por setor censitário – Vidigal (hab/ha)

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em informações obtidas em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>.

Mapa 52 – Predominância de valor mensal pago pelo aluguel por setor censitário - Vidigal

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 53 - Distribuição dos domicílios localizados em imóveis alugados de acordo com o valor pago pelo aluguel – Pereira da Silva

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Mapa 54 - Distribuição dos domicílios localizados em imóveis alugados de acordo com o valor pago pelo aluguel – Tavares Bastos

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

É interessante notar que, em média, 36% dos imóveis residenciais alugados entrevistados por esta pesquisa possuem proprietários que vivem fora da favela onde

estes imóveis estão localizados (Gráfico 49). Na Pereira da Silva, este percentual chega a 44%. Isto indica que nas três áreas há um número relevante de imóveis residenciais para aluguel que é explorado por pessoas de fora do morro. Se construir nestas favelas pode ser uma alternativa de moradia bem localizada para muitos destes proprietários, manter um imóvel alugado nestes espaços também pode garantir uma renda e a saída destas pessoas do morro, com sua volta para cidades de origem ou mudança para outras áreas do Rio de Janeiro. Ter um imóvel próprio, que foi durante muito tempo uma forma de garantia de subsistência para parcela da população local, hoje é também um investimento com altos retornos financeiros para esta camada da população.

Gráfico 49 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) de imóveis residenciais alugados nas favelas estudadas

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Os dados sobre a presença de moradores não nativos em relação ao percentual de moradores nativos na Tavares Bastos indicam que esta favela passou por um processo de adensamento relativamente mais intenso do que o observado na Pereira da Silva e Vidigal. Nossos dados de caracterização das edificações locais parecem reforçar esta afirmação. Enquanto somente 18% das edificações da Pereira da Silva e 39% das do Vidigal possuem três andares ou mais, na Tavares Bastos 60% dos imóveis possuem ao menos três pavimentos (Gráfico 50). Enquanto a média do número de pavimentos locais é de 3 andares na Tavares Bastos, este valor é de 2 pavimentos tanto no Vidigal quanto na Pereira da Silva (Tabela 9).

Gráfico 50 - Número total de pavimentos do imóvel onde o domicílio entrevistado está localizado

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada pela autora em 2018 e 2019.

Tabela 9 - Média do número de pavimentos das edificações locais

	Média do número de pavimentos das edificações locais ¹
Vidigal	2
Pereira da Silva	2
Tavares Bastos	3

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada pela autora em 2018 e 2019.

¹Média de todas as edificações sem distinção de uso, localização ou tipologia.

Novas dinâmicas imobiliárias puderam ser observadas ao longo do nosso processo de pesquisa no período recente nas áreas estudadas. A implementação parcial do projeto de turistificação desenhado pelo alemão Rolf Glaser para o Vidigal começa a pressionar os preços dos imóveis locais para cima, processo que é posteriormente intensificado pela instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, no ano 2012. Pesquisa desenvolvida por Abramo (2012) aponta que o crescimento dos contratos de aluguel foi o impacto mais importante das UPPs sobre o mercado imobiliário informal das favelas que receberam estas unidades. O forte incremento nos preços imobiliários nestes locais logo após receberem a implementação de uma UPP foi uma das características de um fenômeno

novo nas favelas: uma população crescente com condição de ocupação domiciliar temporária e com menos segurança na sua condição de posse.

O aumento da oferta de imóveis para locação informal nestes espaços intensifica processos de verticalização e fracionamento domiciliar promovendo o que Abramo (2012) chamou de “precarização do precário”. Ao questionar onde moravam aqueles que passaram a ocupar estes novos imóveis para aluguel nas favelas, a pesquisa desenvolvida por este autor indica que a maior parte destas famílias já moravam na própria favela e que a pacificação leva a uma grande mobilidade dentro destes mesmos espaços. O que nosso estudo mostra é que, no Vidigal, há de fato um intenso movimento migratório intra-favela motivado principalmente pelos constantes aumentos nos preços dos aluguéis. Este movimento migratório só é possível por conta da dimensão de favelas como o Vidigal e de suas próprias desigualdades socioespaciais internas, que faz com que suas subregiões possuam uma grande variação de preços de aluguel entre si. Nossos dados apontam para a existência de um fluxo migratório intra-favela muito mais intenso no Vidigal do que nos casos de controle estudados por esta pesquisa (como mostramos nos Gráficos 44 e 45).

Por outro lado, nossa pesquisa mostra que além de um intenso fluxo intra-favela e casos de expulsão de moradores pressionados pela alta dos preços nos imóveis locais, o movimento mais relevante, no caso do Vidigal, foi a intensificação de um fluxo migratório formado por grupos de perfil socioeconômico distinto da média da população local que, atraídos pela melhoria nas condições de segurança, preço e vantagens locais, engrossam o já denso mercado informal de imóveis de aluguel neste morro. Há uma maior participação de pessoas vindas de outros bairros formais da cidade e da região metropolitana quando comparado à média da população que já vivia no Vidigal no período anterior à pacificação (que vinha principalmente de outros estados do país). O novo fluxo formado por moradores vindos de bairros formais da cidade é possivelmente também uma consequência da pressão ocasionada pela alta dos preços de aluguéis nos locais onde viviam estes grupos anteriormente. Esta população passa então a enxergar no Vidigal condições favoráveis de moradia após a sua pacificação.

O fim da primeira e início da segunda década do século XXI é marcado por um forte aquecimento do mercado imobiliário brasileiro em escala nacional. De janeiro de 2010 a março de 2012, cálculos realizados com base no índice FipeZap indicam uma variação de 43% no preço médio de venda de imóveis no Brasil (IPEA, 2012, p.7). No mesmo período, entre as regiões metropolitanas estudadas, a cidade do Rio de Janeiro foi a que apresentou a maior variação nestes preços, com um aumento de 168% no valor médio de venda de imóveis (idem, p.7). Alguns fatores como a queda da taxa de juros, a expansão do crédito direcionado ao setor imobiliário, o aquecimento do mercado de trabalho e a

elevação da renda média nacional ajudam a explicar a alta dos preços no setor imobiliário em escala nacional neste período. No Rio de Janeiro, os fatores acima citados somaram-se ainda ao momento de preparação desta cidade para o recebimento de grandes eventos de escala mundial, o que levou a um aumento de investimentos principalmente em infraestrutura viária e em políticas de segurança pública no período citado e a uma consequente hipervalorização de imóveis que se beneficiaram direta ou indiretamente destes investimentos.

Ou seja, se no período de recorte temporal desta pesquisa vivenciamos um processo generalizado de inflação nos preços imobiliários em escala nacional, a cidade do Rio de Janeiro vivencia, no mesmo período, um duplo processo de inflação em seus preços médios de compra, venda e aluguel de imóveis. As favelas que passam a receber investimentos dentro do programa de pacificação com a instalação de novas Unidades de Polícia Pacificadora em seus territórios vivenciaram, então, um processo ainda mais intenso de alta nos preços de seus imóveis. No Vidigal, este processo é ainda intensificado pelo início da implementação do projeto de turistificação anteriormente citado. Em análise realizada a partir de dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e portal ZAP Imóveis (índice FIPE / ZAP) em Bonamichi (2016) mostramos que o Vidigal apresentou um aumento acima de 500% no preço médio de venda de seus imóveis no período 2008-2015. No que se refere aos preços de aluguel, entre fevereiro de 2010 e setembro de 2015, foi registrado um aumento de cerca de 370% no preço médio de imóveis alugados neste local, percentual bastante superior a outros bairros formais da cidade. Em julho de 2015, o preço médio do aluguel (em R\$ por m²) no Vidigal era comparável ao de bairros como Copacabana, Leme, Urca e Jardim Botânico (BONAMICHI, 2016).

Apesar de já possuir um mercado imobiliário bastante dinâmico antes do processo de pacificação, a insegurança gerada pela presença de grupos armados ligados ao tráfico de drogas em áreas como o Vidigal reprimia parte do potencial do mercado imobiliário local. Com a instalação da UPP, o Vidigal passa então a suprir uma demanda existente por moradia bem localizada e preços relativamente baixos na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os benefícios de fatores como proximidade de postos de trabalho, preço e segurança ficaram mais evidentes após a instalação de unidades de pacificação nestes espaços e abriram uma nova fronteira de exploração para uma demanda já existente por moradia bem localizada e preços baixos.

Notamos que o período pós-pacificação no Vidigal é marcado pela intensificação de dois tipos distintos de fluxos migratórios: o primeiro, quantitativamente menos significativo e bastante pontual, mas que não pode ser negligenciado, é composto por grupos de poder

aquisitivo mais elevado e geralmente inseridos em um movimento que Janoschka (2009) chama de “lifestyle mobility” ou descritos por Quirion (2017) como “neofavelados”. O aumento da demanda por moradia no morro por este tipo de população levou alguns proprietários locais a restringirem o público para quem alugavam seus imóveis. Durante nosso processo de pesquisa, obtivemos alguns relatos de anúncios de imóveis a serem alugados “somente para estrangeiros” nos primeiros anos que seguiram a pacificação. A justificativa normalmente dada pelos proprietários que estabeleciam este tipo de restrição era de que os estrangeiros pagavam um valor mais alto pelo aluguel de seus imóveis quando comparados aos brasileiros. Por outro lado, se observamos a existência de imóveis alugados estritamente para estrangeiros, observamos também casos em que proprietários se negavam a alugar para este tipo de público sob a justificativa de serem “muito bagunceiros” e “só quererem festa”.

O segundo fluxo migratório que observamos durante a nossa pesquisa, por sua vez, parece ser um movimento quantitativamente mais representativo e formado por uma massa de trabalhadores de poder aquisitivo ligeiramente mais elevado que a média da população local e que passa a ocupar o crescente universo de imóveis para aluguel disponível no morro.

Os dados coletados pela nossa pesquisa mostram que uma parcela significativa dos imóveis residenciais alugados nas três áreas de estudo pertencem a pessoas que não vivem nestes locais. No Vidigal, 32% dos imóveis alugados entrevistados por esta pesquisa pertenciam a pessoas que viviam fora do morro. Entre os imóveis que já eram alugados antes da instalação da UPP local, em 2012, o percentual pertencente a pessoas que viviam fora do morro era ainda mais elevado: 42%. No entanto, entre os imóveis que passaram a ser alugados após a instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, o percentual de proprietários que viviam fora do morro é menor: 20%. O que estes dados parecem indicar é que o aumento da dinâmica de aluguel de imóveis no morro, que ocorre após a implementação da UPP local, é explorado e beneficia principalmente os próprios moradores deste espaço.

Nos últimos anos, observamos a inserção de novos formatos de transação imobiliária no Vidigal. Estas transações, antes essencialmente marcadas pelo contato direto entre locadores e locatários através de seus círculos de familiares ou redes de amigos e conhecidos, após a pacificação começam a também ser mediadas por um agente bastante comum nos bairros formais: as imobiliárias. Curiosamente, o “carioca baiano” morador do Vidigal que apresentamos no tópico 4.4 desta tese foi quem abriu a primeira imobiliária do morro (SILVA, 2018).

Apesar de já contar com um mercado imobiliário de compra, venda e aluguel bastante dinâmico já desde antes do período de recorte temporal desta pesquisa, podemos afirmar que figuras como a do alemão Rolf Glaser representam um novo movimento de exploração do mercado de imóveis local por agentes externos e de alto poder aquisitivo. Glaser e Gerônimo emergem como importantes incorporadores imobiliários do mercado informal deste território. No período recente, o mercado imobiliário local passa a ser explorado também por novos tipos de agentes notadamente voltados para a realização de elevadas rentabilidades em suas transações imobiliárias. Esta figura do incorporador de alto poder aquisitivo não substitui, mas coexiste com a figura do morador local, de baixo poder aquisitivo, que também explora o mercado imobiliário local na busca por um incremento em sua renda familiar.

O crime organizado, por sua vez, apresenta padrões de atuação distintos em cada área. No Vidigal, não podemos afirmar a participação deste tipo de agente no mercado imobiliário local antes da implementação da UPP, mas podemos notar que após este período este grupo passa a investir na construção e no aluguel de imóveis que podem ser considerados de alto padrão para a média das edificações locais. Um dos prédios de melhor padrão construtivo e mais altos do Vidigal foi construído recentemente por este grupo de agentes para a exploração da renda do aluguel de seus apartamentos.

O tipo de uso predominante nas edificações do Vidigal pode variar de acordo com a sua localização. Ao longo da Avenida Presidente João Goulart, principal via de acesso que corta todo o morro e vai da parte baixa até o alto da favela, é muito comum a presença de imóveis de uso misto, com espaços comerciais no andar térreo e residenciais próprios ou alugados nos andares superiores. Nas demais áreas do morro são mais comuns as edificações de uso estritamente residencial, mas que abrigam mais de um domicílio. Estes domicílios ora são ocupados por pessoas que possuem alguma relação de parentesco entre si (famílias estendidas: pais e a família dos filhos que cresceram e se casaram, por exemplo) ou grupos que não possuem relação familiar uns com os outros.

Este modelo predominante de imóvel residencial multifamiliar com um formato de aluguel com pagamento mensal passa a dividir espaço com outros formatos de aluguel, que começam a ser mais comuns após a pacificação e o aumento da demanda por moradia ou estadia temporária no morro. Muitos moradores passam também a alugar cômodos de suas casas em um formato de diárias ou por temporada e a transformar suas residências em albergues com quartos coletivos na tentativa de incrementar sua renda diante desta nova demanda que emerge no período pós-pacificação.

Observamos diferenças significativas entre a condição de ocupação dos imóveis ocupados por aqueles que já viviam no morro antes de 2012 e aqueles que passaram a

viver no local após este período. Enquanto 20% dos moradores que já viviam no morro antes de 2012 moravam de aluguel, esta taxa passa para 81% quando analisamos os moradores que passaram a viver no local após este período (Gráfico 51). Estes dados indicam que o mercado imobiliário do Vidigal acompanha uma tendência também verificada em outras favelas do Rio de Janeiro. De 2002 a 2011, há um crescimento constante na participação relativa de transações de aluguel quando comparadas ao número de transações de compra e venda de imóveis neste tipo de assentamento popular. Neste período, o percentual de transações de aluguel em favelas passou de 48% em 2002 para 79% em 2011 (ABRAMO, 2020).

Gráfico 51 – Condição de ocupação do imóvel de acordo com o tempo de moradia do responsável pelo domicílio no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Na tentativa de compreender melhor quem são os agentes por trás da exploração da renda do mercado de aluguel de imóveis residenciais no Vidigal, investigamos também se os proprietários dos imóveis alugados eram também moradores do Vidigal ou viviam fora do morro. Separamos os dados resultantes da resposta a esta pergunta de acordo com o tempo de moradia do inquilino que vivia no imóvel alugado. Com isto, observamos que os imóveis alugados por pessoas que passaram a viver no Vidigal após o período de pacificação têm como proprietários principalmente moradores do próprio Vidigal. Enquanto 76% dos imóveis residenciais alugados por aqueles que passaram a viver no morro no período mais recente pertencem a outros moradores locais, 55% dos imóveis ocupados há mais tempo pertencem a estes moradores (Gráfico 52). Surpreende o percentual de inquilinos que afirmaram viver em imóveis cujo proprietário não mora no Vidigal (42% dos inquilinos que já viviam no morro antes da pacificação e 20% dos que passaram a viver após a instalação da UPP local).

Uma hipótese que pode ser levantada a partir de nossas observações durante a pesquisa qualitativa de campo é que o alto percentual de imóveis pertencentes a pessoas que vivem fora do morro pode ser explicado pela emigração de antigos moradores locais, principalmente migrantes nordestinos que um dia fizeram o movimento de vinda de regiões do nordeste para o Vidigal e posteriormente retornaram para suas cidades natais deixando seus imóveis para aluguel. Foram muitos os relatos de imóveis para aluguel pertencentes a antigos moradores migrantes que retornaram para suas terra natal ou se aposentaram e mudaram para cidades menores no litoral do estado Rio de Janeiro.

Gráfico 52 - Local de moradia do(a) proprietário(a) do imóvel alugado de acordo com o tempo de moradia de seu inquilino no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

A mobilidade intra-favela é maior entre os inquilinos que já viviam no Vidigal desde antes da pacificação do morro (Gráfico 53), o que é natural visto que estes moradores estão há mais tempo vivendo neste local. 70% dos inquilinos que já viviam no morro antes da instalação da UPP já haviam morado em pelo menos dois imóveis diferentes dentro do morro. Destes 70%, 28% já haviam morado em pelo menos três imóveis diferentes e 13% já haviam morado em mais de cinco imóveis diferentes (Gráfico 54). Por outro lado, apesar de a mobilidade intra-favela entre os moradores mais recentes ser relativamente menor, ainda é bastante alta se considerarmos que 50% dos novos moradores já viveram em pelo menos dois imóveis diferentes dentro do morro. Destes 50%, 21% já haviam morado em pelo menos três imóveis diferentes e 23% em pelo menos quatro imóveis diferentes.

Gráfico 53 - Mobilidade intra-favela entre inquilinos de acordo com o tempo de moradia no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Gráfico 54 - Número total de imóveis que já morou de aluguel no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Os dados computados no Gráfico 55 nos mostra que os moradores que já viviam no morro antes da pacificação se mudam mais em função da questão preço enquanto os moradores que passam a morar no morro após a instalação da UPP local são mais motivados pelas questões acessibilidade e más condições do imóvel para se mudar de um imóvel para outro dentro do próprio Vidigal. Isto pode indicar que o aumento dos preços de aluguel que ocorre após a pacificação do morro pode ter pressionado mais os moradores que já viviam neste local e levado a uma intensificação do movimento de migração dentro da própria favela.

Gráfico 55 – Motivos que levaram à mudança de um imóvel para outro dentro da mesma favela de acordo com o tempo de moradia no Vidigal

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

No gráfico abaixo, comparamos o percentual de edificações de uso unifamiliar, multifamiliar ocupadas por pessoas com alguma relação de parentesco entre si e multifamiliar ocupadas por pessoas sem relação de parentesco entre si. O que notamos é que diminui o percentual de edificações ocupadas por mais de um domicílio onde vivem pessoas com algum grau de parentesco entre si e aumenta o percentual de edificações com mais de um domicílio ocupados por pessoas sem nenhuma relação de parentesco.

Gráfico 56 – Tipo de uso da edificação onde o domicílio está localizado de acordo com o tempo de moradia de seu responsável no Vidigal

Da mesma forma, notamos algumas pequenas diferenças nas tipologias edilícias ocupadas por aqueles que já viviam no Vidigal no período pré-pacificação e aqueles que passaram a viver no período mais recente. No gráfico abaixo, vemos que é um pouco mais

elevado o percentual de moradores vivendo em kitnets, hostels / pensões ou apartamentos localizados em prédios de mais de quatro andares entre os moradores mais recentes.

Gráfico 57 – Tipologia edilícia onde o domicílio está localizado de acordo com o tempo de moradia de seu responsável no Vidigal

Abramo (2020), ao analisar as novas dinâmicas do mercado imobiliário informal popular em favelas do Rio de Janeiro, propõe a adoção de dois conceitos: “informalidade clássica” e “nova informalidade urbana”. A informalidade clássica, segundo o pesquisador, caracterizaria um processo de ocupação do solo e a consequente consolidação da auto-urbanização deste território através da auto-construção com coabitação sem ônus. A nova informalidade urbana, por outro lado, marca um período pós-consolidação destes assentamentos e a emergência de um novo mercado informal do solo nestes espaços. A nova informalidade inclui novos formatos de mercantilização do solo em áreas já densamente ocupadas e urbanizadas. Diferentemente do que Abramo chama de informalidade clássica, não envolve novos processos de ocupação do solo e expansão urbana. Nestas condições, o mercado informal (dentro do qual se destacam as transações de aluguel de imóveis) se transforma no principal vetor de acesso ao solo urbano nos setores populares.

Por outro lado, se nossa pesquisa aponta que o mercado imobiliário do Vidigal passou por um processo de intensificação de suas dinâmicas no período pós-pacificação, uma retração neste fenômeno passa a ser observada principalmente após o ano de 2016. Alguns fatores, que serão discutidos nos tópicos que seguem, podem nos ajudar a compreender este processo.

5.2 Morfologias arquitetônicas: a favela raiz e a nova estética da favela

Neste tópico, aprofundamos o debate em torno dos impactos observados durante o período de megaeventos sobre o espaço construído na escala do lugar. Mais especificamente, falaremos aqui dos impactos sobre um lugar específico da favela do Vidigal: o “Arvrão”. O nome desta região específica do morro, localizada no topo do Vidigal, decorre da existência de uma imponente árvore de grande porte e que marca a paisagem local. Consulta realizada por Novaes (2017, p.157-158) a engenheiros do Posto de Orientação Urbanística e Social da Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro (POUSO / SMH), apontou que o Arvrão era a área da favela do Vidigal que concentrava mais pedidos de regularização de obras naquele ano e onde também se encontrava o maior número de estabelecimentos de empreendedores externos ao morro e de alto poder aquisitivo.

O processo de transformação pelo qual passou o Arvrão no período recente é marcado por uma série de conflitos fundiários em torno da posse de algumas áreas e de casos de invasões de áreas públicas antes pertencentes à comunidade. Um destes conflitos foi bastante divulgado pela grande mídia local, que narrou as disputas em torno do direito de posse da área onde foi instalado o hostel Alto Vidigal pelo austríaco Andreas Wieling e que antes havia pertencido ao alemão Rolf Glaser. Depois de Wieling construir o albergue e começar a ficar famoso pelas festas noturnas no Vidigal, Glaser passou a reivindicar a propriedade da área que, segundo ele, havia sido vendida sem a sua autorização para o austríaco. Outras propriedades antes pertencentes ao alemão e que teriam sido vendidas por ele no ano de 2010 também foram reivindicadas sem sucesso após a pacificação (REBELLO, 2012).

Aqui, procuramos aprofundar o debate sobre a relação das transformações socioespaciais observadas na região do Arvrão com o período de megaeventos. De que forma a emergência da cidade do Rio de Janeiro como sede de uma série de eventos de grande porte pode causar impactos socioespaciais em lugares específicos dentro de territórios populares? Os impactos espaciais relacionados ao período de megaeventos ocorrem em múltiplas escalas geográficas. Aqui, vamos ao encontro do que defende Gaffney (2016), quando diz que o processo de preparação das cidades sede para o recebimento de megaeventos esportivos levam à formação do que ele chamou de uma “geografia olímpica”, que se desdobra na forma de leis, normas, códigos, fronteiras, disciplinas próprias e pelo desenvolvimento de projetos de infraestrutura que culminam em drásticos impactos socioespaciais nas cidades e países sede que recebem estes eventos. No entanto, podemos afirmar que a transformação do Arvrão em um novo polo de turismo

de entretenimento possui relação direta com o período que a cidade vivia? Se sim, estas transformações permanecem ainda com o fim da chamada “década dos megaeventos”?

A realização de megaeventos esportivos como os jogos olímpicos trazem consigo um amplo conjunto de intervenções urbanísticas preestabelecidas pelas exigências do Comitê Olímpico Internacional (COI), levando as cidades sede a implementarem uma série de intervenções dentro do que Muñoz (1996, apud Mascarenhas, 2014) chama de um projeto de “urbanismo olímpico”, causando drásticos impactos sobre os espaços urbanos destes territórios. O que defendemos aqui é que as transformações na paisagem construída do Arvrão não ocorrem como um reflexo direto deste “urbanismo olímpico” na medida em que não são um resultado direto de obras públicas notadamente direcionadas para a preparação da cidade para o recebimento dos grandes eventos acima citados. No entanto, o que defendemos nesta tese é que o período de megaeventos leva a um novo ciclo de turistificação de espaços populares, como o Vidigal, e à atração de investidores de alto poder aquisitivo para estes espaços diante da melhoria dos índices de segurança trazidos pela instalação das UPPs. Neste sentido, arriscamos afirmar que as transformações pelas quais passou a região do Arvrão no período de recorte cronológico desta pesquisa ocorrem como um reflexo indireto do momento de preparação Rio cidade sede. Somado a isto, as transformações socioespaciais observadas no Arvrão ganham uma dimensão simbólica importante por representarem a transformação de um espaço popular historicamente utilizado como campo de extermínio por grupos ligados ao tráfico em um território de disputa entre investidores externos diante das potencialidades turística deste local.

No ano de 2003, o Vidigal passou por um dos períodos mais violentos da sua história. Uma guerra entre o comando do tráfico local contra o comando da Rocinha deixou um rastro de medo. Foram quase três anos de confrontos intensos. Os preços dos imóveis despencaram e não era difícil comprar um barraco com valores em torno de R\$2 mil. Alguns anos depois, a intensidade dos confrontos armados havia diminuído, mas o comando do tráfico no morro ainda era exercido por traficantes ostensivamente armados.

A chegada de Rolf Glaser, em 2008, aos poucos causou uma revolução no mercado imobiliário local. Barracos antes avaliados em cerca de R\$5 mil foram arrematados por valores três ou quatro vezes mais altos pelo alemão. Rolf chegou comprando toda a favela. Se não comprou, ao menos deu um lance. Durante a pesquisa de campo deste trabalho, não foram poucos os moradores que afirmaram ter recebido ofertas acima do valor de mercado “pelo tal alemão que chegou comprando tudo”. Muitos destes moradores se recusaram a vender, seja pelo valor sentimental de seus imóveis seja

por acreditarem que não conseguiriam adquirir outro imóvel que unisse a localização privilegiada e os preços do Vidigal.

O projeto de Rolf para o Vidigal inicia um processo que seria depois intensificado com a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora do Vidigal, em fevereiro de 2012. A presença do alemão no morro foi responsável por impulsionar os preços imobiliários para cima e por chamar a atenção de muita gente sobre o potencial turístico e de negócios do Vidigal. Rolf Glaser foi um dos agentes responsáveis por inaugurar um novo movimento especulativo local. A instalação da UPP e o momento de *boom* turístico pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro por conta da iminência dos grandes eventos esportivos Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas 2016 foram extremamente importantes para consolidar o Vidigal como um destino turístico promissor, mas Rolf também teve um papel fundamental na emergência deste como um novo território de negócios de entretenimento apoiados em uma certa “estética da favela”, mas que se voltam para um público externo a ela.

O Arvrão, onde Glaser começa sua empreitada de investimentos, foi a área que mais sofreu impactos com todo este processo. Este espaço passou por intensa ressignificação. A análise das transformações na paisagem construída desta região específica nos mostra que o processo pelo qual passou esta área - principalmente no período pós 2008 - é marcado pela substituição de edificações de uso residencial com um padrão construtivo típico de assentamentos precários (como a autoconstrução e a precariedade de materiais construtivos) por novas edificações marcadas por uma mistura de elementos arquitetônicos e construtivos predominantes nestes espaços, mas com um certo ar de sofisticação.

Os grafites nas paredes da Casa Alto Vidigal e a laje com mobiliário feito com material reutilizado trazem um ar *cool* e descolado. Da mesma forma, a escola de arte construída pelo artista plástico Vick Muniz, com suas paredes de bloco cerâmico aparente, tenta inserir um novo edifício moderno sem contrastar com o padrão construtivo do entorno. As paredes de vidro da casa de vidro e os sofisticados quartos do Hotel Boutique Mirante do Arvrão, por sua vez, são a antítese da favela, com seus barracos de paredes opacas com poucas aberturas e pouca luz. O novo padrão construtivo trago pelas edificações instaladas na região do Arvrão representa uma tentativa de “sofisticar a favela” e “favelizar” o sofisticado.

Figura 25 - Antigo imóvel localizado onde hoje fica a Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista superior)

Fonte: Acervo pessoal de Gerônimo Silva cedido para a autora.

Figura 26 - Antigo imóvel localizado onde hoje fica a Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista inferior)

Fonte: Acervo pessoal de Gerônimo Silva cedido para a autora.

Figura 27 - Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista superior)

Fonte: <https://casavogue.globo.com/Casa-Vogue-Experience/noticia/2017/10/conheca-escola-vidigal-idealizada-por-vik-muniz.html>

Figura 28 - Escola Vidigal, fundada pelo artista plástico Vik Muniz (vista inferior)

Fonte: <https://casavogue.globo.com/Casa-Vogue-Experience/noticia/2017/10/conheca-escola-vidigal-idealizada-por-vik-muniz.html>

Figura 29 - Imóvel localizado onde hoje fica o Bar da Laje

Fonte: Acervo pessoal de Gerônimo Silva cedido para a autora.

Figura 30 - Imóvel localizado onde hoje é a Casa Alto Vidigal

Fonte: Acervo pessoal de Gerônimo Silva cedido para a autora.

Figura 31 - Entrada do Bar da Laje

Fonte: Site oficial do Bar da Laje.

Figura 32 - Fachada do Alto Vidigal Guesthouse e o austríaco Andreas Wielend, seu fundador.

Fonte: Jornal O Globo.

Figura 33 - Fachada da Alto Vidigal Guesthouse

Fonte: <https://eatrio.net/tag/casa-alto-vidigal>

Figura 34 - Antigos imóveis localizados onde hoje se encontram o Bar da Laje e Alto Vidigal

Fonte: Acervo pessoal de Gerônimo Silva cedido para a autora.

Figura 35 - Bar da Laje

Fonte: Site oficial do Bar da Laje.

Figura 36 - Antigo Alto Vidigal Guest House, hoje Bar 180° Alto Vidigal

Fonte: Site oficial do Bar 180° Alto Vidigal.

Figura 37 - Antigo Alto Vidigal Guest House, hoje Bar 180° Alto Vidigal

Fonte: Site oficial do Bar 180° Alto Vidigal.

Figura 38 - Hotel Boutique Mirante do Arvrão

Fonte: Booking.com

Figura 39 - Hotel Boutique Mirante do Arvrão

Fonte: Booking.com

Figura 40 - Construção da Casa de Vidro, antiga produtora de vídeos e hoje casa de aluguel por temporada localizada no Arvrão

Fonte: Pagina oficial da Casa de Vidro.

Figura 41 - Construção da Casa de Vidro, antiga produtora de vídeos e hoje casa de aluguel por temporada localizada no Arvrão

Fonte: Pagina oficial da Casa de Vidro.

Figura 42 – Interior da Casa de Vidro

Fonte: Pagina oficial da Casa de Vidro.

Figura 43 – Interior da Casa de Vidro

Fonte: Pagina oficial da Casa de Vidro.

Não é possível quantificar e nem mapear os movimentos migratórios influenciados pela instalação da UPP Vidigal Chácara do Céu. No entanto, relatos obtidos ao longo de nossa pesquisa apontam que as transformações pelas quais passou a região do Arvrão no período pós 2008 resultaram ao mesmo tempo na expulsão de moradores para fora do Vidigal, mas também em um movimento de "expulsão interna", um deslocamento intra-favela possibilitado pela existência de um estoque imobiliário extremamente heterogêneo dentro do próprio morro. Ao mesmo tempo em que a região do Arvrão passava por um processo de valorização nos preços de seus imóveis, outras áreas permaneciam ainda acessíveis aos moradores que desejavam permanecer nesta favela. No Vidigal, os preços dos imóveis são ditados principalmente pela localização, mas também se o imóvel possui ou não vista para o mar. A vista para o mar é o trunfo das favelas localizadas nas encostas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Como já colocado anteriormente, com a desistência de Rolf de levar seu projeto adiante, o austríaco Andreas Wieleng foi o primeiro a se interessar ao saber que havia um alemão se desfazendo de imóveis que havia comprado no Vidigal. No final de 2009,

Wieleng compra o que se tornaria depois a Casa Alto Vidigal, um dos primeiros hostels e espaço de festas do Arvrão (retomar Figuras 32 e 33). Ao mesmo tempo, o arquiteto Helio Pellegrino (Figura 44), que havia se tornado um dos braços do alemão no projeto Vidigal Feliz, assumiu para si a missão de levar adiante o plano de construir um hotel no alto do morro. Pellegrino foi quem comprou um dos terrenos que havia pertencido a Rolf. Posteriormente, ele se juntou ao empresário Antônio Rodrigues, dono da rede de botecos “Belmonte”, para construir o que hoje é o Hotel Boutique³⁵ Mirante do Arvrão e o que foi a primeira filial da rede Belmonte em uma favela do Rio de Janeiro. Após alguns anos aberto, Antônio Rodrigues desistiu da sociedade e o bar passou a ser comandado também por Pellegrino.

Figura 44 - Arquiteto e artista plástico Helio Pellegrino na laje onde seria o então Hotel Boutique Mirante do Arvrão

Fonte: Jornal O Globo de 25 de junho de 2017.

Alguns dos terrenos que antes pertenciam a Rolf foram vendidos para investidores com a expectativa de consolidação do Vidigal como a nova “favela cool” do Rio de Janeiro. Outros terrenos foram simplesmente doados à Associação de Moradores ou vendidos a baixos preços para os locais. A instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu trouxe ainda mais expectativas sobre o potencial turístico do local e chamou a atenção de novos investidores. Os imóveis do Arvrão logo atraíram novos interessados, os empresários Marcos e Gilda Brandão foram dois deles. Juntos, mãe e filho abriram o Bar da Laje, um dos bares mais famosos do morro, que fica ao lado da Casa Alto Vidigal (retomar figuras 31 e 35).

³⁵ Hotéis boutiques são caracterizados por sua estrutura arquitetônica de pequena escala que se contrapõe aos megaempreendimentos hoteleiros direcionados ao turismo de massa.

Entre os estabelecimentos que se instalaram no Arvrão no período pós 2008, o principal produto comercializado é a experiência da festa, do samba e da feijoada com a vista e a vivência da favela. Neste aspecto, vamos ao encontro ao que defende Mascarenhas (2014, p.56) quando diz que o turismo acopla identidades culturais aos lugares, vendendo “etnicidades” e tradições locais. Assim, lugares historicamente utilizados para usos distintos “adquirem qualidades materiais” e “valor simbólico”.

Arriscamos afirmar que o Arvrão foi a única área dentro de um assentamento precário do Rio de Janeiro cujas transformações ocorridas durante o período de megaeventos levou à formação do que chamaremos aqui de um “micro cluster” de turismo de entretenimento. Um cluster é formado por um grupo de empresas / negócios interconectados, situados em proximidade geográfica, e que trabalham em setores similares. Um cluster pode envolver desde regiões a cidades ou países vizinhos. Apesar da escala pequena, a proximidade geográfica e as similaridades entre os estabelecimentos de turismo de entretenimento que passaram a ser instalados nesta região no período citado, a nosso ver, podem configurar um pequeno cluster turístico.

Apesar de outras favelas (principalmente aquelas localizadas na zona sul da cidade) terem também recebido aportes de investidores externos nos ramos da hotelaria, restaurantes, bares e entretenimento, o Vidigal foi a única favela que teve uma região inteira reconfigurada e ressignificada por este processo. A transformação socioespacial pelo qual passou o Arvrão emerge como um reflexo do que Mullins (1991 apud Mascarenhas, 2014, p.62) chamou de “urbanização turística”, ou a formação / transformação de redutos espaciais para o consumo turístico. Este processo levou o Arvrão a uma transformação que permanece mesmo após o fim do período de megaeventos.

5.3 Conclusões parciais

Neste capítulo, mostramos que tanto o Vidigal quanto a Tavares Bastos possuem um forte mercado de aluguel de imóveis residenciais (cerca de 10% mais imóveis para aluguel do que a média dos assentamentos precários do Rio de Janeiro). O que caracteriza este mercado de aluguel é principalmente a informalidade das transações contratuais (predominância de contratos verbais) e a alta mobilidade intra-favela de seus inquilinos.

A análise da distribuição geográfica dos imóveis alugados de acordo com seu valor de aluguel indica uma tendência de localização de imóveis com aluguel mais elevado nas áreas de mais fácil acesso e melhor infraestrutura urbana nas três áreas estudadas. No

Vidigal, há também uma forte relação entre segurança e preços de aluguel, tendo os imóveis localizados em áreas de maior instabilidade e maior ocorrência de confrontos armados preços de aluguel mais baixos.

O que observamos ao longo do nosso trabalho de pesquisa é que tanto a instalação do centro de treinamento do BOPE na Tavares Bastos (2000) quanto a instalação da UPP no Vidigal (2012) foram pontos de inflexão importantes para a dinâmica imobiliária nestes territórios. Para reforçar esta afirmação, relembramos aqui o trabalho de Abramo (2012), que aponta que o crescimento dos contratos de aluguel foi o impacto mais importante das UPPs sobre o mercado imobiliário informal das favelas que receberam estas unidades. Segundo relatos dos próprios moradores, tanto a instalação do BOPE na Tavares Bastos quanto a instalação da UPP no Vidigal foram seguidos por um forte aumento no volume de transações de compra e venda e de aluguel de imóveis nestes espaços. Na Tavares Bastos, os impactos de vinte anos de presença do BOPE no mercado imobiliário desta favela pode ser percebido pela densidade construtiva que esta favela possui hoje, sendo a área com nível de verticalização e número médio de pavimentos mais alto entre as três estudadas pela pesquisa (retomar Gráfico 49 e Tabela 9).

Mostramos neste capítulo que as áreas pacificadas no período de recorte temporal desta pesquisa passaram por um duplo processo de inflação nos preços de seus imóveis, primeiro pela alta geral experimentada pelo mercado imobiliário nacional como um todo, segundo pela melhoria dos índices de segurança pública imediatamente após a implementação das UPPs nestes espaços. No Vidigal, a instalação da UPP local, em 2012, levou não só a um aumento no volume de transações imobiliárias neste espaço como ao encarecimento dos preços de compra e venda e aluguel de imóveis (BONAMICHI, 2016). Entre os moradores locais que responderam à nossa pesquisa e que viviam de aluguel na data da implementação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, 60% afirmaram ter passado por um aumento nos preços pagos pelo seu aluguel imediatamente após a instalação da UPP.

Esta dinamização no mercado imobiliário do Vidigal é impulsionada principalmente pelo aumento na procura pelo aluguel de imóveis (81% dos moradores que se mudaram para local após 2012 viviam de aluguel, contra 20% dos que já viviam no morro antes disto, como mostramos no Gráfico 50). O aumento dos preços praticados no aluguel de imóveis ocorre paralelamente a um movimento de chegada de grupos de perfil socioeconômico um pouco distinto da média da população que já vivia no Vidigal no período pré-pacificação, como mostramos no Capítulo 2 desta tese.

Ao mesmo tempo, apesar de os contratos de aluguel permanecerem essencialmente verbais no período pós-pacificação, observamos a inserção de novos formatos de transações imobiliárias com a abertura da primeira imobiliária do Vidigal

(SILVA, 2018). Mostramos aqui que os imóveis alugados no período pós-pacificação têm como proprietários principalmente Vidigalenses. No entanto, a figura do morador local que explora o potencial rentista do mercado imobiliário do morro coexiste com novos agentes externos que passam a investir em imóveis no local, como é o caso do alemão Rolf Glaser, do austríaco Andreas, do arquiteto Helio Pelegrino entre outros. Não podemos afirmar que esta dinamização no mercado imobiliário local levou o morro à transformações urbanísticas significativa de maneira geral, mas podemos dizer que este processo causou um impacto drástico na paisagem construtiva da região conhecida como Arvrão, como mostramos nas imagens presentes no tópico 5.2 desta tese.

CAPÍTULO 6 – FAVELA PÓS-OLÍMPICA (2016-2018)

No capítulo 2 desta tese mostramos que os moradores que passaram a procurar o Vidigal como local de moradia após a implementação da UPP local apresentam algumas diferenças de perfil em quesitos como cor/raça, escolaridade, renda e último local de moradia quando comparados aos moradores que já viviam no Vidigal antes deste período. No entanto, se aprofundarmos ainda mais a análise dos dados levantados por nossa pesquisa, separando os moradores não nativos que já viviam no Vidigal no período pré-2012, os que passaram a morar no período de quatro anos que seguem a pacificação (2012-2016) e aqueles que passaram a morar no período mais recente (2016-2018), observamos novamente algumas divergências de perfil socioeconômico entre estes três grupos de moradores. Nosso levantamento aponta para uma queda na renda média e uma alteração nos fluxos migratórios predominantes no período de dois anos antes da realização desta pesquisa (período de 2016 a 2018). A população que passou a morar no morro neste período possui uma renda sensivelmente mais baixa do que a renda média local, ao mesmo tempo em que há um aumento do percentual de moradores vindos de outras favelas. Além disto, há uma redução no fluxo de moradores que saíram de outros bairros formais da cidade à procura de moradia no Vidigal. Quando analisamos os motivos para ter procurado o Vidigal como local de moradia declarados pelos moradores que se mudaram para o Vidigal no período 2016-2018, percebemos que volta a crescer o percentual daqueles que se mudaram movidos por questões familiares (36%) e trabalho (30%). Os novos fluxos observados no período pós 2016 foram acompanhados por uma queda nos preços de aluguel / compra e venda de imóveis e pelo aumento do número de imóveis vagos no morro.

O que podemos observar com estes dados é que, apesar de o novo fluxo migratório que passa a ser observado no período pós 2012 em direção ao Vidigal representar apenas 15% da população que vivia no morro em 2018, o que ele aponta é que começa a se configurar um novo mercado de moradia de aluguel no local, atraindo moradores de áreas distintas do Rio de Janeiro que apresentavam um perfil socioeconômico diverso da média da população local. Por outro lado, tanto este novo fluxo migratório observado quanto o movimento de abertura de novos estabelecimentos ligados ao setor de hospedagem parecem ser interrompidos ou estagnados em função de fatores como a crise da segurança pública do Rio de Janeiro, a troca do comando do tráfico local, o fim dos megaeventos esportivos e a crise político econômica brasileira, que se intensifica principalmente no período pós 2015. Estes são alguns dos fatores que podem ter contribuído para uma reorganização das novas dinâmicas sociodemográficas, econômicas e imobiliárias observadas no Vidigal no período 2012-2016.

6.1 Reorganização de dinâmicas demográficas e econômicas

Com o objetivo de compreender melhor as dinâmicas demográficas e econômicas das áreas estudadas por esta pesquisa no período recente, avaliamos de forma comparativa o perfil socioeconômico das populações destes locais e suas dinâmicas econômicas considerando também outros dois marcos temporais: 2014 e 2016. A escolha dos marcos temporais acima se deu em função da realização de dois dos maiores eventos que encerram a chamada “década dos megaeventos” na cidade do Rio de Janeiro: Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas 2016. Ao inserir estes dois novos marcos temporais como variável para análise, o que observamos é que o período que procede a pacificação do Vidigal (pós 2012) e que leva à formação de novas dinâmicas demográficas e comerciais neste território, como apontado nos primeiros tópicos deste capítulo, pode ser fragmentado em dois períodos: 2012-2016 e pós 2016 (2016-2018).

As novas dinâmicas demográficas e econômicas observadas durante esta pesquisa no Vidigal se iniciam principalmente no período pós-pacificação, mas perdem força no período que aqui chamamos de “pós-olímpico” (2016-2018). A fragmentação dos dados analisados considerando os dois novos marcos temporais 2014 e 2016 nos mostrou que o período pós-olímpico é marcado pelo que parece ser o início de uma reorganização de dinâmicas demográficas e econômicas iniciadas no período pós-pacificação (2012) e que se estendem principalmente até 2016, ano que fecha o período de megaeventos do Rio de Janeiro.

A comparação de dados sobre cor e raça da população que já vivia no Vidigal no período pré-pacificação e aquela que passa a procurar o morro como local de moradia após este período nos mostrou que os moradores que se mudaram para o Vidigal no período mais recente são mais brancos e menos pretos e pardos do que a média da população que já vivia neste espaço. Por outro lado, quando fragmentamos ainda mais estes dados inserindo os novos marcos temporais 2014 e 2016, o que percebemos é que aqueles que se mudam para o Vidigal no período pós 2016 apresentam um perfil de cor e raça mais semelhante à média da população que já vivia no local antes da pacificação (Gráfico 58). Enquanto os moradores que se mudaram para o local no período 2012-2016 são 75% brancos e 23% pretos ou pardos, os moradores que vão em direção ao morro no período 2016-2018 são 55% brancos e 45% pretos ou pardos, um perfil mais próximo dos moradores que já viviam desde antes da pacificação (48% brancos e 51% pretos ou pardos).

Gráfico 58 - Cor e raça de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

A análise de dados sobre renda média mensal dos entrevistados também aponta para uma renda sensivelmente mais alta entre aqueles que se mudaram para o Vidigal no período 2012-2016 (Gráfico 59). Novamente, quando olhamos para o período pós 2016, esta renda volta a cair e se aproximar da renda média nominal mensal dos moradores que já viviam neste espaço no período pré-pacificação.

Gráfico 59 - Renda média nominal de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Para análise dos dados sobre naturalidade, consideramos somente aqueles não nativos do morro, ou seja, aqueles que não nasceram no local. O percentual de migrantes naturais de outros estados do país cai consideravelmente entre os moradores que passaram a morar no morro no período 2012-2016 e se mantém a uma taxa semelhante

entre os que se mudaram para o Vidigal no período 2016-2018 (Gráfico 60). Por outro lado, entre os moradores que procuraram esta favela como local de moradia no período 2012-2016, é mais expressiva a participação de indivíduos naturais de outros bairros e favelas da cidade do Rio de Janeiro (48%). A presença de moradores naturais de outros bairros e favelas volta a cair no período pós 2016, mas ainda se mantém mais alta quando comparada àqueles moradores que já viviam no local no período pré pacificação (36% no período pós 2016 contra 24% no período pré 2012).

Gráfico 60 - Naturalidade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

No próximo gráfico (61), conseguimos compreender melhor esta dinâmica quando olhamos não para a naturalidade destes moradores, mas para seu último local de moradia antes de se mudarem para o Vidigal. Há um drástico aumento na participação de moradores que antes viviam em outros bairros formais da cidade do Rio de Janeiro entre aqueles que passaram a procurar o Vidigal como local de moradia nos quatro anos que procederam a pacificação local (2012-2016). Enquanto somente 34% dos que se mudaram para o Vidigal no período pré-pacificação vinham de outros bairros formais e 46% de cidades fora do estado, entre aqueles que passaram a morar no morro de 2012 a 2016, 70% vieram de outros bairros formais e 15% de cidades fora do estado. Entre os que se mudaram para o morro no período pós 2016, volta a cair a participação dos moradores vindos de outros bairros formais (30%) ao mesmo tempo em que sobe a participação dos vindos de outras cidade do estado do Rio (24%), de fora do estado (24%) e de outras

favelas (percentual que passa de 0% entre os migrantes de 2012 a 2016 para 21% entre os migrantes que se mudaram no período 2016-2018).

Gráfico 61 - Último local de moradia de acordo com o tempo no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

Quando olhamos para o nível de escolaridade dos moradores que vão em direção ao Vidigal considerando os mesmos marcos temporais 2012 e 2016, o que observamos é que os moradores que passam a morar no Vidigal no período 2012-2016 possuem um nível de escolaridade mais elevado do que a média dos moradores que já viviam no local antes da pacificação. O nível de escolaridade se mantém mais elevado quando comparamos aqueles que se mudaram para o local no período pós 2016 e aqueles que já viviam antes de 2012, mas há uma redução do percentual de moradores com ensino superior incompleto, completo e pós-graduação e um aumento do percentual de moradores com ensino fundamental completo e médio incompleto quando os comparamos ao nível de escolaridade dos moradores que migraram em direção ao Vidigal no período 2012-2016 (Gráfico 62).

Gráfico 62 - Escolaridade de acordo com o tempo de moradia no Vidigal - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

A análise da localização geográfica dos domicílios cujos responsáveis já viviam no morro antes de 2012, que passaram a viver de 2012 a 2016 ou no período mais recente (2016-2018) não indicam uma tendência significativa de concentração de nenhum destes grupos em áreas específicas do morro (Mapa 55). Ao contrário disto, todos estes grupos estão bem distribuídos por todas as áreas do morro.

Mapa 55 – Distribuição dos domicílios entrevistados de acordo com o ano de mudança de seu responsável para o Vidigal – Marcos temporais 2012 e 2016

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Na tentativa de investigar quem eram os principais agentes que exploravam o mercado de aluguel de imóveis no Vidigal, ou seja, qual era a origem dos proprietários de imóveis alugados, perguntamos àqueles que moravam de aluguel na data da entrevista se o(a) proprietário(a) do imóvel onde viviam era morador ou não da área pesquisada. Ao comparar estes dados considerando imóveis já ocupados antes da pacificação e aqueles que passaram a ser ocupados no período após, observamos que o 93% dos imóveis alugados no período 2012-2016 tinham como proprietário os próprios moradores locais, enquanto entre os imóveis alugados antes da pacificação e após 2016 é maior a participação de imóveis cujos proprietários não viviam no morro (Gráfico 63).

Gráfico 63 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) dos imóveis alugados - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

.Quando avaliamos os motivos que fizeram aqueles que migraram em direção ao Vidigal a escolher este como local de moradia, o que notamos é uma diferença significativa de motivação entre aqueles que se mudaram para o local no período pré 2012, 2012-2016 e pós 2016. Enquanto os moradores que já viviam no local antes da pacificação escolheram o Vidigal como moradia muito mais motivados por questões como a presença de familiares no morro, aqueles que passaram a procurar o morro para viver no período 2012-2016 são menos motivados por questões familiares e mais motivados pela relação de custo benefício que envolve os quesitos preço, localização e segurança (Gráfico 64). No período pós 2016, no entanto, percebemos uma retomada daqueles moradores que passaram a procurar o Vidigal como local de moradia movidos por questões familiares e trabalho.

Gráfico 64 - Motivos que levaram à mudança para o Vidigal de acordo com seu tempo de moradia no morro - marco temporal 2012 / 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra domiciliar levantada por esta pesquisa.

O período pós 2016 apresenta também algumas alterações na dinâmica comercial do morro. Retomando abaixo o gráfico com o número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal no período 2012-2017, o que vemos é que de novembro de 2015 a janeiro de 2017 há uma queda no número de estabelecimentos em funcionamento após um período de forte aumento neste quadro (Gráfico 65).

Gráfico 65 - Número de estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal no período 2012 - 2017

Fonte: Levantamento realizado pela autora a partir do mapeamento "Vidigal 100 Segredos".

No período pós 2016, além da queda no número de estabelecimentos em funcionamento no morro, pequenas lojas de *souvenirs* para turistas gradativamente passaram a inserir outros tipos de produtos em seu estoque, denunciando a queda do movimento de turistas que havia se intensificado no período entre a pacificação e o fim dos

jogos olímpicos de 2016. A queda deste movimento é também percebida com a transformação de um antigo hostel e laje de eventos (que chegou a ser um dos espaços para festas mais famosos do Vidigal) em igreja evangélica e creche privada em uma tentativa de dar um novo uso e manter a rentabilidade do prédio de quatro andares construído em plena Copa do Mundo de 2014 para aproveitar a alta demanda por hospedagem e turismo de entretenimento que havia no morro.

Alguns fatores podem ter ajudado a reduzir a participação de turistas no consumo em estabelecimentos locais. Nos últimos anos, visando oferecer maior comodidade a seus clientes e recuperar a queda dos rendimentos resultante da redução do movimento de turistas no morro, alguns dos principais estabelecimentos do Arvrão (como o Bar da Laje, por exemplo), passaram a oferecer transporte exclusivo saindo de bairros como Leblon diretamente em direção à parte alta do morro. Este fator fez com que muitos dos turistas, que antes desciam na parte baixa do morro para pegar o transporte local (kombis e mototaxis), descessem diretamente na porta dos estabelecimentos localizados no Arvrão, não parando em outros pontos do morro para consumir no comércio local.

A análise da distribuição geográfica dos estabelecimentos comerciais e de serviço de acordo com o ano de início de suas atividades (pré 2012, 2012-2016 e 2016-2018) apontam para uma relativa predominância de estabelecimentos mais novos (2016-2018) na parte alta do morro (porção oeste do mapa abaixo) e estabelecimentos que iniciaram suas atividades entre 2012 e 2016 na chamada “área do IPTU” (porção nordeste do mapa). A área onde predominam os estabelecimentos mais recentes (parte alta do morro) possui um movimento relativamente menor de moradores, o que pode significar menor cliente e maior dificuldade de manter negócios abertos por mais tempo.

Mapa 56 - Distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviço entrevistados de acordo com o ano de início de suas atividades – Vidigal – Marcos temporais 2012 e 2016

Fonte: Mapa elaborado pela autora com base em dados obtidos por esta pesquisa.

Ao avaliar dados como a percepção dos proprietários de estabelecimentos locais sobre o impacto do movimento de turistas sobre seus negócios e a naturalidade destes proprietários notamos algumas diferenças entre os estabelecimentos que iniciaram suas atividades no período 2012-2016 e aqueles que abriram suas portas no período pós 2016. No Gráfico 66, vemos que os estabelecimentos abertos no período 2012 a 2016 são mais dependentes e se sentem mais impactados pelo movimento de turistas no morro do que aqueles abertos no período pós 2016.

Gráfico 66 - Percepção sobre o impacto do movimento de turistas no estabelecimento de acordo com seu tempo de funcionamento – marcos temporais 2012 e 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Ao olhar para a naturalidade dos proprietários dos estabelecimentos a partir do seu tempo de funcionamento (Gráfico 67), reforçamos a afirmação de que os estabelecimentos abertos no período imediatamente após a pacificação são administrados principalmente por aqueles que nasceram e sempre viveram no Vidigal (48%). Por outro lado, a fragmentação do período pós-pacificação em 2012-2016 e pós 2016 nos mostra que entre os negócios abertos no período mais recente, cresce a participação daqueles cujos proprietários nunca viveram no morro. No Gráfico 68, que trás o local de moradia dos proprietários que possuíam negócios no Vidigal, mas que não viviam no morro na data da entrevista, vemos que enquanto entre os negócios abertos no período 2012-2016 predominavam os proprietários que viviam em outros bairros formais da cidade, entre os negócios abertos no período pós 2016 predominam aqueles que viviam em outras favelas da cidade do Rio de Janeiro.

Gráfico 67 - Naturalidade dos(as) proprietários(as) dos estabelecimentos de acordo com seu tempo de funcionamento – marcos temporais 2012 e 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

Gráfico 68 - Local de moradia dos(as) proprietários(as) que não viviam no Vidigal de acordo o tempo de funcionamento do seu negócio – marcos temporais 2012 e 2016

Fonte: Estimativas produzidas com base na amostra comercial levantada por esta pesquisa.

No período pós 2016, observamos também uma drástica redução no número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no morro (Gráfico 69). Seis meses após o fim das Olimpíadas (janeiro de 2017), o Vidigal ainda vivia os reflexos do auge do seu boom de estabelecimentos de hospedagem com vinte e quatro hostels ainda em funcionamento. Em agosto de 2018, por sua vez, somente doze estabelecimentos confirmaram ainda estar recebendo hóspedes. Destes doze, apenas quatro mantinham suas atividades da mesma forma como faziam anteriormente: recebendo somente

hospedes diaristas. Os outros oito precisaram adaptar seu modo de funcionamento e passaram a alugar seus quartos também para mensalistas ou a oferecer também espaços de *coworking*, o que é o caso do antigo Favela Experience, que se tornou o espaço Nova Era *Coliving* e *Coworking*.

Gráfico 69 - Número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no Vidigal no período 2012-2018

Fonte: Dados coletados pela autora e mapeamento "Vidigal 100 Segredos".

Na Pereira da Silva e na Tavares Bastos, por outro lado, os dois novos estabelecimentos de hospedagem que passaram a funcionar no período de megaeventos ainda se mantinham em funcionamento quando esta pesquisa foi realizada, em 2019. Apesar disto, o fim dos megaeventos esportivos, a crise de segurança pública, o aumento dos índices de violência que levaram à uma intervenção federal na tentativa de conter o aumento da violência na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2018 impactaram de forma direta o turismo na cidade como um todo, mas ainda mais os estabelecimentos de hospedagem localizados dentro das favelas cariocas.

Neste aspecto, o que diferencia o Vidigal das outras duas áreas estudadas é que esta favela sofreu de forma mais direta os impactos desta crise de segurança pública. Se a Tavares Bastos e a Pereira da Silva podem contar com a segurança que a presença do centro de treinamento do BOPE entre estas duas áreas trás, o Vidigal viu o comando do tráfico local (antes pertencente ao ADA), ser substituído pelo Comando Vermelho ainda no final do ano 2017. Com a troca do comando e o enfraquecimento das UPPs, o Vidigal voltou a viver o drama dos confrontos armados diários entre policiais e traficantes. O que caracterizava o comando do ADA era principalmente uma presença mais sutil e discreta no morro, enquanto o CV é conhecido pelo domínio territorial mais ostensivo e pela violência característica deste grupo. A nosso ver, foi principalmente este fator somado ao fim dos megaeventos esportivos e à crise política e econômica nacional - que se inicia principalmente após 2015 – que contribuíram para o início de uma reorganização, no

período pós 2016, de dinâmicas demográficas e econômicas que marcaram o período 2012-2016 no Vidigal.

Com o retorno dos confrontos armados neste morro, os mototaxistas e kombis, que supriam as demandas por transporte dentro deste local, passam a assumir também uma segunda função: a de termômetro das condições momentâneas de segurança na favela. O movimento barulhento quase que incessante de motos e carros pela via principal cessavam nos momentos de confrontos armados. Era comum alguns moradores medirem a tranquilidade do morro de acordo com a intensidade do fluxo de mototaxis pela Avenida Presidente João Goulart. Quando o intenso e barulhento fluxo cessava por períodos mais prolongados, era porque confrontos armados estavam ocorrendo no morro.

A profunda crise que passou a afetar o modelo de controle territorial exercido pelas Unidades de Polícia Pacificadora se intensificou a partir da segunda metade de 2017, quando 33% do efetivo policial que ocupava postos em favelas pacificadas foi realocado para fora destes espaços. A partir disto, sucessivos cortes de recursos e alterações no modelo de funcionamento das UPPs reforçaram a narrativa de falência do modelo. Ao mesmo tempo, assistiu-se à uma intensificação da repressão por parte do efetivo que ainda atuava em favelas pacificadas e o gradual retorno da presença de grupos ostensivamente armados e ligados ao tráfico de drogas para estes territórios.

Ainda que existam grandes diferenças entre cada uma das favelas do Rio de Janeiro, o aumento dos índices de violência em outras áreas também pacificadas foi o suficiente para começar a impactar o clima de tranquilidade e liberdade que havia perdurado no Vidigal durante os quatro anos anteriores. Antes mesmo de a guerra entre facções estourar na favela da Rocinha, em 2017, diversas ocorrências pontuais de conflitos armados nesta última favela já impactavam o movimento turístico no Vidigal e em outras favelas da zona sul da cidade. Como exemplo, podemos citar a morte de uma turista espanhola vítima de bala perdida na favela da Rocinha em outubro de 2017. O caso levou a uma imediata queda no movimento de turistas nas favelas do Vidigal e da zona sul da cidade. Ainda no ano de 2017, uma imagem bastante simbólica feita no morro Santa Marta, primeira favela a receber uma UPP no ano de 2008, ficou conhecida por representar a falência deste programa de segurança pública. Na ocasião, a estátua do cantor Michael Jackson, que virou ponto turístico bastante visitado no morro após a pacificação local, amanheceu com um fuzil pendurado no pescoço por grupos ligados ao tráfico e que iniciavam a retomada do território local (NOVAES, 2017). É neste contexto que o movimento de turistas no Vidigal e em outras favelas pacificadas começa a apresentar sinais de enfraquecimento.

Pesquisa realizada por Novaes (2017) nas favelas Chapéu Mangueira, Babilônia e Santa Marta indica que estas áreas passaram por um processo semelhante ao Vidigal de redução do número de estabelecimentos de hospedagem em funcionamento no período pós fim dos jogos olímpicos de 2016. No Chapéu Mangueira, apenas um dos quatro hostels abertos continuava em funcionamento. Na Babilônia, três dos hostels locais haviam encerrado suas atividades e no Santa Marta dois dos quatro hostels continuavam em funcionamento (NOVAES, 2017, p.209).

Em 16 de fevereiro de 2018, diante do aumento exponencial da violência em todo o estado do Rio de Janeiro, foi promulgado o Decreto Presidencial nº 9288, que estipulou a Intervenção Federal na área de Segurança Pública no Estado do Rio de Janeiro como forma de garantir a manutenção da lei e da ordem. Com isto, o Gabinete de Intervenção Federal (GIF/RJ), criado para organizar e operacionalizar as atividades da intervenção, passou a estabelecer protocolos que buscavam a integração entre os efetivos das forças armadas envolvidos na intervenção e os demais órgãos estaduais relacionados. O objetivo era a diminuição dos índices de criminalidade, o aumento na percepção de segurança pela população do Rio de Janeiro e a recuperação das capacidades de atuação e proteção dos órgãos de segurança pública estaduais. Pouco tempo após o início da intervenção, moradores de diversas áreas populares da cidade do Rio de Janeiro denunciavam as revistas ilegais e o fichamento obrigatório de moradores como alguns dos principais impactos desta intervenção na vida cotidiana dentro destas comunidades.

Dois meses após o início da intervenção, dados do Observatório da Intervenção³⁶, projeto coordenado pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade Cândido Mendes, indicavam aumento de 15,6% no número de tiroteios no estado e o dobro do número de chacinas quando comparado com o mesmo período do ano anterior. Em julho de 2018, levantamento realizado pela Comissão Popular da Verdade apontou aumento das taxas de letalidade, 60% mais tiroteios e 28% mais homicídios durante o período de intervenção quando comparado ao mesmo período do ano anterior (CASTRO, 2018).

No Vidigal, o anúncio da intervenção militar resultou em impactos imediatos sobre os poucos estabelecimentos de hospedagem que ainda se encontravam em funcionamento no morro. Durante nosso trabalho de pesquisa, obtivemos relatos de hóspedes que, mesmo com diárias pagas, deixaram os estabelecimentos locais para procurar outras opções de hospedagem que consideravam mais seguras no “asfalto” quando souberam do anúncio da intervenção. A piora nos índices de segurança locais tem impacto direto também sobre aqueles que, atraídos pelas novas condições de segurança e

---

³⁶ Dados disponíveis em: <http://www.observatoriodaintervencao.com.br/>

pelo custo benefício de uma moradia barata e bem localizada no período pós-pacificação, engrossaram o mercado de aluguel de imóveis local. Ao longo do trabalho de pesquisa, obtivemos inúmeros relatos de que com o aumento dos confrontos armados no morro, parte desta população com contratos locacionais verbais bastante flexíveis acabou deixando o morro, o que resultou no aumento do número de imóveis vagos disponíveis no Vidigal e levou a uma queda no preço dos aluguéis locais.

A nosso ver, os fatores acima citados, a crise da segurança pública do Rio de Janeiro somada à crise econômica nacional e o fim do período de megaeventos são alguns dos fatores que contribuíram para o que parece ser uma reorganização de dinâmicas demográficas e econômicas iniciadas após a pacificação do Vidigal.

CAPÍTULO 7 - DIÁLOGOS TEÓRICOS E NOVAS ABORDAGENS SOBRE OS IMPACTOS DO PERÍODO DE MEGAEVENTOS NAS FAVELAS CARIOCAS

7.1 Os ciclos de turistificação das favelas cariocas

Para entender melhor a importância e o papel de abordar o debate sobre turismo nesta tese, é importante compreender esta como uma atividade que consome e que produz espaço. O turista é abordado aqui não como um visitante efêmero, mas como um agente que produz a cidade a partir de suas práticas socioespaciais. Partindo desta perspectiva, a cidade também é produzida pelas práticas turísticas e o turismo assume um papel importante na produção e na transformação econômica, social e cultural de territórios locais. A indústria do turismo tem assumido um papel cada vez mais central para a economia global. Ao mesmo tempo, o impacto de alguns outros fatores não pode ser ignorado, como a expansão do número de companhias aéreas de baixo custo e a popularização de plataformas e de modelos populares de hospedagem do tipo bed and breakfast e Air Bnb³⁷.

O período pós 2008 é marcado por algumas mudanças na posição de algumas favelas na economia do turismo da cidade do Rio de Janeiro. De um fluxo de turismo predominantemente de passagem formado pelos “favela tours”, estes espaços passaram a potenciais destinos de hospedagem. De corredor de passagem a hospedeiro, no período recente algumas favelas pacificadas se fortaleceram como possíveis destinos de hospedagem frente aos altos preços praticados nos bairros formais da zona sul. Um novo fluxo de turistas passou a ser comum nestas favelas, desta vez não mais para uma passagem de apenas algumas horas. Este novo fluxo de agentes possui um papel importante nas transformações socioespaciais observadas no Vidigal nos últimos anos, e o aumento de 700% no número de hostels existentes no morro no período 2012-2017 reforça tal afirmação.

7.1.1 De onde vem e o que representa a favela turística? O slum tourism em perspectiva histórica

Steinbrink (2012) dá um passo interessante no caminho de compreender as consequências do que ele chama de uma “globalização do turismo em favelas” ou a

---

³⁷ Hiernaux e Gonzalez (2014) mostram que o fortalecimento da economia compartilhada do turismo representa um impacto cada vez mais importante na produção do espaço nos grandes centros urbanos globais.

“construção da favela global como um destino turístico universal” (tradução nossa). A consolidação das favelas como destino turístico no sul global ganha força principalmente na década de 1990, quando este tipo de turismo de experiência passa ter maior peso econômico. Desde então, os “favela tours” do sul global passaram a fazer parte do roteiro turístico de cidades como Rio de Janeiro, Cape Town, Buenos Aires, Bangkok e outras.

Para entender o processo de consolidação das favelas como destino turístico, no entanto, é importante olharmos para a forma como estes territórios são compreendidos e interpretados pelos agentes principais deste processo: os turistas. O imaginário hegemônico sobre os territórios das favelas tem sido constantemente reinventado ao longo dos anos. Algumas ferramentas como o cinema possuem um papel importante neste processo. Na Índia, o sucesso do filme “Quem quer ser milionário” (2009) resultou em uma expansão significativa no volume de turistas na maior favela de Mumbai (Hannam & Knox 2010; Meschkank 2011 apud Steinbrink, 2012). No Rio de Janeiro, o filme “Cidade de Deus” (2002) é também considerado um marco importante na expansão e no fortalecimento do turismo nas favelas cariocas (MEDEIROS, 2007)³⁸.

A origem desta modalidade de turismo nos remete à prática do “slumming”³⁹, que tem suas raízes no século XIX em Londres e é caracterizada como uma espécie de “expedição social” realizada primeiramente por jornalistas, clérigos e reformadores sociais às áreas mais pobres da cidade. Foi a partir da segunda metade do século XIX que esta prática passou a ganhar características de “atividade de lazer” praticada por classes de maior poder aquisitivo em busca de “experimentar a pobreza”. Rapidamente, esta passou a ser reconhecida como uma “fashionable London mania”, ou “uma moda fashion de Londres” (STEINBRING, 2012, tradução nossa). A prática é levada por londrinos para Nova York no final do século XIX, onde ganha características mais relacionadas a passeios turísticos. Foi em Nova York que as chamadas “slums” ganharam força como destino turístico em um processo que Steinbrink (2012) descreve como “touristification of slumming” (ou a “turistificação da favela”, tradução nossa). Diferentemente da prática nascida em Londres, que era marcada principalmente pela presença de reformistas e religiosos, a “slumming” de Nova York apresenta muitas características de uma experiência turística. A prática passou a fazer parte das rotas recomendadas em guias de turismo locais e as primeiras agências especializadas no “slum tourism” passaram então a atuar.

---

³⁸ Medeiros (2007), em pesquisa realizada com diferentes agentes de turismo locais do Rio de Janeiro, aponta que há uma certa unanimidade entre eles ao considerar o papel que o lançamento do filme dirigido por Meirelles teve no aumento do volume de turistas à procura dos *favela tours* cariocas.

³⁹ Particípio do substantivo “slum”, originalmente uma gíria utilizada para descrever determinados tipos de alojamentos precários, quadras e bairros marcados pela precariedade urbanística e arquitetônica em países anglo-saxões (STEINBRINK, 2012).

Desde o início da sua consolidação como prática turística, o slumming representa o desejo das classes abastadas de conhecer a heterogeneidade dos espaços urbanos modernos, que são constantemente apresentados como destinos “exóticos” e dominados por idéias romantizadas e místicas como a ideia de “comunidade”.

Visiting and experiencing poverty, which is territorially assigned to certain city areas ('slums'), has remained the goal of slum tourism. This kind of spatialization serves to concretize and visualize poverty. The examples from London and the USA demonstrate that the slum was always construed and experienced as 'the other side of the city' and as the 'place of the Other'; at the same time, they illustrate that this 'Other' had always been a lot more than just the 'economic Other'. Therefore, the culturalization of poverty is essential to slum tourism. (STEINBRINK, 2012)

Guardadas as devidas diferenças sociais, culturais e econômicas entre as chamadas “slums” anglo-saxãs e as favelas brasileiras e latino-americanas, é possível encontrar semelhanças entre as motivações que levam grupos de turistas a procurar os “slum tours” ou os “favela tours” em países do sul global. A globalização do slum tourism emerge e ganha força como forma de observar e experimentar a diversidade e a “exoticidade” das áreas mais pobres dos principais centros urbanos ao redor do mundo. Relatos de práticas que se assemelham ao slumming em favelas do Rio de Janeiro no início do século XX já eram mencionadas por Abreu (2013) e Jaguaribe e Hetherington (2006). No entanto, é somente no final deste mesmo século que as favelas cariocas ganham força enquanto destino turístico e passam a ser exploradas em maior intensidade.

A partir da década de 1990, intensifica-se a inserção de novos “produtos turísticos” a serem consumidos e a ampliação do espaço urbano consumido pelo turismo na cidade do Rio de Janeiro (FRATUCCI; SPOLON; MACHADO, 2016). Até então, apontam estes autores, o espaço geográfico onde se concentravam os principais atrativos turísticos da cidade do Rio de Janeiro havia se mantido bastante limitado nos cinquenta anos anteriores. Inicia-se, assim, uma alteração significativa no espaço apropriado pelo turismo na cidade do Rio de Janeiro (idem, p.95).

O processo de consolidação das favelas cariocas como destino turístico está inserido em um duplo contexto: o da expansão a nível global dos chamados “reality tours” e a emergência da favela como “trademark”, um signo associado ao mesmo tempo à violência e à autenticidade (MEDEIROS, 2007). Assim como na prática do slumming, os favela tours podem ser inseridos em uma modalidade de turismo de experiência conhecida como “tours sociais”, que buscam mostrar aos turistas do primeiro mundo os problemas e a autenticidade da periferia dos centros urbanos ao redor do mundo.

“Favela” tornou-se um prefixo tropical capaz de incrementar e tornar “exóticos” lugares e produtos os mais variados (Phillips, 2003). Guias de viagem, filmes, romances, textos acadêmicos, fotologs, souvenirs etc. contribuem para a formulação de uma favela que circula mundo afora e a encaixam nas narrativas mais amplas do turismo “alternativo”. É a partir desses vários suportes que a constroem como um território da imaginação, e em que são investidos diferentes ansiedades e desejos, que a favela pode ser elaborada como destino turístico. (MEDEIROS, 2007, p.65)

Pensar em uma “delimitação geográfica” do que seria a “cidade turística” do Rio de Janeiro ou destinos normalmente inclusos na maior parte dos roteiros turísticos da cidade até o final do século XX pode ser interessante para pensarmos que o final deste século é marcado por uma expansão das fronteiras do que seria esta “cidade turística”, incluindo de forma mais efetiva os territórios das favelas nos guias de turismo locais. Isto não significa dizer que a prática do turismo de realidade em favelas já não existisse em menor escala, mas que a consolidação destes espaços como destino turístico ocorre de fato há não muito tempo atrás.

Moraes (2016) identifica, com base em levantamento de campo e bibliográfico, três fases do turismo em favelas e dois momentos de expansão do que ela chamou de “fronteira turística” no Rio de Janeiro. A primeira fase vai de 1992 a 2000, período marcado pela emergência e consolidação dos chamados favela tours na Rocinha após a Eco-92; a segunda fase vai de 2000 a 2008, contexto pré-megaeventos onde são identificadas atividades de incentivo ao turismo local em oito grupos de favelas⁴⁰; a terceira fase, por sua vez, abrange o chamado período de megaeventos (2009-2016), que se inicia após a eleição do Rio de Janeiro como cidade sede dos jogos olímpicos de 2016⁴¹.

---

⁴⁰ O turismo em favelas do Rio de Janeiro no período pré-megaeventos é marcado pela existência de poucos estabelecimentos de hospedagem em favelas como Tavares Bastos e Pereira da Silva, projetos de hospedagem domiciliar em Vila Canoas, grupos de ecoturismo na Babilônia ou projetos que promoviam a visitação e exaltação da história local como o Projeto Morrinho, também na Pereira da Silva, e o Museu a Céu Aberto da Providência (MORAES, 2016).

⁴¹ Esta última fase é marcada pela implementação de uma série de políticas públicas de incentivo ao turismo local em favelas pacificadas no contexto de megaeventos esportivos.

7.1.2 O papel da economia compartilhada do turismo no fortalecimento da favela como destino de hospedagem

O compartilhamento e o consumo colaborativo, práticas que caracterizam os consumidores na era da economia compartilhada, trouxe transformações importantes na indústria do turismo contemporâneo. Um dos impactos da emergência de uma economia compartilhada do turismo foi a formação do que Richards (2014) chamou de “novas geografias do turismo”. Se durante muito tempo esta indústria foi marcada principalmente pela atuação de agências formais, a economia compartilhada do turismo passou a permitir que pessoas comuns se conectassem diretamente a turistas potenciais. A emergência de novos agentes não necessariamente conectados à indústria formal do turismo levou a uma nova forma de se produzir espaços para o consumo do turismo. Alguns estudos mostram que a emergência e o fortalecimento de companhias como Couchsurfing, Airbnb e Booking.com tem levado a uma reorganização sociocultural e geográfica de algumas áreas de grande potencial turístico nos centros urbanos contemporâneos (RICHARDS, 2014). No Vidigal e em diversas outras favelas da zona sul da cidade, o que observamos é a emergência de novas formas autônomas, redes de hospedagem e negócios locais voltados para atender ao aumento da demanda por hospedagem no local.

While tourism may be a ‘global’ force, it is also a locally based set of activities and organisations involved in the production of local distinctiveness, local cultures and different local histories that appeal to visitors. (GOTHAM, 2005)

O turismo emerge ao mesmo tempo como uma força local e global. No Vidigal, o que observamos foi que o grande aumento no número de hostels locais foi um movimento liderado ao mesmo tempo por investidores externos e moradores locais, formando uma nova rede de estabelecimentos no formato *bed and breakfast*. Vivemos nos últimos anos a criação de novos espaços de turismo de forma individualizada e dispersa através do uso de redes sociais. Grande parte dos estabelecimentos de hospedagem locais utilizam plataformas *online* que permitem um contato direto entre moradores e turistas.

We are no longer dealing just with tourist enclaves or clusters, but dispersed co-created tourism networks – as such we have to approach tourism from the perspective of network factors, and consider how the tourist network is affected by and affects space. (RICHARDS, 2014)

Uma das principais características do turismo na era da economia compartilhada são as experiências de troca, vivências e relacionamentos com moradores locais. O

turismo de experiência na era do consumo colaborativo possibilita “viver como um local”. Este tipo de experiência é possibilitada através destes novos formatos de hospedagem informal e de baixo custo, onde experiências personalizadas e relações de proximidade entre hóspedes e hospedeiros são mais possíveis. Molz (apud Richards, 2014) fala em uma “*network hospitallity*” (ou “rede de hospitalidade”, tradução nossa), uma rede de estabelecimentos formais e informais formada por pessoas que oferecem alimentação, transporte e hospedagem a viajantes em um formato de economia compartilhada.

Em contraposição ao turismo de massa, novos espaços muitas vezes marcados pelo símbolo da autenticidade emergem como espaços a serem consumidos. Nestes novos formatos de turismo, são muitas vezes os próprios moradores locais que intermediam e suprem a emergência de novas demandas por hospedagem. Notamos dois caminhos no turismo de favelas cariocas: ao mesmo tempo em que grande parte dos chamados *favela tours* são explorados não por moradores locais, mas por agências de turismo externas a estas favelas (MEDEIROS, 2007), a oferta de hospedagens no Vidigal, por exemplo, é feita em grande parte por moradores locais que adaptaram suas residências para explorar uma nova demanda latente.

Observamos que grande parte dos estabelecimentos de hospedagem abertos no período pós-pacificação no Vidigal são na verdade casas de moradores locais adaptadas para suprir o aumento da demanda por hospedagem no período de iminência da realização dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016. Dos treze estabelecimentos de hospedagem que responderam ao questionário desta pesquisa em agosto de 2018, dez deles ainda estavam em funcionamento e três já haviam encerrado totalmente suas atividades ou estavam com as atividades suspensas. Destes treze, nove (69%) eram residências que foram adaptadas para funcionar como hostel, três (23%) foram construídos para funcionar como hostel e um (8%) era um ponto comercial onde funcionava uma ONG e que foi adaptado para receber o hostel. Esta rede de novos estabelecimentos locais passou por um grande aumento no período de 2010 a 2016 e entrou em queda nos últimos dois anos (2017-2018).

O que podemos dizer a partir da análise dos dados sobre o perfil destes estabelecimentos nas favelas estudadas é que a abertura de uma rede de estabelecimentos de hospedagem administrada principalmente por moradores locais foi a forma como estes moradores encontraram de participar mais ativamente deste novo movimento de turistificação das favelas cariocas e obter renda a partir do aumento da demanda por hospedagem nas áreas pacificadas. O modelo de estabelecimento de hospedagem que emerge dentro deste importante movimento de economia compartilhada

do turismo foi fundamental para possibilitar uma maior participação dos moradores locais neste processo.

7.2 Gentrificação, Gentrificação Turística e Gentrificação Comercial: diálogos conceituais e novas propostas de abordagem para os fenômenos empíricos

Os impactos socioespaciais causados pela realização de megaeventos esportivos em suas cidades sede criam e exacerbam relações desiguais de poder através do espaço (GAFFNEY, 2016). Neste aspecto, compreendemos o espaço também como um instrumento de exercício de poder. Nos processos de transformação e de tomada de territórios populares por camadas de maior poder aquisitivo, o espaço é fundamental para o processo de acumulação e de acomodação de poder (MIRANDA; FORTUNATO, 2016 apud GAFFNEY, 2010).

O poder de um grupo sobre outro é exercido não somente através da apropriação e da transformação do espaço construído, mas também através da imposição de novos usos e da negação de usos antigos. Como exemplo disto, podemos mencionar a proibição dos bailes funks no morro após a pacificação local e a popularização das festas de música eletrônica que passaram a dominar os estabelecimentos instalados na região do Arvrão, no Vidigal, a partir de 2009. Com este processo, grupos externos ao morro passaram a se apropriar deste local para o seu lazer.

Alguns estudos apontam como processos de turistificação de espaços urbanos podem resultar na expulsão compulsória de moradores locais em fenômenos que apresentam muitas características do que tem sido historicamente descrito como um fenômeno de gentrificação (COCOLA-GANT, 2015; GOTHAM, 2005; JANOSCHKA, SEQUERA, 2014). O conceito “*gentrificação turística*” foi proposto por Gotham (2005) na tentativa de iluminar as conexões entre processos de turistificação de espaços urbanos e a gentrificação dos mesmos. Gotham utiliza este conceito para caracterizar processos de gentrificação que emergem como consequência de fenômenos de turistificação ou a transformação de territórios populares em espaços para consumo turístico. Este processo resulta em mudanças socioespaciais nestes territórios e na instalação de estabelecimentos direcionados ao entretenimento e ao turismo, de maneira que moradores e comércios locais passam a ser gradualmente substituídos.

Por outro lado, vamos ao encontro de Sequera e Nofre (2018) quando defendem que a comparação do que eles chamam de “gentrificação transnacional” a fenômenos de

turistificação tem sido feita com pouco rigor científico. Enquanto processos de gentrificação transnacional são caracterizados como um movimento de colonização urbana levada a cabo por segmentos de classe média alta que produzem impactos em áreas populares a partir da compra de imóveis locais para fins residenciais, um fenômeno de turistificação pode ser considerado um processo muito mais multifacetado, promovido tanto por agentes locais quanto transnacionais com o objetivo de transformar espaços para o consumo turístico. A partir desta perspectiva, os fenômenos de turistificação poderiam ser descritos como “a transformação do turismo de uma ‘prática cultural’ a uma estratégia de política urbana visando (re)criar [uma nova cidade] para atrair turistas” (SEQUERA; NOFRE, 2018, p.5). No entanto, não se trata de processos antagônicos, mas distintos, complementares e muitas vezes simultâneos.

Ao defender a necessidade de se abordar os fenômenos de gentrificação e de turistificação como dois fenômenos distintos, Sequera e Nofre se baseiam em dois pilares: o primeiro é a afirmação de que as mudanças socioespaciais levadas a cabo em processos típicos de turistificação não necessariamente derivam de um antagonismo de classe ou de um processo de substituição de população local por camadas populacionais de mais alta renda. Os agentes “turistas” compõem um grupo socioeconômico e culturalmente não homogêneo e por isto impossível de se encaixar dentro de uma categoria social de classe. Em alguns casos, o fluxo de turistas que predomina em um determinado espaço é formado muito mais por grupos sociais de renda média e média baixa oriundos do próprio país visitado do que pertencentes a grupos de alta renda ou estrangeiros.

O segundo pilar no qual se baseia a defesa dos autores acima citados é a afirmação de que fenômenos de turistificação não necessariamente resultariam em processos de substituição de moradores locais por outros moradores de camadas de mais alta renda, como ocorre em um processo clássico de gentrificação. Para eles, uma característica comum de um processo de turistificação é a expulsão de moradores locais pelo fortalecimento da vida noturna e deterioração das condições de moradia locais, movimento que dificilmente atrairia novos moradores de classes mais abastadas para estes espaços. Na tabela abaixo, Sequera e Nofre listam algumas das características que acreditam diferenciar processos de turistificação de processos de gentrificação.

Tabela 10 - Gentrification vs. Touristification: revealing the differences

Table 2 Gentrification vs. touristification: revealing the differences

	GENTRIFICATION	TOURISTIFICATION
Displacement	Working classes	Cross-class displacement
Class	Upscaling class	Class diversity
Retail changes	'Chic', 'Sophisticated'	'Disneyfication'
Demographics	Population replacement	Depopulation
Urban conflict	Class war	Worsening of community liveability
Properties	Owners	Transnational and local real estate market & Risk investment funds Owners
Housing	Residential	Temporary accommodation

Source: Authors.

Fonte: SEQUERA; NOFRE (2018).

Por outro lado, a ideia de uma “gentrificação turística” (GOTHAM, 2005) defende que os impactos socioespaciais de fenômenos de turistificação muitas vezes apresentam características comuns a um fenômeno de gentrificação, com a substituição de moradores e estabelecimentos comerciais locais por outros voltados para segmentos que não os que historicamente ocupavam aqueles espaços. Nestes casos, o turismo é utilizado como estratégia para a revitalização econômica e urbanística de espaços urbanos específicos. O resultado é muitas vezes fenômenos que apresentam características mistas de processos de gentrificação turística, comercial e residencial e que alteram a forma de produção e de consumo de determinados espaços urbanos, estabelecendo novas lógicas e também novos conflitos locais.

Fenômenos de gentrificação que emergem a partir de processos de turistificação grande parte das vezes são os que apresentam transformações e impactos mais drásticos e velozes (HIERNAUX; GONZALEZ, 2014). Grandes projetos de turistificação são normalmente realizados a partir de parcerias público privadas e muito aporte de investimentos de capital. Nestes casos, os efeitos da gentrificação são ainda mais visíveis do que em processos onde a gentrificação é constituída predominantemente por um aumento no fluxo de novos residentes de maior poder aquisitivo para áreas populares.

O Projeto Vidigal Feliz, desenhado pelo alemão Rolf Glaser, começou a ser implementado no Vidigal e trouxe uma clara proposta de turistificação para o local. O início de sua implementação levou a região do Arvrão a um processo que apresenta algumas características de um fenômeno de gentrificação: hiperinflação nos preços do solo, expulsão de moradores locais (para fora e para outras localidades dentro da própria favela) e transformação da paisagem arquitetônica local. Mas, por outro lado, o processo de transformação pelo qual passou esta região apresenta também visíveis características de um processo de turistificação. O fracasso do projeto desenhado por Rolf não impediu que a transformação do Arvrão fosse levada adiante por outros empreendedores externos,

resultando em alterações intensas na paisagem local e na emergência daquele espaço como um polo de turismo de entretenimento.

Os agentes responsáveis pelo processo de transformação pelo qual passou a região do Arvrão não se resumem a novos residentes de classe média / média alta à procura por moradia em áreas historicamente populares. Neste sentido, o fenômeno observado na região do Arvrão se aproxima muito mais do que tem sido descrito por alguns estudiosos como processos de gentrificação comercial e turística. O que pudemos observar neste local foi a emergência de novos tipos de serviços e espaços comerciais em um processo de transformação e de alteração de usos em uma área antes predominantemente residencial. Em um processo de gentrificação comercial, a expulsão de moradores locais se dá de forma direta através da substituição de usos residenciais por usos comerciais (ou de usos comerciais por outros perfis comerciais), mas também de forma indireta a partir da implementação de novas dinâmicas de consumo nestes espaços.

O processo pelo qual passou o Arvrão foi essencialmente um processo de substituição de edificações residenciais por estabelecimentos de entretenimento notadamente voltados para turistas e moradores externos ao Vidigal. Podemos dizer que um dos precursores deste processo foi o austríaco Andreas Wieleng, fundador da casa Alto Vidigal, que já vinha inserindo o morro no roteiro das festas noturnas desde 2009. Os novos empreendimentos instalados na região do Arvrão eram voltados inicialmente à hospedagem e ao entretenimento (eventos musicais, festas noturnas e diurnas e bares). Após o fim das Olimpíadas de 2016, a maior parte destes estabelecimentos passou a focar mais nas atividades de entretenimento e alguns chegaram a cessar suas atividades de hospedagem. Após este período, de todos os estabelecimentos instalados na região do Arvrão somente o hotel boutique Mirante do Arvrão manteve suas atividades de hospedagem. Tanto o Bar da Lage quanto a antiga Casa Alto Vidigal cessaram suas atividades como hostel para focar somente em eventos e no bar.

Observamos casos de expulsão direta de moradores locais que venderam suas casas para se tornarem bares, hostels e casas de eventos, mas também casos de expulsão indireta, com moradores que decidiram se mudar da região em função do aumento no movimento de pessoas de fora do morro e do barulho das festas que passaram a acontecer no local após a consolidação deste como um polo de entretenimento.

Em alguns casos, espaços que passaram por processos de gentrificação se tornam destinos turísticos. Em outros, a turistificação pode levar a processos de gentrificação. O fenômeno que observamos nos últimos anos no Arvrão parece emergir da coexistência destes dois tipos de processos que levam, ao mesmo tempo, a um duplo fenômeno de

turistificação e de expulsão (de forma direta ou indireta) de parte da população local com uma consequente substituição de usos residenciais por negócios de entretenimento. Este processo, no entanto, ocorre de forma bastante concentrada na região do Arvrão.

A ocorrência de fenômenos de gentrificação comercial destroem negócios locais e impacta diretamente o mercado local e a própria dinâmica residencial, na medida em que delimita quem poderá ter acesso aos novos serviços ali instalados. Neste aspecto, é interessante o que coloca Marcuse (1985) quando defende que a “expulsão” como um movimento de deslocamento residencial involuntário onde antigos moradores locais são forçados a deixar suas residências é somente uma forma direta de expulsão. A expulsão de moradores locais afeta também aqueles que ficam. Os movimentos de expulsão direta são muitas vezes acompanhados de processos chamados por Marcuse de ‘exclusionary displacement’ e ‘pressure of displacement’ (ou “substituição excludente” e “pressão por substituição”, tradução nossa). Por substituição excludente, Marcuse entende a impossibilidade de determinadas camadas populacionais acessarem áreas antes acessíveis a elas, enquanto a pressão por substituição se refere à falta de acesso a serviços e produtos após sofrerem um encarecimento como consequência de processos de gentrificação comercial.

A pressão por substituição transforma determinados espaços urbanos em áreas cada vez mais difíceis de se viver para os grupos que historicamente ocuparam aqueles espaços. Neste sentido, a “substituição” ou a “expulsão” de moradores locais resultaria em impactos muito mais abrangentes do que a substituição direta de moradores. Geram a substituição indireta de moradores fatores como: redução de acesso a serviços e comércio; pressão econômica; pressão cultural e privatização de espaços públicos (COCOLA-GANT, 2015).

A expressão “loss of place” (ou “perda de lugar”, tradução nossa) é utilizada por Davidson (2008, 2009) e Davidson e Lees (2010) (apud Cocola-Gant, 2015) para definir o que eles defendem ser uma forma de “deslocamento” indireto e forçado do lugar socialmente construído por moradores de determinadas áreas. Este processo ocorre através da colonização destes espaços por camadas social, cultural e economicamente distintas e eles. No Arvrão, esta “perda de lugar” se deu tanto para o tráfico, cujo uso deste local como ponto de extermínio refletia a presença e o domínio de um determinado grupo sobre aquele espaço, quanto para parte dos demais moradores locais que periodicamente se reuniam em uma espécie de pracinha / mirante localizada no centro deste espaço em eventos comemorativos como o reveillon.

Por outro lado, se o Arvrão passou por um intenso processo de transformação socioeconômica e espacial nos anos que seguiram a pacificação, não podemos dizer que

este processo ocorreu com a mesma intensidade nas outras áreas do morro. Nas demais áreas, observamos um processo muito mais fragmentado e distribuído de abertura de novos empreendimentos comerciais que não resultaram em uma transformação tão intensa como a que ocorreu no Arvrão. O que observamos foi um aumento considerável no número de estabelecimentos comerciais, alguns deles voltados para atender a um público externo ao Vidigal (como alguns restaurantes, cafés e principalmente hostels), mas a maior parte voltados para a oferta de serviços de primeira necessidade que atendiam aos moradores locais de forma generalizada. Se o que a nossa pesquisa aponta é que o Vidigal possui um comércio local pouco dependente do movimento de turistas no morro como um todo, o intenso crescimento no número de estabelecimentos de hospedagem e o processo de transformação pelo qual passa a região do Arvrão ganham relevância como fenômeno urbano diante da intensidade das transformações que geraram nesta região específica do morro.

A narrativa de que os processos demográficos e econômicos em curso em algumas favelas cariocas poderiam ser caracterizados como um fenômeno típico de gentrificação residencial passou a ser defendida por alguns pesquisadores e, ao mesmo tempo, questionada por outros. Para estes últimos, alguns fatores socioantropológicos poderiam repelir a opção de moradia em favelas por parte de grupos mais abastados. Para Quirion (2017, p.24), “a representação da favela e dos seus moradores por parte do resto da população da cidade cristaliza tensões relativas à estratificação de uma sociedade profundamente desigual”, fator que inviabilizaria a migração em massa de populações mais abastadas para estas favelas. Novaes (2017, p.114) aponta que o peso simbólico que carregam estes territórios da violência e da marginalidade parecem impedir o pleno desenvolvimento de experimentos de gentrificação nestes espaços.

Na tentativa de dar conta das contradições e complexidades dos fenômenos demográficos observados em algumas das favelas cariocas no período de megaeventos esportivos, pesquisadores lançam mão de conceitos como “neofavelados” (QUIRION, 2017, p.22) e “gentrificação periférica” (NOVAES, 2017, p.202). O termo neofavelados tipifica o que seriam os novos moradores que passaram a ser atraídos a fixar residência em algumas favelas do Rio de Janeiro no período de grandes eventos internacionais. O que caracteriza e motiva estes grupos a buscarem residência nestes espaços é não somente a questão financeira, mas principalmente “o desejo de se integrar a uma dinâmica social percebida como diferente: mais “humana” e “autêntica” (QUIRION, 2017, p.25). O conceito de “gentrificação periférica” (NOVAES, 2017, p.202), por outro lado, é uma tentativa de caracterizar um processo de elitização pontual de algumas áreas específicas das favelas cariocas ao mesmo tempo em que estes territórios permanecem populares e estigmatizadas pela marginalidade.

De fato, no período marcado pela realização de grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro e pela implementação do novo programa de segurança pública representado pelas UPPs, é notável a formação de um novo fluxo migratório de um tipo específico de população ao qual Quirion (2017), com base em sua pesquisa empírica realizada no morro Pereira da Silva, chamou de “neofavelados”, os quais ele descreve na forma abaixo:

[...] os “inabituais” novos moradores da favela carioca seriam indivíduos considerados como de classe média ou média alta, com ensino superior completo ou em curso, e que efetuaram uma mobilidade residencial recente até a favela (uma zona menos valorizada, econômica e simbolicamente, do que aquela da qual provêm). Realizaram desse jeito uma mudança de territorialidade socialmente considerada como “de alto para baixo”. Essa escolha chama a atenção, pois estamos considerando indivíduos que, a priori, não têm um histórico residencial (pessoal ou familiar) ligado à favela e poderiam, aparentemente, pagar o preço de uma vivenda em um bairro formal. Em diversas zonas da cidade, é de fato possível observar um fluxo contínuo, dinâmico e intenso de estudantes e jovens trabalhadores “de classe média” que se estabelecem dentro de certas favelas. Essa modalidade de moradia lhes permite aproveitar os preços sensivelmente mais baixos dos aluguéis, morando nas proximidades das amenidades urbanas e driblando ao mesmo tempo as dificuldades burocráticas que se apresentam na cidade formal na hora de alugar uma vivenda. As mídias e os discursos habituais designaram os agentes não brasileiros como mais propícios a se encaixarem nessa tipologia (GAFFNEY, 2013); o que pôde ser verificado de maneira empírica no campo, onde a consequente presença de “gringos” é um fato facilmente observável e bem conhecido dos moradores tradicionais. Porém, ficou evidente que a grande maioria desses estrangeiros realiza apenas uma passagem transitória nesse território. (QUIRION, 2017, p.25)

Se por um lado com uma simples visita de campo a algumas das favelas pacificadas da zona sul da cidade pouco tempo após a sua pacificação era possível notar fluxos relevantes de visitantes e moradores de classe média e estrangeiros que haviam se mudado para estes locais em períodos recentes, os dados resultantes da nossa pesquisa quantitativa mostram que os novos fluxos migratórios que marcam o período de megaeventos e principalmente o período pós-pacificação, no caso do Vidigal, é muito mais

complexo do que o que vinha sendo apontado até então em trabalhos que se debruçavam sobre o tema. Se à primeira vista o fenômeno sociodemográfico mais visível é a intensificação de fluxos migratórios formados pelo que Quirion (2017) chamaria de neofavelados ou o que Janoschka (2009) chama de “lifestyle mobility”, nosso levantamento lançou luz sobre um movimento menos visível sob um primeiro olhar, porém quantitativamente mais representativo: uma forte intensificação das dinâmicas de aluguel de imóveis nestes espaços e a intensificação de um fluxo de novos moradores vindos de outros bairros formais do Rio de Janeiro e região metropolitana atraídos pelas novas condições de segurança e pelas vantagens locais da favela recém pacificada.

Ao contrário do que se pensava, este novo grupo não representa uma mudança drástica de perfil socioeconômico em relação à população que historicamente já vivia neste local, mas apresenta algumas características que os diferem do perfil socioeconômico médio local em quesitos como escolaridade, renda média domiciliar, cor/raça, naturalidade, último local de moradia e motivos que os fizeram procurar a favela como local de moradia. Em última instância, trata-se de um grupo populacional que, também pressionado pela alta nos valores de aluguel e compra e venda de imóveis em outras áreas da cidade, passam a engrossar o já dinâmico mercado de aluguéis informais em áreas pacificadas como o Vidigal na busca por uma melhor relação custo benefício entre localização, preço e segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período 2008-2018, observamos a formação de novas dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas em algumas favelas da cidade do Rio de Janeiro. Estes processos ocorrem em função da convergência de diversos fatores como a redução dos índices de desigualdade socioeconômica da população brasileira, o aumento do poder de compra de grupos localizados na base de nossa pirâmide social e a valorização do salário mínimo; o contexto de preparação da cidade do Rio de Janeiro para o recebimento de grandes eventos de escala mundial e a implementação de um novo programa de política de segurança pública em favelas localizadas em territórios estratégicos da cidade se somam aos fatores anteriormente citados e intensificam dinâmicas demográficas e econômicas nunca antes observadas em favelas cariocas.

Neste trabalho, lançamos um olhar atualizado sobre três territórios populares após o fim da chamada década dos megaeventos (2007 – 2016) com o objetivo de compreender as características destes processos e em que medida eles se sustentam mesmo após o fim dos Jogos Olímpicos de 2016. Visando compreender se as novas dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas observadas em campo ocorrem como um impacto direto do programa de pacificação de favelas (UPP) ou se emergem como um reflexo de dinâmicas socioeconômicas mais amplas, selecionamos como estudos de caso uma área que recebeu a instalação de uma UPP e duas que não foram contempladas por este programa.

Nossos resultados apontam para a ocorrência de alguns fenômenos em comum entre as três áreas estudadas: uma forte intensificação da dinâmica econômica destes locais, processo marcado pela abertura de um número importante de novos estabelecimentos de serviço e comércio principalmente no período de dez anos que precedeu a realização desta pesquisa (2008-2018). Somado a isto, guardadas as devidas diferenças de escala em função das divergências de tamanho das áreas escolhidas, observamos também a formação de um novo ciclo de turistificação destes espaços, com a abertura de novos estabelecimentos de hospedagem no período de recorte temporal desta pesquisa.

As similaridades entre os fenômenos observados nas três áreas nos leva a crer que o processo de dinamização da economia destes espaços possui relação com fatores mais amplos como a ascensão econômica e o aumento do poder de compra das classes economicamente mais pobres da população brasileira, fenômeno que ocorre principalmente no período pós 2003 e se sustenta até a primeira metade dos anos 2010. A formação de um novo ciclo de turistificação destes espaços, por sua vez, parece estar bastante relacionada ao período de preparação da cidade do Rio de Janeiro para o

recebimento de alguns dos maiores eventos esportivos do mundo (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas 2016), que levam a um significativo aumento do número de turistas na cidade e consequentemente da demanda por hospedagem de baixo custo frente aos elevados valores praticados pelos estabelecimentos de hospedagem localizados nos bairros formais da cidade.

No Vidigal, o aumento expressivo no número de estabelecimentos comerciais e de serviços em funcionamento no morro apresenta duas características principais: o grande crescimento do número de estabelecimentos comerciais e de serviços de primeira necessidade, que atendiam principalmente as demandas dos moradores locais, e o aumento considerável no número de estabelecimentos de hospedagem no modelo *guesthouse* / *hostels* e espaços de entretenimento voltados para turistas e grupos externos que não os moradores locais.

Por trás dos fenômenos descritos acima estão principalmente dois grupos de agentes: por um lado, a figura do próprio morador local que, atraído pela expectativa de geração de renda e pela aceleração do consumo local, investe em pequenos negócios de hospedagem e/ou serviços de primeira necessidade. Ao mesmo tempo, e quantitativamente menos expressivo, observamos também um outro grupo de agentes externos ao morro e de poder aquisitivo mais elevado que passou a enxergar o Vidigal como um investimento potencial. Há uma capitalização de recursos ainda pouco explorados no morro antes da pacificação deste espaço. O turismo, a hospedagem e o entretenimento viram um capital bastante rentável tanto para os próprios moradores locais quanto para agentes externos que passam a explorar o potencial do morro.

O aumento no número de estabelecimentos de hospedagem visava suprir uma demanda crescente por hospedagem e habitação transitória (de curto e médio prazo). O que caracteriza estes estabelecimentos nas três áreas estudadas é a informalidade e o fato de funcionarem, em sua maior parte, em imóveis adaptados pelos próprios moradores locais com a finalidade de garantir uma renda extra diante do aumento da procura destas áreas como destino de hospedagem de curta e média duração. Nas três áreas, os estabelecimentos que funcionam em espaços residenciais adaptados convivem com outros construídos especificamente para funcionarem como negócios de hospedagem.

No Vidigal, este novo movimento de turistificação pode ser visto como um fenômeno de três vias: primeiramente, observamos uma drástica transformação de usos e na paisagem arquitetônica na região do Arvrão, em um fenômeno que apresenta características de um processo de gentrificação turística e comercial; em segundo lugar, observamos a emergência do Vidigal como uma alternativa de hospedagem de baixo custo, o que inseriu o morro em uma rede de economia compartilhada do turismo, trouxe

novos fluxos e a emergência de mais de duas dezenas de novos estabelecimentos voltados para este tipo de serviço; em terceiro lugar, há uma intensificação do movimento de “turistas de passagem”, aqueles que passavam apenas algumas horas no morro, seja para conhecê-lo, para fazer a trilha do morro Dois Irmãos ou para visitar os novos estabelecimentos localizados no Arvrão.

Nesta região específica do morro, a intensificação de atividades relacionadas ao turismo de entretenimento levou à atração de novos fluxos de grupos externos ao morro e inseriu novas dinâmicas e atividades de lazer culturalmente distintas das atividades historicamente praticadas pelos moradores locais. A valorização dos imóveis localizados na região do Arvrão resultou na intensificação de desigualdades socioespaciais internas no morro, na emergência de um restrito e concentrado, mas bastante relevante, novo padrão construtivo que, a partir da adoção de uma arquitetura que remonta a uma certa “estética da favela” tenta se misturar à ela.

Ao mesmo tempo, se observamos convergências entre os fenômenos acima citados nas três áreas estudadas por esta pesquisa, nossos dados mostram que no Vidigal a instalação da UPP local leva à formação de novas dinâmicas demográficas não observadas nas outras duas áreas estudadas por esta pesquisa. Nossa análise comparativa do perfil socioeconômico da população que já vivia no Vidigal antes da instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, em 2012, e o perfil da população que passou a viver neste espaço após a pacificação indicam algumas diferenças entre estes dois grupos populacionais em quesitos como cor / raça, escolaridade, naturalidade, último local de moradia, renda média mensal domiciliar e motivos que levaram estas pessoas a se mudarem para a favela em questão. Uma análise mais fragmentada nos mostra que esta mudança de perfil ocorre principalmente entre aqueles que passaram a morar no Vidigal nos quatro anos que procederam a instalação da UPP local (2012-2016), mas não entre aqueles que passaram a morar no morro no período mais recente e que chamados aqui de “pós-olímpico” (2016-2018).

Quando analisamos o perfil da população que passou a morar neste local no período 2012-2016 e o comparamos ao perfil da população que já vivia neste espaço antes deste período notamos que a população mais recente é mais branca, com um nível de escolaridade mais elevado, natural principalmente da própria cidade do Rio de Janeiro ou Região Metropolitana, possui uma renda média domiciliar sensivelmente mais elevada que a renda média da população mais antiga e migraram em direção ao morro motivados muito mais por questões relacionadas a preço, trabalho e segurança do que a população que já vivia no local anteriormente.

Por outro lado, a população que já vivia no morro antes da pacificação é mais preta e parda, com um nível de escolaridade menos elevado, com um percentual elevado de migrantes interestaduais oriundos principalmente da região nordeste, com renda domiciliar mais baixa e que procurou moradia no Vidigal motivada principalmente por quesitos relacionados à questões familiares. Entre a população que passou a morar no Vidigal no período pós 2016 (2016-2018), notamos um perfil socioeconômico muito mais próximo da média da população que já vivia no morro antes da pacificação do que da população que passou a morar neste espaço no período 2012-2016.

Estes dados nos indicam que a instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu passa a atrair um tipo de fluxo migratório antes menos presente no morro. A hiperinflação nos preços de compra e venda e aluguel de imóveis no local, que já vinha ocorrendo anteriormente por fatores como a alta nacional nos preços dos imóveis e o início da implementação do projeto de turistificação desenhado pelo alemão Rolf Glaser, é posteriormente intensificada pela pacificação e ajuda a restringir o acesso ao mercado imobiliário local por camadas populacionais que antes ocupavam aquele espaço. A pacificação do Vidigal faz com que o morro passe a atrair novas camadas populacionais e suprir demandas antes reprimidas por moradia bem localizada e preços relativamente baixos na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os benefícios de fatores como proximidade de postos de trabalho, preço e segurança ficaram mais evidentes após a instalação de unidades de pacificação nestes espaços, ação que abriu uma nova fronteira de exploração para o mercado de imóveis nestes espaços.

O que os resultados da nossa pesquisa apontam é que muito mais que um movimento de expulsão de moradores locais pressionados pela alta nos preços dos aluguéis ou atraídos pela alta sem precedentes nos preços de venda de seus imóveis, no período pós-pacificação a favela do Vidigal recebeu um importante fluxo de grupos que viviam em outros bairros formais da cidade e que também sofreram os impactos da inflação generalizada dos preços de aluguel praticados no período em questão e nos locais em que viviam anteriormente.

A retomada de territórios dominados por grupos armados ligados ao tráfico de drogas pelo Estado através da implementação das Unidades de Polícia Pacificadora significou a abertura de novas possibilidades de moradia para alguns grupos sociais ao mesmo tempo em que o aumento dos custos de vida nas áreas pacificadas restringiu o seu acesso a grupos que anteriormente conseguiam pagar por uma habitação nestes locais. Ou seja, a nosso ver, há uma restrição de determinados fluxos migratórios ao mesmo tempo em que se formam novos fluxos em direção a favelas como o Vidigal.

O período pós-pacificação do Vidigal é marcado pela intensificação de dois tipos distintos de fluxos migratórios: o primeiro, quantitativamente menos significativo e bastante pontual, é composto por grupos de poder aquisitivo mais elevado e geralmente inseridos em um movimento que Janoschka (2009) chama de “lifestyle mobility” ou semelhante ao que foi denominado por Quirion (2017) como “neofavelados”. Este movimento demográfico se torna bastante visível e facilmente identificável por conta das fortes diferenças de perfil socioeconômico entre este novo grupo quando comparados ao perfil médio da população que já vivia nestes espaços. Diante disto, os fenômenos “lifestyle mobility” e “neofavelados” passaram a atrair a atenção de inúmeros estudiosos do campo da sociologia e do planejamento urbano no Rio de Janeiro. No entanto, o que nossa pesquisa mostra é que este fluxo coexiste com um segundo fluxo migratório quantitativamente mais representativo e formado por uma massa de trabalhadores de poder aquisitivo ligeiramente mais elevado que a média da população local e que passa a ocupar o crescente universo de imóveis para aluguel disponível no morro após a melhoria dos índices de segurança pública neste local.

Ao contrário do que se pensava, este novo grupo não representa uma mudança drástica de perfil socioeconômico em relação à população que historicamente já vivia neste local, mas apresenta algumas características que os diferem do perfil socioeconômico médio local em quesitos como escolaridade, renda média domiciliar, cor/raça, naturalidade, último local de moradia e motivos que os fizeram procurar a favela como local de moradia. Em última instância, trata-se de um grupo populacional que, também pressionado pela alta nos valores de aluguel e compra e venda de imóveis em outras áreas da cidade, passam a engrossar o já dinâmico mercado de aluguéis informais em áreas pacificadas como o Vidigal na busca por uma melhor relação custo / benefício entre localização, preço e segurança.

Com isto, confirmamos a nossa hipótese inicial de que o debate bastante difundido e a afirmação de que parte destes territórios teriam passado por processos que apresentam características típicas de um fenômeno de gentrificação no período em questão não consegue explicar a complexidade dos fenômenos espaciais, demográficos e econômicos que de fato ocorreram nestes territórios. O período que precede a pacificação de algumas favelas específicas da cidade do Rio de Janeiro é marcado pela formação de novos movimentos migratórios que, em alguns casos, apresentam características semelhantes a um processo de gentrificação, mas que ocorre de forma paralela a outras dinâmicas demográficas e econômicas bastante relevantes e pouco aprofundadas nos estudos que se debruçaram sobre o assunto.

A pacificação leva a uma visível intensificação das dinâmicas imobiliárias neste local, processo que já havia sido iniciado anteriormente com a presença de agentes externos como o alemão Rolf Glaser. Apesar de os contratos de aluguel permanecerem essencialmente verbais no período pós-pacificação, observamos a inserção de novos formatos de transações imobiliárias com a instalação da primeira imobiliária do Vidigal e a chegada de novos agentes de alto poder aquisitivo no circuito de exploração dos negócios imobiliários locais. Com a pacificação, o mercado imobiliário local passa a ser explorado também por novos tipos de agentes externos notadamente voltados para a realização de elevadas rentabilidades em suas transações imobiliárias, figura que coexiste com a do morador local, de baixo poder aquisitivo, que também explora este mercado na busca por um incremento em sua renda familiar.

A ausência de dados sobre as transações imobiliárias e valores praticados pelo mercado imobiliário local não nos permite traçar um panorama mais preciso sobre possíveis alterações nestas dinâmicas. No entanto, relatos bastante comuns durante o nosso processo de pesquisa indicam que o período 2016-2018 é marcado por uma baixa nos preços de aluguel e venda de imóveis e pelo aumento do número de imóveis vagos disponíveis. Inúmeras foram as reclamações de proprietários de imóveis para aluguel sobre as dificuldades para alugar seus imóveis nos últimos dois anos que precederam a nossa pesquisa (2016-2018). Isto pode apontar para uma retração de dinâmicas sociodemográficas e econômicas observadas no período 2012-2016 e para a evasão de grupos que contribuíram para a dinamização do mercado de aluguel de imóveis residenciais no morro nos quatro anos que seguiram a pacificação (2012-2016).

Enquanto parte das novas dinâmicas econômicas e turísticas que puderam ser observadas no Vidigal no período 2012-2016 emergem como consequência de um movimento impulsionado por agentes externos à esta favela e de poder aquisitivo mais elevado quando comparado à média da população local (movimento de fora para dentro), o que nossa pesquisa mostra é que a intensificação das dinâmicas comerciais locais ocorre principalmente diante da melhoria do poder aquisitivo dos próprios moradores deste espaço e de sua tentativa de explorar o potencial financeiro do comércio e do processo de turistificação deste espaço (o que estamos chamando aqui de um movimento “de dentro para fora”). É importante salientar, no entanto, que o drástico processo de transformação de padrão construtivo e de usos que podemos notar na região do Arvrão é notadamente levado a cabo por agentes externos e de alto poder aquisitivo, o que significa afirmar que este grupo de agentes foi responsável por algumas das mudanças mais visíveis no morro no período citado.

O que queremos dizer com estas afirmações é que as novas dinâmicas demográficas, econômicas e territoriais apontadas por nossa pesquisa nos espaços em questão fazem parte de um processo bastante complexo que emerge a partir da convergência de forças econômicas externas e internas, de maior ou menor poder aquisitivo, que passam a disputar o potencial econômico local tanto nos setores do turismo como imobiliário e de bens e serviços de primeira necessidade. Há, por assim dizer, um fenômeno “de fora para dentro”, caracterizado pela entrada de agentes externos interessados na exploração do potencial turístico e comercial local, mas também, e principalmente, um processo que é endógeno, ou seja, “de dentro para fora”, caracterizado pela ascensão socioeconômica dos próprios moradores locais e de uma nova massa de trabalhadores também de baixo poder aquisitivo que passa a engrossar o dinâmico mercado de aluguel de imóveis neste local.

Por outro lado, a crise da segurança pública do Rio de Janeiro, a troca de comando do tráfico local, o fim dos megaeventos esportivos e a crise político econômica brasileira, que se intensifica principalmente no período pós 2015, são alguns dos fatores que podem ter contribuído com o que consideramos ser uma (re)organização de processos de transformação socioeconômica e espacial iniciados no período de quatro anos que seguiram a pacificação local. O período 2016-2018 é marcado pelo início de uma retração no número de estabelecimentos em funcionamento no Vidigal e pelo fechamento de mais da metade dos estabelecimentos de hospedagem abertos no local. Por outro lado, as transformações pelo qual passou a região do Arvrão permanecem. O Arvrão resiste em sua resignificação: de campo de extermínio de grupos ligados ao tráfico à polo de turismo de entretenimento.

Os dados obtidos a partir da nossa pesquisa nos possibilitam compreender melhor o perfil médio dos moradores que passaram a procurar este espaço como local de moradia no período recente e atualiza um debate bastante difundido e importante sobre os impactos do período de megaeventos esportivos e as novas dinâmicas espaciais, demográficas e econômicas instaladas em algumas favelas cariocas neste período.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Pedro. **Mercado para imóveis de uso comercial em favelas**: estudo piloto no Jacarezinho. Coleção Estudos Cariocas. IPP, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **O mercado informal de solo em favelas e a mobilidade residencial dos pobres nas grandes cidades**: um marco metodológico. In: ABRAMO, Pedro (Org.). Favela e Mercado Informal: a nova porta de entrada dos pobres nas cidades brasileiras. Coleção Habitare, v. 10. Porto Alegre – ANTAC, 2009.

_____. **Favelas vivem expansão do mercado de aluguéis**. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 out. 2012, C9.

_____; PULICI, Andrea. **Vende-se uma casa**: o mercado imobiliário informal nas favelas do Rio de Janeiro. In: ABRAMO, Pedro (Org.). Favela e Mercado Informal: a nova porta de entrada dos pobres nas cidades brasileiras. Coleção Habitare, v. 10. Porto Alegre – ANTAC, 2009.

_____. **A nova informalidade urbana e o mercado informal de aluguéis**. In: Seminário Internacional Moradia de Aluguel na América Latina, São Paulo, LabCidade, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 23 set. 2020. Palestra de Encerramento. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=w0tIS28SuF8&t=3016s>>

ABREU, Mauricio Almeida de. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

ALEMÃO que comprou 37 imóveis no Vidigal desiste de projeto hoteleiro. **Extra**, Rio de Janeiro, 28 out. 2009. Disponível em: < <https://extra.globo.com/noticias/rio/alemao-que-comprou-37-imoveis-no-vidigal-desiste-de-projeto-hoteleiro-190478.html>>

ANGELO, Elis R. B.;FOGAÇA, Isabela de F.;BARBOSA, Conceição A. **O Rio de Janeiro “nordestino”**: representações, subjetividades e saberes sobre a cidade. Revista Confluências Culturais. v. 9, n. 1: Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro – 2020.

AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. **SMH 2016**: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Morula Editorial, 2015.

BLASBERG, Marian. **Wenn Ausblicke töten könnten**. Zeit Online. Berlin, 25 jul. 2013. Disponível em: <https://www.zeit.de/2013/31/rio-de-janiero-immobilien-glaser-wielend> . Acesso em 20 jan. 2018.

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Favela on sale**: regularização fundiária e gentrificação de favelas no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto e Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

_____. **Perfil socioeconômico e comercial Vidigal**. Boletim informativo de pesquisa (Doutorado). São Paulo, 2020.

_____. **Perfil socioeconômico e comercial Pereira da Silva**. Boletim informativo de pesquisa (Doutorado). São Paulo, 2020.

_____. **Perfil socioeconômico e comercial Tavares Bastos**. Boletim informativo de pesquisa (Doutorado). São Paulo, 2020.

CANO, Ignacio; BORGES, Doriam; RIBEIRO, Eduardo (Org.). **Os Donos do morro**: uma avaliação exploratória do impacto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Rio de Janeiro : Lav/UerJ, 2012.

CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira**: do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia, 2018.

CASTRO, Flora. Comissão Popular da Verdade divulga relatório sobre intervenção militar no Rio. **Brasil de Fato**. Rio de Janeiro. 25 jul. 2018. Disponível em: < <https://www.brasildefatoj.com.br/2018/07/25/comissao-popular-da-verdade-divulga-relatorio-sobre-intervencao-militar-no-rio>> Acesso em 10 out. 2020.

CÓCOLA-GANT, A. **Tourism and commercial gentrification**. Paper presented at the RC21 International Conference on “The Ideal City: between myth and reality. Representations, policies, contradictions and challenges for tomorrow's urban life” Urbino (Italy) 27-29, 2015.

CUMMINGS, Jason. **Confronting the favela chic**: Gentrification of informal settlements in Rio de Janeiro, Brazil. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) - Department of

Urban Planning and Design, Harvard University Graduate School of Design, Cambridge, 2013.

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. **Turismo no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho:** albergues e mobilidade na favela. 1º Seminário Nacional de Turismo e Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 10 e 11 de maio de 2016.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar; SPOLON, Ana Paula Garcia; MACHADO, Marcelo de Barros Tomé. **O turismo no Rio de Janeiro:** da tríade praia-futebol-carnaval à complexidade da experiência turística contemporânea. In: NETO, Alexandre Panosso; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (org.). Turismo na América Latina. Casos de Sucesso. Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

GAFFNEY, Christopher. **Forjando os anéis:** A paisagem imobiliária pré-Olímpica no Rio de Janeiro. e-metropolis: Revista eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais, v. 15, p. 8-24, 2013.

_____. **Megaeventos e dinâmicas sócio-espaciais no rio de janeiro, 1919-2016.** Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 23-45, set./dez. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GOTHAM, Kevin Fox. **Tourism Gentrification:** The Case of New Orleans' Vieux Carre (French Quarter). Urban Studies, Vol. 42, No. 7, 1099–1121, June, 2005.

HIERNAUX, D; GONZALEZ, C. I. **Turismo y gentrificación:** pistas teóricas sobre una articulación. Revista de Geografía Norte Grande 58: 55–70, 2014.

IBGE. **Pesquisa de serviços de hospedagem:** 2016. Coordenação de Serviços e Comércio. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IETS. **Pesquisa sobre Microempreendedorismo em Domicílios nas Favelas com Unidades de Polícia Pacificadora.** Relatório de pesquisa. Dez. 2012.

INFOSOLO. **Mercados informais de solo nas cidades brasileiras e acesso dos pobres ao solo urbano.** Relatório de Pesquisa. 2006.

IPEA. **Existe bolha no mercado imobiliário brasileiro?** Textos para discussão. São Paulo, 2012.

_____. **O consumo das famílias no Brasil entre 2000 e 2013:** uma análise estrutural a partir de dados do sistema de contas nacionais e da pesquisa de orçamentos familiares. Rio de Janeiro, 2016.

ISP. **Segurança em números 2020:** evolução dos principais indicadores de criminalidade e atividade policial no estado do Rio de Janeiro de 2003 a 2020. Rio de Janeiro, 2021.

Disponível em: <

http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/SegurancaemNumeros2020.pdf>

Acesso em: jun. 2021.

JAGUARIBE, B.; HETHERINGTON, K. **Favela tours:** indistinct and maples representations of the real in Rio de Janeiro. *In:* M. Sheller e J. Urry (eds.), *Mobile technologies of the city*, Londres/Nova York, Routledge, 2006.

JANOSCHKA, M. **The Contested Spaces of Lifestyle Mobilities:** Regime Analysis as a Tool to Study Political Claims in Latin American Retirement Destinations. *Die Erde* 140 2009 (3). P.1-20.

JANOSCHKA, M.; SEQUERA, J. **Procesos de gentrificación y desplazamiento en América Latina:** una perspectiva comparativista. *In:* *Desafíos metropolitanos. Un diálogo entre Europa y América Latina*, Juan José Michelini (coord.), p. 82-104. Catarata. Madrid. ISBN: 978-84-8319-887-2, 2014.

KOLLER, André. **Depoimento sobre o Vidigal.** Rio de Janeiro, 29 jul. 2018. Entrevista concedida a Nayana Corrêa Bonamichi.

LEES, Loretta; LOPEZ-MORALES, Ernesto; SHIN, Hyun Bang (org.). **Planetary Gentrification.** Ed: Wiley, 2016.

LEITE, Marcia da Silva P. **Entre a ‘guerra’ e a ‘paz’:** Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* - Vol. 7 - no 4 - OUT/NOV/DEZ 2014 - pp. 625-642.

LUNETTA, Carolina. **Remoção Branca as State-led gentrification in the Southern Zone Favelas of Rio de Janeiro.** *In:* International Conference on “The ideal city: between myth

and reality. Representations, policies, contradictions and challenges for tomorrow`s urban life”. Urbino, Italia, 2015.

MAGALHÃES, Alexandre. **Entre o legal e o extralegal:** A reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais. V. 14. N. 1. Maio, 2012.

MANDEL, Benjamim R. FRISCHTAK, Claudio. **Crime, House Prices and Inequality:** The Effects of UPPs in Rio. Federal Reserve Bank of New York. Staff Report no 542. Rio de Janeiro, 2012.

MARCUSE, P. **Gentrification, abandonment, and displacement:** Connections, causes, and policy responses in New York City. Journal of Urban and Contemporary Law, 28, 195–240, 1985.

MASCARENHAS, Gilmar. **Barcelona – 1992:** um modelo em questão. *In:* RODRIGUES, Rejane P. et al (org.). Legados de Megaeventos Esportivos. Editores: Lamartine DaCosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano e Ana Miragaya, Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

_____. **Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística:** a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. Caderno Virtual de Turismo. edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.52-s.65, nov. 2014.

MAYRINK, Priscilla Glitz. **Transformações Socioespaciais no Vidigal pós Unidade de Polícia Pacificadora (UPP):** Análise a partir dos relatos de moradores. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MEDEIROS, Bianca Freire. **A favela que se vê e que se vende:** Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 22 nº. 65. Out. 2007.

_____. **Entre tapas e beijos:** A favela turística na perspectiva de seus moradores. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 1 Janeiro / Abril 2010.

MIRANDA, I.; FORTUNATO, A. R. **O turismo sobe o morro do Vidigal (Rio de Janeiro, Brasil):** uma análise exploratória. *Turismo & Sociedade* (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 9, n. 2, p. 1-20, maio-agosto de 2016.

MISSE, Daniel Ganem; CARVALHO, Rodrigo. M. **Policiamento Comunitário no Rio de Janeiro.** In: Congresso Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Direito., 2007, Belo Horizonte. XVI Congresso Nacional do CONPEDI - Congresso Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Direito, 2007.

MOLINA, Fabio Silveira. **Mega-events and urban restructurings in Rio de Janeiro:** the 'Paris of the Tropics' and the 'Olympic City'. In: Second International Conference on Mega-events and the City, 2014, Rio de Janeiro. Programa e Resumos II International Conference Mega-events and the City, 2014. p. 80-82.

MORAES, Camila Maria dos Santos. **Um tour pela expansão das fronteiras da favela turística.** In: Seminário URBFAVELAS, II, 2016, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, Barbara. **Vidigal:** narrativas de memórias. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

NERI, Marcelo. **A nova classe média:** o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

NOVAES, Patrícia Ramos. **A gentrificação periférica na cidade do Rio de Janeiro:** um estudo sobre as favelas Babilônia, Chapéu Mangueira, Vidigal e Santa Marta. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto e Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MONTEIRO, Karla. Só compro a vista. **Revista O Globo**, Rio de Janeiro, Ano 5, no 235, p. 24-28, jan. 2009.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson (org.). **Migrações nordestinas no século 21:** um panorama recente. Editora Edgard Blücher Ltda, 2014.

OST, Sabrina Marinho. **O mercado sobe a favela:** um estudo sobre o Santa Marta pós-UPP. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e de Empresas) - Escola Brasileira

de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

PERO, Valéria et al. **Perfil e dinâmica dos pequenos negócios em territórios do Rio de Janeiro com UPP**. In: SEBRAE; IETS. Perfil e dinâmica dos pequenos negócios em territórios do Rio de Janeiro com UPP. Publicação Semestral nº 4. 2012.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

PINHEIRO JUNIOR, Celso. **Vidigal Visto do Alto**: Perspectivas para a Gestão do Turismo na Favela do Vidigal. Trabalho de conclusão de curso (Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2015.

QUIRION, Nicolas. **Jogos de distinção e lógica da exclusão**: problematizando o conceito de gentrificação a partir de uma favela urbanizada do Rio de Janeiro. Revista E-Metropolis, v. 31, p. 22-30, 2017.

REBELLO, Pablo. Disputa europeia no alto do Vidigal. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28 set. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/disputa-europeia-no-alto-do-vidigal-6234217> Acesso em 20 ago. 2018.

RICHARDS, G. **The New Geographies of Tourism**: Space, Place and Locality. Paper presented at the Wageningen Geography Lectures, 13th January, 2014.

RIOCEPTUR. **Estudo da Oferta de Albergues do Rio 2016**. Relatório Digital. Rio de Janeiro, 2016.

_____. **Taxa de Ocupação dos Hotéis 2017**. Relatório Digital. Rio de Janeiro, 2017.

ROCHA, Lia de Mattos. **Uma favela “diferente” das outras?** Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2013.

RÜDIGER GLASER, Rolf. **Doctoral research about Vidigal transformations** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mnbona@gmail.com em 27 ago. 2018.

SANTOS JUNIOR, Orlando A. GAFFNEY, Christopher. RIBEIRO, Luiz C. de Q. (Org). **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

SEQUERA, Jorge. NOFRE, Jordi. **Shaken, not stirred: New debates on touristification and the limits of gentrification**. City, 2018.

SERPA, Angelo. **Empreendedorismo popular e ascensão social em diferentes contextos urbano-regionais: uma análise preliminar em dois bairros populares da Bahia**. Revista GEOgraphia - Ano. 17 - Nº34, 2015.

SILVA, Ana Luiza Wiezzer; LIMA, Jeanine Magalhães de. **O Rio de Janeiro no “mercado mundial de cidades”**: um estudo sobre os impactos na comunidade Tavares Bastos. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Gerônimo. **Depoimento sobre história pessoal**. Rio de Janeiro, 18 ago. 2018. Entrevista concedida a Nayana Corrêa Bonamichi.

SILVA, Mario Osorio da et al. **Características e evolução recente do emprego e da economia carioca e metropolitana**. Coleção Estudos Cariocas. Rio de Janeiro, 2011.

STEINBRINK, Malte. **‘We did the Slum!’** – Urban Poverty Tourism in Historical Perspective. Tourism Geographies, 14:2, 213-234, 2012.

TADINI, Nicola. **Chasing the Real: The gentrification of Rio de Janeiro’s favelas**. Dissertação (Mestrado) – Roskilde University, Roskilde, 2013.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa**; análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIDIGAL 100 SEGREDOS. **Mapa de bairro**. Mapeamento dos estabelecimentos comerciais e de serviço em funcionamento no Vidigal. Edições 1 a 5. 2012 a 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário Comercial Vidigal

Levantamento de perfil comercial

Apoio:

Olá!

Esta é uma pesquisa acadêmica que visa fazer um levantamento atualizado do perfil socioeconômico, comercial e do mercado imobiliário do Vidigal. Sua participação é **extremamente importante**. Suas respostas serão totalmente confidenciais e serão somadas às de outras pessoas para apuração dos resultados, e nunca tratadas individualmente. Seu nome não será relacionado com as respostas que forem dadas.

As informações aqui coletadas servirão para traçar um perfil atualizado do Vidigal.

Entrevistaremos **PREFERENCIALMENTE** o responsável pelo estabelecimento ou seu **cônjuge**, por terem informações suficientes para responder pelo local.

Tempo estimado para completar o questionário: de 3 a 4 minutos

Número do
questionário

Data

BLOCO 1 – Informações Gerais

1.1) Identificação / Nome Fantasia (Ex.: Supermercado Pai e Filha): _____

1.2) Telefone de contato: (____) _____ - _____

1.3) Localização (favor identificar o número e nome da rua / viela ou beco): _____

1.4) Tipo de estabelecimento (bar, restaurante, pet shop, etc): _____

1.5) Este estabelecimento pertence a alguma rede?

A) ( ) Sim B) ( ) Não Qual? _____

1.6) Há quanto tempo este estabelecimento está em funcionamento? (Citar o ano de abertura, se possível): _____

1.7) Este é um negócio familiar? A) ( ) Sim B) ( ) Não

1.8) O(a) proprietário(a) deste estabelecimento:

A) ( ) É nascido(a) e mora no Vidigal

B) ( ) É nascido(a), mas não mora mais no Vidigal

C) ( ) Não é nascido(a), mas mora no Vidigal

D) ( ) Nunca morou no Vidigal

E) ( ) Já morou, mas não mora mais no Vidigal

1.9) Caso o(a) proprietário(a) more no Vidigal, mas não seja natural daqui, citar desde que ano está no Vidigal: _____

1.10) Caso o(a) proprietário(a) não more no Vidigal, citar o bairro ou favela onde ele(a) mora atualmente: _____

1.11) Caso o(a) proprietário(a) não seja nascido(a) no Vidigal, mas tenha vindo morar aqui, citar o país, cidade, bairro ou favela de origem: _____

1.12) Os(as) funcionários(as) deste estabelecimento:

A) ( ) São todos moradores(as) do Vidigal

B) ( ) São todos moradores(as) de outros bairros ou favelas do Rio

C) ( ) São moradores do Vidigal e de outros bairros/favelas

D) ( ) São estrangeiros

E) ( ) Não possui funcionários

1.13) Se são moradores(as) de outras favelas ou bairros do Rio, citar quais: _____

1.14) Se são estrangeiros, citar país de origem: _____

1.15) Qual o público principal deste estabelecimento hoje?

A) ( ) Predominantemente moradores locais

B) ( ) Predominantemente turistas

C) ( ) Predominantemente moradores e parte turistas

D) ( ) Moradores de outras favelas e bairros do Rio

E) ( ) Metade morador local e metade turista

F) ( ) Moradores do Vidigal, moradores de outras favelas e turistas

1.16) Você considera que a redução do movimento de turistas impacta o movimento do seu negócio?

A) ( ) Sim B) ( ) Não

1.17) Se sim, em qual intensidade?

A) ( ) Impacta drasticamente

B) ( ) Impacta razoavelmente

C) ( ) Impacta levemente

1.18) Se em algum momento o seu negócio foi impactado pela queda no movimento de turistas, dizer quando: _____ _____ _____	1.19) Qual a faixa etária do público principal? A)(☐) Jovens (18 a 35 anos) B)(☐) Meia idade (35 a 55 anos) C)(☐) Idosos D)(☐) Todas as idades

BLOCO 2 – Informações sobre a edificação

2.1) A edificação onde este estabelecimento está localizado possui: A)(☐) Andares de uso comercial e residencial B)(☐) Somente comercial 2.2) Número total de pavimentos: _____ 2.3) O ponto onde este estabelecimento está localizado: A)(☐) Foi construído para receber este estabelecimento B)(☐) Foi ampliado para receber este estabelecimento C)(☐) Já existia antes deste estabelecimento	2.4) O ponto onde este estabelecimento está localizado é: A)(☐) Próprio quitado B)(☐) Próprio ainda em quitação C)(☐) Alugado D)(☐) Cedido

BLOCO 3 – Responder a este bloco somente se você for ou já tiver sido um HOSTEL, ALBERGUE ou CASA DE HÓSPEDES

3.1) Número de quartos coletivos do estabelecimento: _____ 3.2) Número de quartos privativos do estabelecimento: _____ 3.3) Número de leitos do estabelecimento: _____ 3.4) Este estabelecimento: A)(☐) Foi construído para funcionar como Hostel / Albergue B)(☐) Foi ampliado para funcionar como Hostel / Albergue C)(☐) É uma residência que foi adaptada para se tornar um hostel D)(☐) É um estabelecimento comercial que foi adaptado para se tornar um hostel E)(☐) Outro: _____ _____ _____	3.5) Este estabelecimento: A(☐) Recebe somente hóspedes diaristas B)(☐) Recebe somente hóspedes mensalistas C)(☐) Recebe hóspedes diaristas e mensalistas D)(☐) Recebia somente diaristas, mas hoje recebe só mensalistas E)(☐) Outra: _____ _____ _____

Observações Livres

Campo para Assinaturas (opcional)

Aplicador responsável:	
Nome _____	Assinatura _____
Respondeu ao questionário:	
Nome _____	Assinatura _____

ANEXO B – Questionário Domiciliar Vidigal

Levantamento de perfil socioeconômico e dinâmica imobiliária

Apoio:

Número do
questionário

Data

Olá!

Esta é uma pesquisa de um grupo de pesquisadores da PUC-RJ, UFRJ, UniRio e USP em parceria com a Associação de Moradores e ColetivAção Vidigal. Nosso objetivo é fazer um levantamento atualizado do perfil socioeconômico, comercial e do mercado imobiliário do Vidigal. Sua participação é **extremamente importante**. Você **não será identificado(a)**, pedimos somente a descrição do seu endereço para que os dados possam ser posteriormente relacionados às áreas onde foram coletados. Suas respostas serão totalmente confidenciais e serão somadas às de outras pessoas para apuração dos resultados, e nunca tratadas individualmente.

Mas **ATENÇÃO**, deve ser preenchido somente **UM QUESTIONÁRIO POR DOMICÍLIO**.

Entrevistaremos **PREFERENCIALMENTE** o(a) responsável pelo domicílio ou seu **espos(a)**, por terem informações suficientes para responder pelo domicílio.

O(A) ENTREVISTADO(A) DECLARA QUE AS INFORMAÇÕES CONTIDAS ABAIXO SÃO VERDADEIRAS.

SÓ DEVERÁ RESPONDER À ÚLTIMA PÁGINA QUEM TIVER IMÓVEIS PARA ALUGUEL.

Tempo estimado para completar o questionário: de 7 a 8 minutos

BLOCO 1 – Identificação do(a) entrevistado(a)

1.1) O(a) entrevistado(a) é: A) ( ) Chefe do domicílio* B) ( ) Marido ou esposa do(a) chefe C) ( ) Outro

*Chefe do domicílio = Pessoa responsável pela casa em que mora / a principal fonte de sustento da casa (ATENÇÃO: Não confundir com PROPRIETÁRIO do imóvel).

1.2) Se outro, indicar qual a sua relação com o(a) responsável pelo domicílio (exemplo: filha do(a) responsável / mãe do(a) responsável): _____

BLOCO 2 – Localização do domicílio

2.1) Endereço completo (favor identificar o número e nome da rua / viela ou beco): _____

2.2) Ponto de referência (ex.: Bar do Marcelo): _____

BLOCO 3 – Informações sobre o(a) entrevistado(a)

3.1) Sexo: A) ( ) Feminino B) ( ) Masculino

3.2) Idade: _____

3.3) Profissão: _____

3.4) Cor ou raça: A) ( ) Branca
B) ( ) Preta
C) ( ) Amarela
D) ( ) Parda
E) ( ) Indígena

3.5) Renda Mensal Média: R\$ _____

3.6) Naturalidade (indicar país, estado e cidade onde nasceu): _____

3.7) Há quanto tempo reside no Vidigal? (Se possível, citar ano em que se mudou): _____

3.8) Por que veio morar no Vidigal? _____

3.9) Escolaridade:

A) ( ) Ensino Fundamental (1º grau) incompleto
B) ( ) Ensino Fundamental (1º grau) completo
C) ( ) Ensino Médio (2º grau) incompleto
D) ( ) Ensino Médio (2º grau) completo
E) ( ) Ensino Superior incompleto
F) ( ) Ensino Superior completo
G) ( ) Pós Graduação
H) ( ) Sem escolaridade ou analfabeto(a)

3.10) Local onde residia antes de morar no Vidigal:

A) ( ) Outro país. Qual? _____
B) ( ) Outra cidade do estado do RJ. Qual? _____
C) ( ) Outra cidade **fora** do estado do RJ. Qual? _____
D) ( ) Outro bairro da cidade do RJ. Qual? _____
E) ( ) Outra favela do Rio de Janeiro. Qual? _____
F) ( ) Sempre morou no Vidigal

BLOCO 4 - Caracterização do imóvel e domicílio

4.1) Tipo de imóvel onde mora: A)(☐) Casa térrea B)(☐) Casa térrea de fundos ou puxadinho C)(☐) Sobrado de até 4 andares D)(☐) Kitnet E)(☐) Apartamento em prédio de mais de 4 andares F)(☐) Hostel ou pensão G)(☐) Outro: _____ 4.2) Número total de andares do imóvel onde está localizada a casa em que você mora: _____ 4.3) Os outros andares: A)(☐) São todos parte da sua casa B)(☐) São casas ocupadas por outros familiares seus C)(☐) São casas ocupadas por pessoas que não são da sua família 4.4) Número total de moradores que vivem na mesma casa que você (ou seja, no seu domicílio): _____	4.5) Quem são os outros moradores da sua casa? (Neste campo, citar qual a relação dos outros moradores com o(a) entrevistado(a). Exemplo: Marido e dois filhos) 1º _____ 4º _____ 2º _____ 5º _____ 3º _____ 6º _____ Utilizar o campo de "observações livres" caso existam mais moradores no mesmo domicílio. 4.6) Renda mensal média domiciliar (soma da renda mensal de todos os moradores da sua casa): R\$ _____ 4.7) Situação da casa: A)(☐) Próprio pago por você (pular para 5.10) B)(☐) Próprio ainda pagando (pular para 5.10) C)(☐) Alugado (continuar em 5.1) D)(☐) Cedido (Por quem? _____) E)(☐) Próprio herdado de familiares (pular para 5.10)

BLOCO 5 – Dinâmica Imobiliária

5.1) Se você paga aluguel, o proprietário do imóvel onde você mora é: A)(☐) Morador do Vidigal B)(☐) Mora fora do Vidigal. Onde? _____ 5.2) Você já morou de aluguel em outros imóveis no Vidigal? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.3) Se sim, em quantos imóveis diferentes já morou? _____ 5.4) Se já morou em mais de um imóvel no Vidigal, qual o motivo por ter se mudado de um imóvel para outro? _____ 5.5) Se já morou em mais de um imóvel no Vidigal, em quais regiões do morro ficavam os outros imóveis? _____ 5.6) Quando mudou de um imóvel para outro? (Citar ano ou ANOS, caso tenha ocorrido mais de uma mudança) _____ 5.7) Se você aluga, quanto paga de aluguel hoje? R\$ _____ 5.8) Houve aumento no preço do seu aluguel quando o Vidigal recebeu uma UPP (2012)? A)(☐) Sim B)(☐) Não Se sim, quanto pagava antes e quanto passou a pagar depois? Pagava R\$ _____ passou a pagar R\$ _____ 5.9) Se alugado, qual o modelo de contrato com o(a) proprietário(a)? A)(☐) Contrato "de boca" B)(☐) Contrato assinado através de imobiliária C)(☐) Contrato assinado direto com o proprietário D)(☐) Contrato via Associação de Moradores E)(☐) Outro	5.10) Se o seu imóvel é próprio, você já pensou em vender? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.11) Se sim, em que momento e por qual motivo? _____ 5.12) Você já recebeu uma oferta acima do valor de mercado pelo seu imóvel? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.13) Se sim, em que momento? _____ 5.14) Se sim, a pessoa que fez a oferta era: A)(☐) Um estrangeiro B)(☐) Um outro morador do Vidigal C)(☐) Moradores de outras áreas do RJ interessados em investir no Vidigal D)(☐) Outro: _____ 5.15) Você já vendeu parte do imóvel em que mora ou outro imóvel no Vidigal? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.16) Se sim, esta parte era: A)(☐) A laje do seu imóvel B)(☐) Um puxadinho C)(☐) Andar superior construído D)(☐) Um outro imóvel separado 5.17) Se sim, quando vendeu? (Citar ano) _____ 5.18) Para quem vendeu? A)(☐) Outro morador do Vidigal B)(☐) Um estrangeiro C)(☐) Outro: _____

5.19) Quanto você acha que vale o seu imóvel hoje? R\$ _____ 5.20) Quanto você acha que valia o seu imóvel antes da pacificação? (início de 2012) R\$ _____ 5.21) Quanto você acha que passou a valer o seu imóvel logo após a pacificação? R\$ _____ 5.22) Você já ampliou o seu imóvel ou construiu outro imóvel no Vidigal? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.23) Se sim, quando? (citar o ano): _____ 5.24) Se sim, qual foi o motivo da construção ou ampliação? A)(☐) Para uso familiar ou próprio B)(☐) Para alugar e garantir uma renda extra C)(☐) Para vender D)(☐) Outro: _____	5.25) Você e sua família pensaram em algum momento em se mudar para fora do Vidigal? A)(☐) Sim B)(☐) Não Se sim, em que momento? _____ Por quê? _____ 5.26) Para você, o que mais mudou no Vidigal após a entrada da UPP? _____ 5.27) Para você, ficou mais caro morar no Vidigal após a pacificação? A)(☐) Sim B)(☐) Não Por quê? _____ 5.28) Você gostaria de morar em outra localidade do Vidigal? A)(☐) Sim B)(☐) Não Se sim, qual? _____ Por quê? _____

BLOCO 6 – Percepções sobre o lugar

6.1) Dadas as definições abaixo, como você se identifica enquanto morador do Vidigal? A)(☐) “Cria da Favela” – Pessoa nascida e criada no Vidigal B)(☐) “Vidigalizado” – Embora tenha vindo de outro território, se identifica com o Vidigal, preocupa-se com as questões do lugar e aqui exerce a sua sociabilidade C)(☐) “Meia hora de morro” – Mudou-se para o Vidigal após a pacificação, mas mantém toda a sua vida social e profissional fora daqui e/ou tem interesses somente comerciais ou imobiliários com o local 6.2) Na sua opinião, o Vidigal é uma comunidade ou uma favela? Por quê? _____	6.3) Qual a vantagem de morar no Vidigal? _____ 6.4) Qual a maior dificuldade de morar no Vidigal? _____ 6.5) Qual serviço deveria ser implementado no Vidigal? _____ 6.6) Qual a sua memória do Vidigal, ou seja, qual a sua lembrança mais significativa em relação ao lugar? _____

RESPONDER À PAGINA DE NUMERO 4 SOMENTE SE VOCÊ POSSUIR OU JÁ TIVER POSSUÍDO ALGUM CÔMODO OU IMÓVEL QUE ALUGUE PARA OUTRAS PESSOAS NO VIDIGAL

Observações Livres (utilizar o verso da folha caso precise de mais espaço)

Aplicador responsável:

Nome _____

Assinatura _____

ANEXO C – Questionário Comercial Tavares Bastos

Levantamento de perfil comercial

Apoio:

Olá!

Esta é uma pesquisa acadêmica que visa fazer um levantamento do perfil socioeconômico, comercial e do mercado imobiliário da Comunidade Tavares Bastos. Sua participação é **extremamente importante**. Suas respostas serão totalmente confidenciais e serão somadas às de outras pessoas para apuração dos resultados, e nunca tratadas individualmente. Seu nome não será relacionado com as respostas que forem dadas.

As informações aqui coletadas servirão para traçar um perfil atualizado do comércio local.

Entrevistaremos **PREFERENCIALMENTE** o responsável pelo estabelecimento ou seu (sua) **cônjuge**, por terem informações suficientes para responder pelo local.

Número do
questionário

Data

BLOCO 1 – Informações Gerais

1.1) Identificação / Nome Fantasia (Ex.: The Maze): _____

1.2) Telefone de contato: (____) _____ - _____

1.3) Localização (favor identificar o número e nome da rua / viela ou beco): _____

1.4) Tipo de estabelecimento (bar, restaurante, pet shop, etc): _____

1.5) Este estabelecimento pertence a alguma rede?

A)(☐) Sim B)(☐) Não Qual? _____

1.6) Há quanto tempo este estabelecimento está em funcionamento? (Citar o ano de abertura, se possível): _____

1.7) Este é um negócio familiar? A)(☐) Sim B)(☐) Não

1.8) O(a) proprietário(a) deste estabelecimento:

- A)(☐) É nascido(a) e mora na Tavares Bastos
B)(☐) É nascido(a), mas não mora mais na Tavares Bastos
C)(☐) Não é nascido(a), mas mora na Tavares Bastos
D)(☐) Nunca morou na Tavares Bastos
E)(☐) Já morou, mas não mora mais na Tavares Bastos

1.9) Caso o(a) proprietário(a) more na Tavares, mas não seja natural daqui, citar desde que ano vive no local: _____

1.10) Caso o(a) proprietário(a) não more na Tavares, citar o bairro ou favela onde ele(a) mora atualmente: _____

1.11) Caso o(a) proprietário(a) não seja nascido(a) na Tavares, mas tenha vindo morar aqui, citar o país, cidade, bairro ou favela de origem: _____

1.12) Os(as) funcionários(as) deste estabelecimento:

- A)(☐) São todos moradores(as) da Tavares Bastos
B)(☐) São todos moradores(as) de outros bairros ou favelas do Rio
C)(☐) São moradores locais e de outros bairros /favelas
D)(☐) São estrangeiros
E)(☐) Não possui funcionários

1.13) Se são moradores(as) de outras favelas ou bairros do Rio, citar quais: _____

1.14) Se são estrangeiros, citar país de origem: _____

1.15) Qual o público principal deste estabelecimento hoje?

- A)(☐) Predominantemente moradores locais
B)(☐) Predominantemente turistas
C)(☐) Predominantemente moradores e parte turistas
D)(☐) Moradores de outras favelas e bairros do Rio
E)(☐) Metade morador local e metade turista
F)(☐) Moradores da Tavares, moradores de outras favelas e turistas

1.16) Você considera que o movimento de turistas no morro impacta o movimento do seu negócio?

A)(☐) Sim B)(☐) Não

1.17) Se sim, em qual intensidade?

- A)(☐) Impacta drasticamente
B)(☐) Impacta razoavelmente
C)(☐) Impacta levemente

1.18) Se em algum momento você notou queda no movimento de turistas no morro, dizer quando: _____ _____ _____	1.19) Qual a faixa etária do público principal? A)(☐) Jovens (18 a 35 anos) B)(☐) Meia idade (35 a 55 anos) C)(☐) Idosos D)(☐) Todas as idades

BLOCO 2 – Informações sobre a edificação

2.1) A edificação onde este estabelecimento está localizado possui: A)(☐) Andares de uso comercial e residencial B)(☐) Somente comercial 2.2) Número total de pavimentos: _____ 2.3) O ponto onde este estabelecimento está localizado: A)(☐) Foi construído para receber este estabelecimento B)(☐) Foi ampliado para receber este estabelecimento C)(☐) Já existia antes deste estabelecimento	2.4) O ponto onde este estabelecimento está localizado é: A)(☐) Próprio quitado B)(☐) Próprio ainda em quitação C)(☐) Alugado D)(☐) Cedido

BLOCO 3 – Responder a este bloco somente se você for ou já tiver sido um HOSTEL, ALBERGUE ou CASA DE HÓSPEDES

3.1) Número de quartos coletivos do estabelecimento: _____ 3.2) Número de quartos privativos do estabelecimento: _____ 3.3) Número de leitos do estabelecimento: _____ 3.4) Este estabelecimento: A)(☐) Foi construído para funcionar como Hostel / Albergue B)(☐) Foi ampliado para funcionar como Hostel / Albergue C)(☐) É uma residência que foi adaptada para se tornar um hostel D)(☐) É um estabelecimento comercial que foi adaptado para se tornar um hostel E)(☐) Outro: _____ _____ _____	3.5) Este estabelecimento: A(☐) Recebe somente hóspedes diaristas B)(☐) Recebe somente hóspedes mensalistas C)(☐) Recebe hóspedes diaristas e mensalistas D)(☐) Recebia somente diaristas, mas hoje recebe só mensalistas E)(☐) Outra: _____ _____ _____

Observações Livres

Campo para Assinaturas (opcional)

Aplicador responsável:

Nome _____

Assinatura _____

Respondido ao questionário:

Nome _____

Assinatura _____

ANEXO D – Questionário Domiciliar Tavares Bastos

Levantamento de perfil socioeconômico e dinâmica imobiliária

Apoio:

Olá!

Esta é uma pesquisa da USP com o apoio do Centro Comunitário Social Tavares Bastos. Nosso objetivo é fazer um levantamento do perfil socioeconômico, comercial e do mercado imobiliário local. Sua participação é **extremamente importante**. Você **não será identificado(a)**, pedimos somente a identificação do seu endereço para que os dados possam ser posteriormente relacionados às áreas onde foram coletados. Suas respostas serão totalmente confidenciais e serão somadas às de outras pessoas para apuração dos resultados, e nunca tratadas individualmente.

Mas **ATENÇÃO**, deve ser preenchido somente **UM QUESTIONÁRIO POR DOMICÍLIO**.

Entrevistaremos **PREFERENCIALMENTE** o(a) responsável pelo domicílio ou seu **esposo(a)**, por terem informações suficientes para responder pelo domicílio.

O(A) ENTREVISTADO(A) DECLARA QUE AS INFORMAÇÕES CONTIDAS ABAIXO SÃO VERDADEIRAS.

SÓ DEVERÁ RESPONDER À ÚLTIMA PÁGINA QUEM TIVER IMÓVEIS PARA ALUGUEL.

Tempo estimado para completar o questionário: 5 minutos

Número do
questionário

Data

BLOCO 1 – Identificação do(a) entrevistado(a)

1.1) O(a) entrevistado(a) é: A) ( ) Chefe do domicílio* B) ( ) Marido ou esposa do(a) chefe C) ( ) Outro

*Chefe do domicílio = Pessoa responsável pela casa em que mora / a principal fonte de sustento da casa (ATENÇÃO: Não confundir com PROPRIETÁRIO do imóvel).

1.2) Se outro, indicar qual a sua relação com o(a) responsável pelo domicílio (exemplo: filha do(a) responsável / mãe do(a) responsável): _____

BLOCO 2 – Localização do domicílio

2.1) Endereço completo (favor identificar o número e nome da rua / viela ou beco): _____

2.2) Ponto de referência (ex.: The Maze): _____

BLOCO 3 – Informações sobre o(a) entrevistado(a)

3.1) Sexo: A) ( ) Feminino B) ( ) Masculino

3.2) Idade: _____

3.3) Profissão: _____

3.4) Cor ou raça: A) ( ) Branca

B) ( ) Preta

C) ( ) Amarela

D) ( ) Parda

E) ( ) Indígena

3.5) Renda Mensal Média: R\$ _____

3.6) Naturalidade (indicar país, estado e cidade onde nasceu): _____

3.7) Há quanto tempo reside na Tavares? (Se possível, citar ano em que se mudou): _____

3.8) Por que veio morar na Tavares? _____

3.9) Escolaridade:

A) ( ) Ensino Fundamental (1º grau) incompleto

B) ( ) Ensino Fundamental (1º grau) completo

C) ( ) Ensino Médio (2º grau) incompleto

D) ( ) Ensino Médio (2º grau) completo

E) ( ) Ensino Superior incompleto

F) ( ) Ensino Superior completo

G) ( ) Pós Graduação

H) ( ) Sem escolaridade ou analfabeto(a)

3.10) Local onde residia antes de morar na Tavares:

A) ( ) Outro país. Qual? _____

B) ( ) Outra cidade do estado do RJ. Qual? _____

C) ( ) Outra cidade **fora** do estado do RJ. Qual? _____

D) ( ) Outro bairro da cidade do RJ. Qual? _____

E) ( ) Outra favela do Rio de Janeiro. Qual? _____

F) ( ) Sempre morou na Tavares

BLOCO 4 - Caracterização do imóvel e domicílio

4.1) Tipo de imóvel onde mora:

- A)(☐) Casa térrea
B)(☐) Casa térrea de fundos ou puxadinho
C)(☐) Sobrado de até 4 andares
D)(☐) Kitnet
E)(☐) Apartamento em prédio de mais de 4 andares
F)(☐) Hostel ou pensão
G)(☐) Outro: _____

4.2) Número total de andares do imóvel onde está localizada a casa em que você mora: _____

4.3) Os outros andares:

- A)(☐) São todos parte da sua casa
B)(☐) São casas ocupadas por outros familiares seus
C)(☐) São casas ocupadas por pessoas que não são da sua família

4.4) Número total de moradores que vivem na mesma casa que você (ou seja, no **seu domicílio**): _____

4.5) Quem são os outros moradores da sua casa?

(Neste campo, citar qual a relação dos outros moradores com o(a) entrevistado(a). Exemplo: Marido e dois filhos)

1º _____ 4º _____

2º _____ 5º _____

3º _____ 6º _____

*Utilizar o campo de "observações livres" caso existam mais moradores no mesmo domicílio.*4.6) Renda mensal média **domiciliar** (soma da renda mensal de **todos os moradores da sua casa**): R\$ _____

4.7) Situação da casa:

- A)(☐) Próprio pago por você (**pular para 5.9**)
B)(☐) Próprio ainda pagando (**pular para 5.9**)
C)(☐) Alugado (**continuar em 5.1**)
D)(☐) Cedido (Por quem? _____)
E)(☐) Próprio herdado de familiares (**pular para 5.9**)

BLOCO 5 – Dinâmica Imobiliária5.1) Se você paga aluguel, o **proprietário** do imóvel onde você mora é:

- A)(☐) Morador da Tavares Bastos
B)(☐) Mora fora da Tavares. Onde? _____

5.2) Você já morou de aluguel em outros imóveis na Tavares?

- A)(☐) Sim B)(☐) Não

5.3) Se sim, em quantos imóveis diferentes já morou? _____

5.4) Se já morou em mais de um imóvel na Tavares, qual o motivo por ter se mudado de um imóvel para outro? _____

5.5) Se já morou em mais de um imóvel na Tavares, em quais regiões do morro ficavam os outros imóveis? _____

5.6) Quando mudou de um imóvel para outro? (Citar ano ou ANOS, caso tenha ocorrido mais de uma mudança) _____

5.7) Se você aluga, quanto paga de aluguel hoje? R\$ _____

5.8) Se alugado, qual o modelo de contrato com o(a) proprietário(a)? A)(☐) Contrato "de boca"

- B)(☐) Contrato assinado através de imobiliária
C)(☐) Contrato assinado direto com o proprietário
D)(☐) Contrato via Associação de Moradores
E)(☐) Outro

5.9) Se o seu imóvel é **próprio**, você já pensou em vender?

- A)(☐) Sim B)(☐) Não

5.10) Se já pensou em vender, foi em que momento e por qual motivo? _____

5.11) Você já recebeu uma oferta acima do valor de mercado pelo seu imóvel? A)(☐) Sim B)(☐) Não

5.12) Se sim, em que momento? _____

5.13) Se sim, a pessoa que fez a oferta era:

- A)(☐) Um estrangeiro
B)(☐) Um outro morador da Tavares Bastos
C)(☐) Moradores de outras áreas do RJ interessados em investir na Tavares Bastos
D)(☐) Outro: _____

5.14) Você e sua família pensaram em algum momento em se mudar **para fora** da Tavares? A)(☐) Sim B)(☐) NãoSe sim, em que momento? _____
Por quê? _____5.15) Para você, houve mudanças significativas no perfil da população ou no comércio da Tavares nos últimos **dez** anos? _____5.16) Para você, ficou mais caro morar na Tavares nos últimos anos? A)(☐) Sim B)(☐) Não

Por quê? _____

BLOCO 6 – Bloco específico para LOCADORES de imóveis****quem aluga algum imóvel ou cômodo de sua propriedade para outras pessoas**

6.1) Você ou alguém da sua casa aluga OU já alugou algum cômodo / puxadinho / kitnet ou imóvel de sua propriedade **para outras pessoas** na Tavares?

A)(☐) Sim, eu ou outra pessoa da minha casa estamos alugando neste momento um cômodo ou imóvel para outras pessoas na Tavares.

B)(☐) Não, **atualmente não** alugamos nenhum cômodo ou imóvel para outras pessoas na Tavares, **mas já alugamos** no passado.

C)(☐) Não, nunca alugamos outro imóvel na Tavares.

6.2) Se você aluga ou já alugou um espaço de sua propriedade para outras pessoas na Tavares, este(s) espaço(s) eram ou são: **(admite mais de uma resposta)**

A)(☐) Um cômodo da minha casa

B)(☐) Um puxadinho nos fundos da minha casa

C)(☐) Uma kitnet

D)(☐) Uma outra casa

E)(☐) Um ponto comercial

F)(☐) Outro: _____

6.3) Qual o perfil predominante de pessoas que alugam ou alugavam o seu imóvel / cômodo? **(admite mais de uma resposta)**

A)(☐) Turistas estrangeiros de passagem pelo Rio de Janeiro

B)(☐) Turistas brasileiros de passagem pelo Rio de Janeiro

C)(☐) Trabalhadores migrantes de outras favelas do Rio de Janeiro ou estados do Brasil que se mudaram para a Tavares

D)(☐) Moradores de outros bairros do Rio que se mudaram para a Tavares para fugir dos preços altos

E)(☐) Pessoas nascidas e criadas na Tavares

F)(☐) Outro. Especificar: _____

6.4) Nos últimos dez anos, notou alguma mudança no perfil* de pessoas que alugam ou alugavam seu cômodo ou imóvel?

A)(☐) Sim B)(☐) Não

*Por mudança no perfil entende-se uma mudança no perfil socioeconômico dos inquilinos. Exemplo: alugava mais para moradores nascidos no Pereirão e passou a alugar mais para turistas estrangeiros.

6.5) Se sim, em que período notou esta mudança?

6.6) Que tipo de mudanças notou? _____

6.7) Caso você já tenha alugado algum cômodo ou outro imóvel, **mas não alugue mais**, por que parou de alugar?

6.8) Se você aluga ou já alugou algum cômodo ou imóvel de sua propriedade na Tavares, quando começou a alugar?

6.9) Se aluga ou já alugou algum cômodo, puxadinho ou imóvel na Tavares, qual o tipo de aluguel?

A)(☐) Mensal B)(☐) Por temporada

6.10) Em algum momento o tipo de aluguel foi alterado (de mensal para temporada ou vice-versa)?

A)(☐) Sim B)(☐) Não

Se sim, por qual motivo e quando? _____

6.11) Qual o modelo de contrato para alugar o seu imóvel?

A)(☐) Contrato “de boca”

B)(☐) Contrato assinado diretamente com o inquilino

C)(☐) Contrato assinado com intermédio de imobiliária

D)(☐) Outro: _____

6.12) Quais as exigências antes de aceitar um novo inquilino?

A)(☐) Depósito adiantado

B)(☐) Fiador

C)(☐) Ser conhecido ou de alguma família de confiança

D)(☐) Varia de acordo com quem é o inquilino

E)(☐) Outra: _____

Observações Livres (utilizar o verso da folha caso precise de mais espaço)**Aplicador responsável:**

Nome

Assinatura

ANEXO E – Questionário Comercial Pereira da Silva

Levantamento de perfil comercial

Apoio:

Associação de
Moradores da
Comunidade Pereira
da Silva

Número do
questionário

Data

Olá!

Esta é uma pesquisa acadêmica que visa fazer um levantamento do perfil socioeconômico, comercial e do mercado imobiliário da Comunidade Pereira da Silva. Sua participação é **extremamente importante**. Suas respostas serão totalmente confidenciais e serão somadas às de outras pessoas para apuração dos resultados, e nunca tratadas individualmente. Seu nome não será relacionado com as respostas que forem dadas.

As informações aqui coletadas servirão para traçar um perfil atualizado do comércio local.

Entrevistaremos **PREFERENCIALMENTE** o responsável pelo estabelecimento ou seu (sua) **cônjuge**, por terem informações suficientes para responder pelo local.

BLOCO 1 – Informações Gerais

1.1) Identificação / Nome Fantasia (Ex.: Pousada Favelinha): _____

1.2) Telefone de contato: (____) _____ - _____

1.3) Localização (favor identificar o número e nome da rua / viela ou beco): _____

1.4) Tipo de estabelecimento (bar, restaurante, pet shop, etc): _____

1.5) Este estabelecimento pertence a alguma rede?

A)(☐) Sim B)(☐) Não Qual? _____

1.6) Há quanto tempo este estabelecimento está em funcionamento? (Citar o ano de abertura, se possível):
_____

1.7) Este é um negócio familiar? A)(☐) Sim B)(☐) Não

1.8) O(a) proprietário(a) deste estabelecimento:

A)(☐) É nascido(a) e mora no "Pereirão"

B)(☐) É nascido(a), mas não mora mais no "Pereirão"

C)(☐) Não é nascido(a), mas mora no "Pereirão"

D)(☐) Nunca morou no "Pereirão"

E)(☐) Já morou, mas não mora mais no "Pereirão"

1.9) Caso o(a) proprietário(a) more no Pereirão, mas não seja natural daqui, citar desde que ano vive no local:
_____

1.10) Caso o(a) proprietário(a) não more no Pereirão, citar o bairro ou favela onde ele(a) mora atualmente:
_____

1.11) Caso o(a) proprietário(a) não seja nascido(a) no Pereirão, mas tenha vindo morar aqui, citar o país, cidade, bairro ou favela de origem:
_____

1.12) Os(as) funcionários(as) deste estabelecimento:

A)(☐) São todos moradores(as) do "Pereirão"

B)(☐) São todos moradores(as) de outros bairros ou favelas do Rio

C)(☐) São moradores locais e de outros bairros / favelas

D)(☐) São estrangeiros

E)(☐) Não possui funcionários

1.13) Se são moradores(as) de outras favelas ou bairros do Rio, citar quais: _____

1.14) Se são estrangeiros, citar país de origem:
_____

1.15) Qual o público principal deste estabelecimento hoje?

A)(☐) Predominantemente moradores locais

B)(☐) Predominantemente turistas

C)(☐) Predominantemente moradores e parte turistas

D)(☐) Moradores de outras favelas e bairros do Rio

E)(☐) Metade morador local e metade turista

F)(☐) Moradores do "Pereirão", moradores de outras favelas e turistas

1.16) Você considera que o movimento de turistas no morro impacta o movimento do seu negócio?

A)(☐) Sim B)(☐) Não

1.17) Se sim, em qual intensidade?

A)(☐) Impacta drasticamente

B)(☐) Impacta razoavelmente

C)(☐) Impacta levemente

1.18) Se em algum momento você notou queda no movimento de turistas no morro, dizer quando: _____ _____ _____	1.19) Qual a faixa etária do público principal? A)(☐) Jovens (18 a 35 anos) B)(☐) Meia idade (35 a 55 anos) C)(☐) Idosos D)(☐) Todas as idades

BLOCO 2 – Informações sobre a edificação

2.1) A edificação onde este estabelecimento está localizado possui: A)(☐) Andares de uso comercial e residencial B)(☐) Somente comercial 2.2) Número total de pavimentos: _____ 2.3) O ponto onde este estabelecimento está localizado: A)(☐) Foi construído para receber este estabelecimento B)(☐) Foi ampliado para receber este estabelecimento C)(☐) Já existia antes deste estabelecimento	2.4) O ponto onde este estabelecimento está localizado é: A)(☐) Próprio quitado B)(☐) Próprio ainda em quitação C)(☐) Alugado D)(☐) Cedido

BLOCO 3 – Responder a este bloco somente se você for ou já tiver sido um HOSTEL, ALBERGUE ou CASA DE HÓSPEDES

3.1) Número de quartos coletivos do estabelecimento: _____ 3.2) Número de quartos privativos do estabelecimento: _____ 3.3) Número de leitos do estabelecimento: _____ 3.4) Este estabelecimento: A)(☐) Foi construído para funcionar como Hostel / Albergue B)(☐) Foi ampliado para funcionar como Hostel / Albergue C)(☐) É uma residência que foi adaptada para se tornar um hostel D)(☐) É um estabelecimento comercial que foi adaptado para se tornar um hostel E)(☐) Outro: _____ _____ _____	3.5) Este estabelecimento: A(☐) Recebe somente hóspedes diaristas B)(☐) Recebe somente hóspedes mensalistas C)(☐) Recebe hóspedes diaristas e mensalistas D)(☐) Recebia somente diaristas, mas hoje recebe só mensalistas E)(☐) Outra: _____ _____ _____

Observações Livres

Campo para Assinaturas (opcional)

Aplicador responsável:

Nome _____

Assinatura _____

Respondeu ao questionário:

Nome _____

Assinatura _____

ANEXO F – Questionário Domiciliar Pereira da Silva

Levantamento de perfil socioeconômico e dinâmica imobiliária

Apoio:

Associação de
Moradores da
Comunidade Pereira
da Silva

Número do
questionário

Data

Olá!

Esta é uma pesquisa da USP com o apoio da Associação de Moradores do Pereira da Silva e Projeto Morrinho. Nosso objetivo é fazer um levantamento do perfil socioeconômico, comercial e do mercado imobiliário da Comunidade Pereira da Silva. Sua participação é **extremamente importante**. Você **não será identificado(a)**, pedimos somente a identificação do seu endereço para que os dados possam ser posteriormente relacionados às áreas onde foram coletados. Suas respostas serão totalmente confidenciais e serão somadas às de outras pessoas para apuração dos resultados, e nunca tratadas individualmente.

Mas **ATENÇÃO**, deve ser preenchido somente **UM QUESTIONÁRIO POR DOMICÍLIO**.

Entrevistaremos **PREFERENCIALMENTE** o(a) responsável pelo domicílio ou seu **esposo(a)**, por terem informações suficientes para responder pelo domicílio.

O(A) ENTREVISTADO(A) DECLARA QUE AS INFORMAÇÕES CONTIDAS ABAIXO SÃO VERDADEIRAS.

SÓ DEVERÁ RESPONDER À ÚLTIMA PÁGINA QUEM TIVER IMÓVEIS PARA ALUGUEL.

BLOCO 1 – Identificação do(a) entrevistado(a)

1.1) O(a) entrevistado(a) é: A) ( ) Chefe do domicílio* B) ( ) Marido ou esposa do(a) chefe C) ( ) Outro

*Chefe do domicílio = Pessoa responsável pela casa em que mora / a principal fonte de sustento da casa (ATENÇÃO: Não confundir com PROPRIETÁRIO do imóvel).

1.2) Se outro, indicar qual a sua relação com o(a) responsável pelo domicílio (exemplo: filha do(a) responsável / mãe do(a) responsável): _____

BLOCO 2 – Localização do domicílio

2.1) Endereço completo (favor identificar o número e nome da rua / viela ou beco): _____

2.2) Ponto de referência (ex.: Pousada Favelinha): _____

BLOCO 3 – Informações sobre o(a) entrevistado(a)

3.1) Sexo: A) ( ) Feminino B) ( ) Masculino

3.2) Idade: _____

3.3) Profissão: _____

3.4) Cor ou raça: A) ( ) Branca

B) ( ) Preta

C) ( ) Amarela

D) ( ) Parda

E) ( ) Indígena

3.5) Renda Mensal Média: R\$ _____

3.6) Naturalidade (indicar país, estado e cidade onde nasceu): _____

3.7) Há quanto tempo reside no "Pereirão"? (Se possível, citar ano em que se mudou): _____

3.8) Por que veio morar no "Pereirão"? _____

3.9) Escolaridade:

A) ( ) Ensino Fundamental (1º grau) incompleto

B) ( ) Ensino Fundamental (1º grau) completo

C) ( ) Ensino Médio (2º grau) incompleto

D) ( ) Ensino Médio (2º grau) completo

E) ( ) Ensino Superior incompleto

F) ( ) Ensino Superior completo

G) ( ) Pós Graduação

H) ( ) Sem escolaridade ou analfabeto(a)

3.10) Local onde residia antes de morar no "Pereirão":

A) ( ) Outro país. Qual? _____

B) ( ) Outra cidade do estado do RJ. Qual? _____

C) ( ) Outra cidade **fora** do estado do RJ. Qual? _____

D) ( ) Outro bairro da cidade do RJ. Qual? _____

E) ( ) Outra favela do Rio de Janeiro. Qual? _____

F) ( ) Sempre morou no Pereirão

BLOCO 4 - Caracterização do imóvel e domicílio

4.1) Tipo de imóvel onde mora: A)(☐) Casa térrea B)(☐) Casa térrea de fundos ou puxadinho C)(☐) Sobrado de até 4 andares D)(☐) Kitnet E)(☐) Apartamento em prédio de mais de 4 andares F)(☐) Hostel ou pensão G)(☐) Outro: _____ 4.2) Número total de andares do imóvel onde está localizada a casa em que você mora: _____ 4.3) Os outros andares: A)(☐) São todos parte da sua casa B)(☐) São casas ocupadas por outros familiares seus C)(☐) São casas ocupadas por pessoas que não são da sua família 4.4) Número total de moradores que vivem na mesma casa que você (ou seja, no seu domicílio): _____	4.5) Quem são os outros moradores da sua casa? (Neste campo, citar qual a relação dos outros moradores com o(a) entrevistado(a). Exemplo: Marido e dois filhos) 1º _____ 4º _____ 2º _____ 5º _____ 3º _____ 6º _____ Utilizar o campo de "observações livres" caso existam mais moradores no mesmo domicílio. 4.6) Renda mensal média domiciliar (soma da renda mensal de todos os moradores da sua casa): R\$ _____ 4.7) Situação da casa: A)(☐) Próprio pago por você (pular para 5.9) B)(☐) Próprio ainda pagando (pular para 5.9) C)(☐) Alugado (continuar em 5.1) D)(☐) Cedido (Por quem? _____) E)(☐) Próprio herdado de familiares (pular para 5.9)

BLOCO 5 – Dinâmica Imobiliária

5.1) Se você paga aluguel, o <u>proprietário</u> do imóvel onde você mora é: A)(☐) Morador do "Pereirão" B)(☐) Mora fora do "Pereirão". Onde? _____ 5.2) Você já morou de aluguel em outros imóveis no "Pereirão"? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.3) Se sim, em quantos imóveis diferentes já morou? _____ 5.4) Se já morou em mais de um imóvel no Pereirão, qual o motivo por ter se mudado de um imóvel para outro? _____ 5.5) Se já morou em mais de um imóvel no Pereirão, em quais regiões do morro ficavam os outros imóveis? _____ 5.6) Quando mudou de um imóvel para outro? (Citar ano ou ANOS, caso tenha ocorrido mais de uma mudança) _____ 5.7) Se você aluga, quanto paga de aluguel hoje? R\$ _____ 5.8) Se alugado, qual o modelo de contrato com o(a) proprietário(a)? A)(☐) Contrato "de boca" B)(☐) Contrato assinado através de imobiliária C)(☐) Contrato assinado direto com o proprietário D)(☐) Contrato via Associação de Moradores E)(☐) Outro 5.9) Se o seu imóvel é próprio, você já pensou em vender? A)(☐) Sim B)(☐) Não	5.10) Se já pensou em vender, foi em que momento e por qual motivo? _____ 5.11) Você já recebeu uma oferta acima do valor de mercado pelo seu imóvel? A)(☐) Sim B)(☐) Não 5.12) Se sim, em que momento? _____ 5.13) Se sim, a pessoa que fez a oferta era: A)(☐) Um estrangeiro B)(☐) Um outro morador do "Pereirão" C)(☐) Moradores de outras áreas do RJ interessados em investir no "Pereirão" D)(☐) Outro: _____ 5.14) Você e sua família pensaram em algum momento em se mudar para fora do Pereirão? A)(☐) Sim B)(☐) Não Se sim, em que momento? _____ Por quê? _____ 5.15) Para você, houve mudanças significativas no perfil da população ou no comércio do Pereirão nos últimos dez anos? _____ 5.16) Para você, ficou mais caro morar no Pereirão nos últimos anos? A)(☐) Sim B)(☐) Não Por quê? _____

BLOCO 6 – Bloco específico para LOCADORES de imóveis****quem aluga algum imóvel ou cômodo de sua propriedade para outras pessoas**

6.1) Você <u>ou</u> alguém da sua casa <u>aluga</u> OU <u>já alugou</u> algum cômodo / puxadinho / kitnet ou imóvel de sua propriedade para outras pessoas no Pereirão? A)( ) Sim, eu ou outra pessoa da minha casa estamos alugando neste momento um cômodo ou imóvel para outras pessoas no Pereirão. B)( ) Não, atualmente não alugamos nenhum cômodo ou imóvel para outras pessoas no Pereirão, mas já alugamos no passado. C)( ) Não, nunca alugamos outro imóvel no Pereirão. 6.2) Se você <u>aluga</u> ou <u>já alugou</u> um espaço de sua propriedade para outras pessoas no Pereirão, este(s) espaço(s) eram ou são: (admite mais de uma resposta) A)( ) Um cômodo da minha casa B)( ) Um puxadinho nos fundos da minha casa C)( ) Uma kitnet D)( ) Uma outra casa E)( ) Um ponto comercial F)( ) Outro: _____ 6.3) Qual o perfil predominante de pessoas que alugam <u>ou</u> alugavam o seu imóvel / cômodo? (admite mais de uma resposta) A)( ) Turistas estrangeiros de passagem pelo Rio de Janeiro B)( ) Turistas brasileiros de passagem pelo Rio de Janeiro C)( ) Trabalhadores migrantes de outras favelas do Rio de Janeiro ou estados do Brasil que se mudaram para o Pereirão D)( ) Moradores de outros bairros do Rio que se mudaram para o Pereirão para fugir dos preços altos E)( ) Pessoas nascidas e criadas no Pereirão F)( ) Outro. Especificar: _____ 6.4) Nos últimos dez anos, notou alguma mudança no perfil* de pessoas que <u>alugam</u> ou <u>alugavam</u> seu cômodo ou imóvel? A)( ) Sim B)( ) Não *Por mudança no perfil entende-se uma mudança no perfil socioeconômico dos inquilinos. Exemplo: alugava mais para moradores nascidos no Pereirão e passou a alugar mais para turistas estrangeiros.	6.5) Se sim, em que período notou esta mudança? _____ 6.6) Que tipo de mudanças notou? _____ _____ 6.7) Caso você já tenha alugado algum cômodo ou outro imóvel, mas não alugue mais, por que parou de alugar? _____ 6.8) Se você <u>aluga</u> ou <u>já alugou</u> algum cômodo ou imóvel de sua propriedade no Pereirão, quando começou a alugar? _____ 6.9) Se aluga <u>ou</u> já alugou algum cômodo, puxadinho ou imóvel no Pereirão, qual o tipo de aluguel? A)( ) Mensal B)( ) Por temporada 6.10) Em algum momento o tipo de aluguel foi alterado (de mensal para temporada ou vice-versa)? A)( ) Sim B)( ) Não Se <u>sim</u>, por qual motivo e quando? _____ 6.11) Qual o modelo de contrato para alugar o seu imóvel? A)( ) Contrato “de boca” B)( ) Contrato assinado diretamente com o inquilino C)( ) Contrato assinado com intermédio de imobiliária D)( ) Outro: _____ 6.12) Quais as exigências antes de aceitar um novo inquilino? A)( ) Depósito adiantado B)( ) Fiador C)( ) Ser conhecido ou de alguma família de confiança D)( ) Varia de acordo com quem é o inquilino E)( ) Outra: _____

Observações Livres (utilizar o verso da folha caso precise de mais espaço)

Aplicador responsável:

Nome _____

Assinatura _____